BLACK PANTERA • SEVEN HOURS AFTER VIOLET • SPIRITBOX

#29 | maio de 2026

Rolling Stone

BRASIL

O FIM DO *THE BOYS*

Quando o real se tornou mais absurdo do que a ficção

#MAHA MOMS

Os novos rostos do extremismo nos EUA?

Isa Briones:

A ESTRELA DO *THE PITT*

Que amamos odiar

ERVA DO PIRATA

A saga do último traficante amador (antes dos cartéis)

EXCLUSIVO

No retorno ao Brasil,

KORN

defende a música ao vivo: "Legado e impacto"

SUMÁRIO

26
GIGANTES E FELIZES
Korn discute seu legado e a manutenção do nu metal nos últimos anos

08
A PONTA FINAL
"Nós acreditávamos na maconha", diz o último traficante independente da erva

54
IRON MAIDEN 50 ANOS
Impressões da banda sobre o doc *Burning Ambition*

Rolling Stone

PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)
JAY PENSKE, CHAIRMAN AND CEO
GEORGE GROBAR, PRESIDENT
DEBASHISH GHOSH, MANAGING DIRECTOR, INTERNATIONAL MARKETS
GURJEET CHIMA, VICE PRESIDENT, INTERNATIONAL MARKETS

ROLLING STONE USA

GUS WENNER, CHIEF EXECUTIVE OFFICER
SEAN WOODS, EXECUTIVE EDITOR
LISA TOZZI, EXECUTIVE DIGITAL DIRECTOR
JOSEPH HUTCHINSON, CREATIVE DIRECTOR
MARIA FONTOURA, DEPUTY EDITOR
BRIAN SZEJKA, PUBLISHER, EVP, HEAD OF GLOBAL BRAND PARTNERSHIPS
JESSICA GRILL, ASSOCIATE PUBLISHER

JANN S. WENNER, FOUNDER

ROLLING STONE BRASIL

LUIS FERNANDO MALUF, PUBLISHER

ADEMIR CORREA, DIRETOR DE CONTEÚDO
FELIPE GRUTTER, EDITOR
FELIPE FIUZA, DIRETOR DE ARTE
EMERSON CAÇÃO, TRATAMENTO DE IMAGEM

NESTA EDIÇÃO
ANGELO CORDEIRO, GABRIELA NANGINO, GIOVANA LAURELLI, HENRIQUE NASCIMENTO, IGOR MIRANDA, KADU SOARES, REDAÇÃO
CT JONES, DAVID FEAR, EJ DICKSON, JENNIFER SILVERMAN, STEVE KNOPPER, COLABORADORES

JÚLIA CORREIA, DIRETORA DE PUBLICIDADE
HILÁRIO JÚNIOR, GERENTE DE VENDAS PUBLICITÁRIAS
CONCEIÇÃO AUGUSTO, EXECUTIVA DE NEGÓCIOS
DANIELA ALMEIDA, EXECUTIVA DE CONTAS CORPORATIVAS
MARLEY GALVÃO, EVENTOS
ÁGATA KISSA, COORDENADORA DE NEGÓCIOS

CAPA: **JONATHAN WEINER**
CONTRACAPA: **ANTHONY SCANGA**

SPRING

Copyright © 2026 por Spring Publicações Ltda. Todos os direitos reservados. A reprodução sem permissão do conteúdo total da revista ou de qualquer uma de suas partes é proibida. O nome Rolling Stone e o logotipo são marcas registradas por Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi concedida à Spring Publicações Ltda.

FOTOS: MIKEY JABLONSKI, DIVULGAÇÃO HBO MAX, THIAGO HENRIQUE, MARIANO REGIDOR/REDFERNS, DIVULGAÇÃO AMAZON PRIME

18

ENTREVISTA RS:

ISA BRIONES

Atriz fala sobre peça na Broadway antes de retornar em *The Pitt*

_04_

SAROS

O game em que a loucura e a arquitetura movem a história

_14_

MÃES MAHA

Conheça os novos rostos do extremismo

_36_

BLACK PANTERA

"Nunca quisemos ficar estagnados"

_40_

SPIRITBOX

"Há experimentos que tornam o metal mais variado"

_42_

S.H.A.V.

"É a banda que eu quero", diz Shavo Odadjian

_50_

THE COMEBACK

Série com Lisa Kudrow discute impactos negativos da IA

_44_

THE BOYS

O começo do fim da série do Prime Video

_52_

YES!

Por que este é o filme mais polêmico do ano?

_58_

MICHAEL: O FILME

Entenda a demora para vermos a cinebio do Rei do Pop

EDITORIAL

FESTA SOMBRIA

Entre a nostalgia da experiência ao vivo, a reinvenção dessas vivências em vídeos curtos dançantes e a veneração ressignificada de clássicos com o mesmo fanatismo das buscas por novidades, o Korn retorna ao Brasil após nove anos — em espetáculo que deve ser focado no catálogo mais antigo da banda (das décadas de 1990 e 2000) com espaço para músicas selecionadas de *Requiem* (2022). "Head e eu conversamos sobre tocarmos 'No Place to Hide', 'Need To', 'Lies' ou 'Word Up' [cover do Cameo], uma música grande no Brasil; algumas coisas que não tocamos há um tempo", conta o guitarrista James "Munky" Shaffer.

Ao mesmo tempo que retorna ao país, o quarteto californiano também prepara seu 15º disco de inéditas e acaba de lançar o single "Reward the Scars" como parte da trilha sonora do game *Diablo IV: Lord of Hatred*. Titãs do nu metal, a banda confessa em entrevista exclusiva à *Rolling Stone Brasil* que viveu sua maior popularidade na época da MTV, mas hoje cresceu nos shows como nunca antes. "O mundo passou por uma grande fase de eletrônica — nós também. Agora, as pessoas parecem ter apetite pelo ao vivo", complementa o guitarrista. E Brian "Head" Welch aponta para algo nem sempre notado quando se pensa sobre a trajetória do Korn: o espírito festivo de sua musicalidade. "Estamos focados em diversão e energia e criamos uma festa — mesmo que o tema seja muito intenso e sombrio. Temos um elemento humano que talvez a geração atual esteja buscando. Talvez eles sintam que perderam isso, porque a criação se tornou computadorizada, perfeita e falsa."

Esta edição celebra a sensação do ao vivo para todos os fãs modificados por esses momentos.

FELIPE GRUTTER E ADEMIR CORREA,
EDITORES

Conhecido por projetos de terror como *A Maldição da Residência Hill* e *A Maldição da Mansão Bly*, Rahul Kohli interpreta Arjun Devraj, Executor da Soltari em *Saros*

IMAGEM: ESTÚDIOS HOUSEMARQUE/SONY ENTERTAINMENT

SÓ OS LOUCOS SABEM

Em *Saros*, jogo exclusivo de PlayStation 5 lançado em 30 de abril de 2026, o jogador explora os mistérios do planeta Carcosa e sua beleza violenta

Por **Felipe Grutter**

Eclipse, vultos, sons do mar, crianças rindo e visões (seriam elas do passado ou do futuro?) cercam a mente de Arjun Devraj (Rahul Kohli) antes de acordar em um salão imenso composto por o que parecem ser restos mortais de humanos. Uma voz familiar clama por ele e diz: "O Sol é para sempre". Arjun parece determinado em seguir este chamado enquanto avança pelo local, com um pé-direito que parece tocar os céus, e cercado de criaturas sedentas pela sua morte. Ele chega no primeiro mini-chefe do game mas, com o poder de fogo e habilidades limitadas, é derrotado fatalmente. Porém, em vez de reiniciar do último checkpoint, ressuscita e acorda em uma base da Soltari, megacorporação que explora recursos interplanetários, no planeta Carcosa e encontra Anton Tarn, um de seus colegas de tripulação, falando coisas estranhas, como "fulgura!", com uma atitude agressiva. Ele é impedido e morto por Sheridan Bouchard, comandante da equipe, que está desconfiada — assim como os outros tripulantes — de Arjun e questiona seu desaparecimento há dias. O protagonista não se lembra do que fez neste meio-tempo, e disse que não se recorda de mais nada após o eclipse e que seu desaparecimento durou, na verdade, algumas horas. Assim começa *Saros*, game desenvolvido pela Housemarque e disponível exclusivamente no PlayStation 5.

Os primeiros minutos do jogo definem com clareza o tom que se seguirá no restante da narrativa, envolta em mistérios, e na deterioração psicológica de todos os personagens, que aos poucos sucumbem à influência metafísica de Carcosa. Arjun faz parte da Echelon IV, quarta expedição da Soltari que tem como intuito explorar Lucenita, recurso presente no planeta, e lucrar com isso.

E as outras Echelon? A I foi a equipe de pesquisa, a II foi com os trabalhadores da colônia, a III foi uma operação de apoio e a IV foi enviada como equipe de emergência, visto que as outras missões pararam de fazer contato. Ou seja, Arjun chega em um planeta inóspito para entender o que houve com os outros grupos desaparecidos.

A partir desta premissa, o objetivo do jogador é explorar os diversos biomas de Carcosa, cujas ruínas trazem a memória de uma civilização antiga e altamente desenvolvida, enquanto enfrenta as mais diversas ameaças — que incluem criaturas voadoras e terrestres — e desvendar os locais para adquirir recursos para os upgrades na armadura, armas e habilidades especiais.

Saros é um jogo roguelite, no qual as mortes do jogador são permanentes e você precisa recomeçar as fases sempre que morre mantendo o progresso, de Bullet Hell, cujo foco é desviar de uma quantidade massiva de projéteis inimigos — na verdade, a Housemarque considera seus games como Bullet Ballet ao combinar tiro e movimento em algo fluido, preciso e satisfatório, como uma dança, mesmo.

A GAMEPLAY ENCONTRA A ARTE

Não somente com a história intrigante e os quesitos técnicos, *Saros* também impressiona na parte visual e artística, seja pelos trajes dos personagens, aparência dos inimigos (destaco aqui todos os Supremos, os chefões, que são um espetáculo visual), interfaces ou os ambientes dos biomas. No entanto, no DNA da Housemarque, a jogabilidade vem antes de qualquer coisa no desenvolvimento de seus games.

Em entrevista à *Rolling Stone Brasil*, o italiano Simone Silvestri, diretor de arte da empresa e do jogo, revelou como ele e sua equipe construíram toda a parte visual do projeto — e como ela dialoga com a loucura mental inevitável dos personagens. Durante a produção, ele precisou entender as filosofias de gameplay para, então, aprimorá-las por meio da arte, em vez de simplesmente seguir o próprio caminho.

"Tudo precisa estar conectado e dialogar com a experiência do jogador, que é sagrada, e esse é o tipo de game que amo jogar", explicou por chamada de vídeo com pôsteres de *Control* (2019), *CrossfireX* (2022) e *Alan Wake 2* (2023), games da Remedy — desenvolvedora na qual atuou antes de assumir o cargo de diretor de arte da Housemarque —, ao fundo. "Na Housemarque, a jogabilidade molda a arte muito mais do que o normal."

Dentro da atual empresa, Silvestri precisa, antes de tudo, encontrar os "verbos" do jogador: como é a sensação de atirar? Como isso deve parecer? Qual é o tipo de impacto que querem dar à arma? Onde colocar o "suco": quando o projétil chega, quando é disparado, ou ambos? Como criar explosões que ainda sejam legíveis, mas que façam você se sentir realmente poderoso?

"Por exemplo, quando tivemos que encontrar nosso estilo arquitetônico para essa civilização antiga, queríamos uma arquitetura imensa em escala, porque o nível de detalhe precisava ser muito alto na imagem, enquanto o plano médio precisava ser muito limpo, porque ele funciona como uma tela — nela queremos que a jogabilidade pinte com um 'pincel arcade', então é importante preservar isso", disse.

REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS E ARTÍSTICAS

Para construir os cenários imensos e marcantes de Carcosa, a direção de arte olhou para a arquitetura neoclássica por conta de alguns fatores: detalhamento mais discreto, escala massiva, estátuas, culto ao misticismo e, especialmente, os arcos.

> «Tudo em Carcosa precisa ser bonito, mas também faminto, perigoso e violento»

Este último é uma estrutura bastante presente em Carcosa, tanto na base da Soltari quanto em seus múltiplos biomas.

"Esses arcos são muito importantes, porque o jogador é muito rápido; trato quase como um carro de Fórmula 1, e é gostoso passar por baixo dos arcos, certo? É quase como um desafio contra o tempo." Porém, a arquitetura neoclássica, com seus formatos arredondados, era segura demais para a gameplay, que a todo momento entra em combate frenético e mortal. Aí que entra o Futurismo italiano, com arquitetos como Antonio Sant'Elia, Virgilio Marchi e Mario Chiattone e pintores como Fortunato Depero.

"Chegamos a essas formas rítmicas, verticais e violentas que reforçam essa sensação de velocidade e ritmo", conta Simone Silvestri. "Assim surgiu nossa concepção artística — chamamos de 'Beleza Violenta'. Tudo em Carcosa precisa ser bonito, mas também faminto, perigoso e violento. Essa fusão nos deu a centelha que procurávamos."

Todas essas ideias e referências nascem da necessidade de como potencializar a fantasia de velocidade do jogador com a força imparável que é Arjun. Nesse ritmo, é quase como se o player estivesse em um túnel e simplesmente quisesse atirar nas coisas.

Outro elemento de gameplay são os projéteis inimigos. Como estamos falando de um Bullet Hell — ou melhor, Bullet Ballet —, a tela fica preenchida com as balas das criaturas e chefões. Diferente de *Returnal* (2021), último game da Housemarque, o jogador pode interagir com os percursos, que passam a ser um playground em vez de somente um obstáculo.

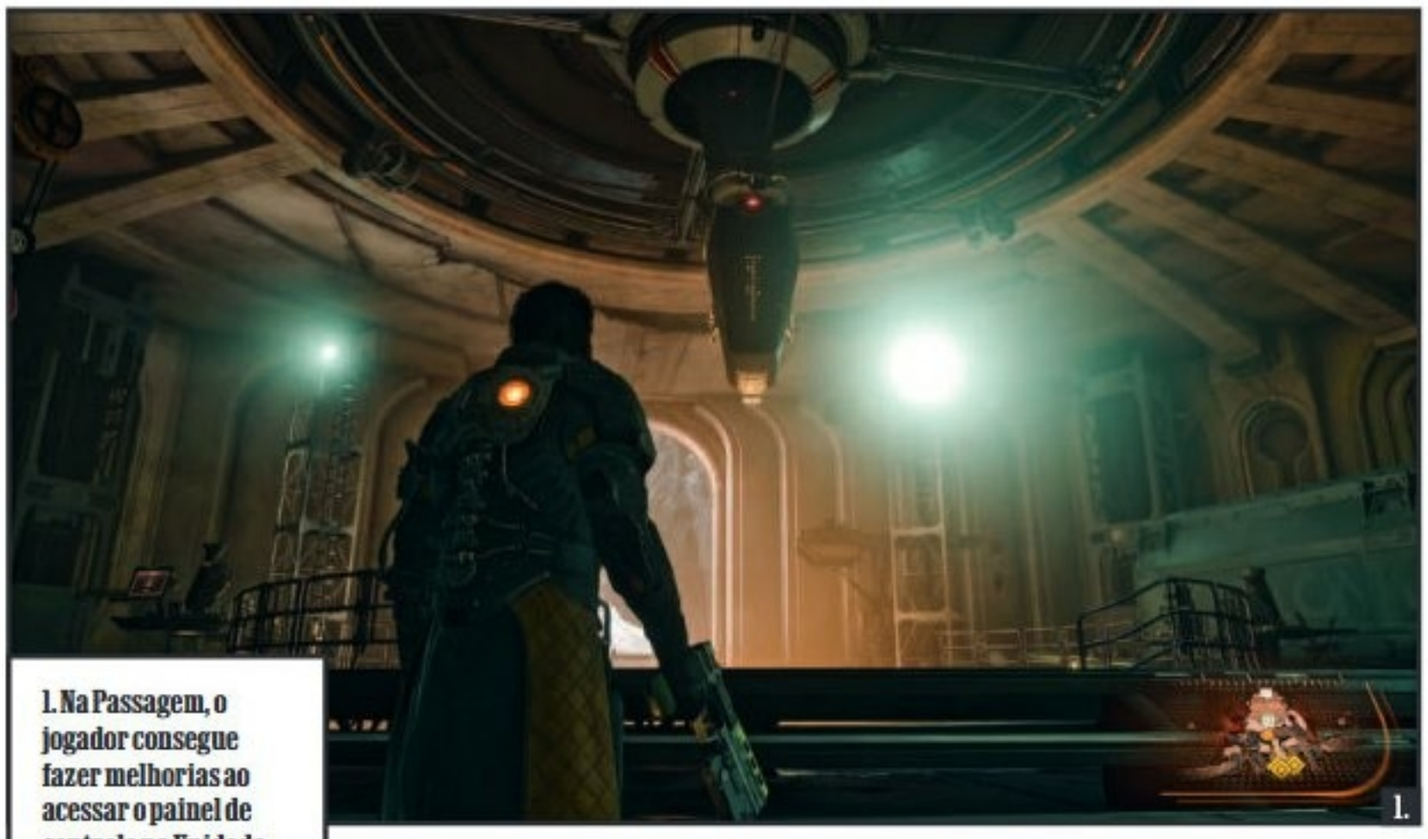
"Como você interage usando o escudo, precisa ser muito satisfatório quando absorve os projéteis, certo? Você suga todas essas balas e então libera aquele ataque poderoso", comentou Silvestri. "Tivemos que projetá-las de uma forma em que sejam hostis, mas muito agradáveis de absorver — aí que a arte pode realmente ajudar. Quando são disparadas de longe, são mais vazias e limpas. De perto contam com muito mais detalhes, mas só quando estão próximas o suficiente, porque não queríamos prejudicar o jogador com confusão visual."

Para ter coesão com a equipe de desenvolvedores responsáveis pela gameplay, o diretor de arte precisa de uma colaboração constante com a jogabilidade. Simone circulava pelo escritório da Housemarque para conversar com todo mundo e garantir que o necessário precisava ser feito: "A equipe tem muita consciência dessa filosofia, porque temos uma identidade muito forte e realmente acreditamos nela no nosso núcleo".

Toda essa complexidade visual e de jogabilidade tem o contraste de menus e interface minimalistas. Simone Silvestri montou essa parte com Johannes Koski, diretor de UI/UX, que teve a ideia limpa para o HUD, com o indicador de vida dando uma ideia de aceleração, com uma curva para cima a partir da base. A equipe do diretor de arte pegou alguns desses elementos para usar em outras partes de Saros.

"Esse contraste que você sente — no qual a UI é minimalista, mas o jogo é carregado de detalhes — é totalmente intencional, porque eles funcionam muito bem pois são complementares", disse. "Se ambos fossem minimalistas, ou ambos fossem extremos, a combinação não funcionaria tão bem."

IMAGENS: ESTÚDIOS HOUSEMARQUE/SONY ENTERTAINMENT



1. Na Passagem, o jogador consegue fazer melhorias ao acessar o painel de controle na Unidade Principal; 2. Combates de *Saros* são marcados pelos múltiplos projéteis e imigos em tela; 3. Arjun interaje com Kayla Rhodes, tripulante da Echelon IV

MUNDO EM RUÍNAS

Existe um certo grau de familiaridade nos destroços de Carcosa. Italiano de Roma, Simone Silvestri cresceu e viveu com ruínas ao seu redor, desde o Coliseu ao Fórum Romano e o Monte Palatino, mas ele e sua equipe também buscaram referências em elementos mais concretos, como história das civilizações, misticismo e folclore, para achar algo bem fundamentado. A partir disso, injetaram elementos mais estranhos de mangás, quadrinhos ocidentais e filmes de ficção científica dos anos 1980.

"É assim que você abstrai algo concreto e, aos poucos, cria algo muito único. Para nós, desde o início, Carcosa precisava ser seu próprio personagem e ter sua própria voz dentro do jogo", exemplifica. Isso cria uma fricção visual, que resulta em algo novo e interessante: "Quando acontece, você só precisa harmonizar com o jogo e escalar a ideia".

Com esse amálgama de referências, as ruínas entram para adicionar camadas e histórias à narrativa de Saros. Como foram construídas? Quem as construiu? Como foram parar ali? Por que tudo está destruído? Onde estão os habitantes de Carcosa? Isso permite que cada jogador tenha sua própria interpretação sobre a lore do planeta.

"As ruínas são um recurso muito eficaz para isso, porque fazem você questionar a história", complementa Silvestri. "A resposta é a jogabilidade para avançar pelo jogo, aproveitar a rejogabilidade do nosso combate momento a momento e, aos poucos, absorver cada vez mais detalhes do mundo e dos ambientes."

E DISSO OS LOUCOS SABEM

Com a parte visual de Carcosa bem amarrada, Silvestri enxerga uma beleza em usar a deterioração psicológica dos personagens para dar a noção ao jogador de que a situação está piorando.

Segundo ele, existem três jornadas: a narrativa ("destruição da sanidade e a maneira de atravessar o jogo na pele de Arjun, simplesmente vivenciando a experiência"), a de poder ("há poder na corrupção e corrupção no poder: quanto mais você evolui e avança pelo mundo, mais poderoso você se torna, mas mais corrompido você fica. Existe um preço a se pagar") e a geográfica ("algo grande e mostrar: 'Aqui está toda Carcosa e a cidade' — você a vê e, eventualmente, pode chegar até lá e aproveitar os marcos —, mas até o próprio mundo precisa escalar").

"Para mim, era super importante que essas jornadas dissessem a mesma coisa e levassem à mesma conclusão, falando sobre uma história de obsessão, ganância, poder e desmoronamento."

A PONTA FINAL

De pé, Harvey Prager veleja com seu amigo Sally

Antes de os cartéis assumirem o controle, Harvey Prager construiu uma vida com milhões de dólares do dinheiro das drogas. Um promotor o chamou de "o último dos grandes traficantes amadores". Esta é a sua história

Por **Jack Crosbie**

Os contrabandistas estavam no meio do caminho de Key West, na Flórida, com um barco cheio de maconha ruim quando os ventos se voltaram contra eles. O vento não tinha sido gentil durante toda a viagem — e, quando você está transportando maconha em um veleiro de 61 pés com casco de aço, precisa do vento a seu favor. Harvey Prager estava de vigia havia horas, conduzindo a embarcação sob chuva castigante e ondas de 20 pés no Canal de Yucatán. Os turnos de vigia eram de quatro horas, dia após dia. Abaixo do convés, os tripulantes tentavam dormir apesar do balanço violento do barco, chamado The Escape. No convés, Prager sabia que precisava permanecer atento. A travessia era um ótimo lugar para ser capturado pela Guarda Costeira — ou pior, ser atropelado por um navio cargueiro. O The Escape tinha um motor potente que recarregava as baterias que alimentavam as luzes e os equipamentos rudimentares da tripulação, mas ele estava penando, consumindo diesel enquanto empurrava o barco para cima e para baixo em ondas montanhosas. O fim já estava à vista, porém, se conseguissem abrir caminho pelo canal, desviar dos navios de contêineres e da polícia, pegariam os ventos da Corrente do Golfo e poderiam seguir direto rumo ao norte até a costa do Maine, onde esconderiam o barco em uma pequena enseada tranquila, descarregariam a maconha e embolsariam o dinheiro, vivendo como reis na Nova Inglaterra no final do verão de 1976. Era com isso que Prager sonhava — pelo menos até o rádio chiar lá embaixo.

O rádio, um velho Zenith Trans-Oceanic surrado, era o único elo deles com o mundo exterior, trazendo ocasionais boletins meteorológicos e pouco mais. Não tinham celulares, radar nem comunicação por satélite. Navegavam por sextante e mapa. Se afundassem, ninguém jamais os encontraria — e o rádio avisava que o tempo estava prestes a piorar ainda mais. Um furacão havia se formado ao norte das Bahamas, crescendo e curvando-se para oeste, cortando a rota até o Maine e deixando os contrabandistas à deriva no mar, sem porto seguro.

Prager e os outros três tripulantes se reuniram sob o convés para traçar um plano. Mike "Cochise" Pace, um veterano andarilho que crescera no mar e era o capitão eleito do grupo, logo percebeu que teriam de seguir para a costa leste da Flórida, onde um amigo tinha uma casa de veraneio com um píer longo o bastante para atracar o The Escape e descarregar a carga. Já haviam usado o píer antes, mas não falavam com o sujeito havia meses; era um risco que teriam de correr. Navegaram para o norte, costeando a Flóri-

FOTO: CORTESIA DE HARVEY PRAGER

da, e entraram pelo delta pantanoso do rio St. Mary's, bem na fronteira com a Geórgia, onde atracaram pouco antes da meia-noite. Ao longe, uma luz se acendeu. Um homem saiu de dentro da casa e caminhou até o píer. Quando se aproximou, perceberam que não era o amigo. Ele havia se mudado. Eles tinham acabado de atracar um barco carregado com mais de três toneladas de maconha no quintal de um desconhecido.

O desconhecido, ao que parecia, era amigável. Na manhã seguinte, seu filho em idade escolar saiu de casa e quis conhecer o barco. Os contrabandistas deixaram o menino subir a bordo, e ele escalou escotilhas que, se abertas, revelariam dezenas de crimes em forma de carga ilícita. Prager conseguiu uma carona até a cidade, onde encontrou alguns amigos, alugou um enorme caminhão amarelo da Ryder e montou uma equipe de apoio de emergência para ajudar os marinheiros a descarregar.

Depois de mais alguns dias de navegação errante e tensa pelos pântanos da Flórida, os contrabandistas finalmente encontraram uma enseada isolada e acessível o suficiente para descarregar, perto de um bairro meio desenvolvido chamado Pirates' Wood. Colocaram os fardos no caminhão da Ryder. O terceiro tripulante, que atendia pelo nome de Kaumu, entrou na cabine, com Prager no banco do passageiro. Cochise ficou com o The Escape, soltando as amarras rumo às agora calmas águas das Bahamas. O pior já tinha passado, pensou Prager, enquanto adormecia no banco do caminhão.

Minutos depois, ele foi sacudido, acordando de repente. A fronteira entre Flórida e Geórgia é repleta de postos de inspeção agrícola. Kaumu insistia que deveriam seguir as regras e tentar conversar para passar. Prager, ainda atordoado de sono, queria simplesmente ignorar e seguir com o restante do tráfego não comercial. Mas Kaumu estava ao volante. O caminhão parou. Os fiscais se aproximaram e pediram para ver a parte de trás. Desesperados, os contrabandistas mentiram, dizendo que transportavam móveis e que não tinham a chave. Teriam de ligar para o chefe de um posto de estrada adiante para que ele fosse até lá abrir o compartimento.

Até então, contrabandear maconha tinha sido uma grande aventura — uma fuga de uma sociedade que havia acabado de jogar a geração de Prager num moedor de carne no Vietnã, uma rejeição aos políticos corruptos, pregadores retrógrados e capitalistas gananciosos que comandavam o mundo. Mas agora os riscos eram reais. O caminhão, percebeu Prager com um arrepio de terror, havia sido alugado em seu nome. Seu nome verdadeiro. Restavam apenas duas opções: abrir o caminhão, se entregar e aceitar a punição imposta pela sociedade — ou fugir.

Esse, contou Prager anos depois, foi o momento em que se tornou um pirata. Ele e Kaumu foram até o motorista de um caminhão grande mais próximo e pediram carona. O motorista seguia para o norte, o que já bastava para eles. Eles fugiram, deixando dois policiais estaduais desavisados e entediados com um caminhão cheio de maconha colombiana à beira da estrada.

Ao longo dos dez anos seguintes, Prager se tornaria o chefe de uma organização de contrabando de maconha multimilionária, vivendo sob constante investigação e acusações formais, sempre um passo à frente da lei em Nova York, Boston, Key West e por todo o Caribe, chegando a coordenar uma rede de meia dúzia de embarcações transportando maconha da Colômbia para o nordeste dos Estados Unidos. Os homens e mulheres sob seu comando eram um bando heterogêneo de sonhadores e andarilhos, unidos pelo amor à aventura, pelo desprezo por uma sociedade que havia descartado seus amigos no Vietnã e pelo desejo de espalhar o evangelho da ganja. De 1979 até meados da década de 1980, viveram como reis pelo Caribe, comprando propriedades e aviões e festejando todas as noites com Jimmy Buffett e outros "santos padroeiros" da contracultura. O império de Prager, no que se pode chamar assim, foi uma entre muitas operações que deram origem a uma era de ouro do tráfico de drogas, nos últimos anos antes de os cartéis organizados entrarem em cena e entrarem em guerra com o governo Reagan, à medida que o apetite dos Estados Unidos mudava da maconha para a cocaína e um novo mundo de repressão e perigo levava contrabandistas independentes à ruína. Eles eram, como disse um promotor durante a sentença de Prager anos depois, "os últimos dos grandes amadores".

"Traficávamos maconha porque acreditávamos nela. Sabíamos que não havia razão alguma, no mundo, para que fosse ilegal"
Harvey Prager

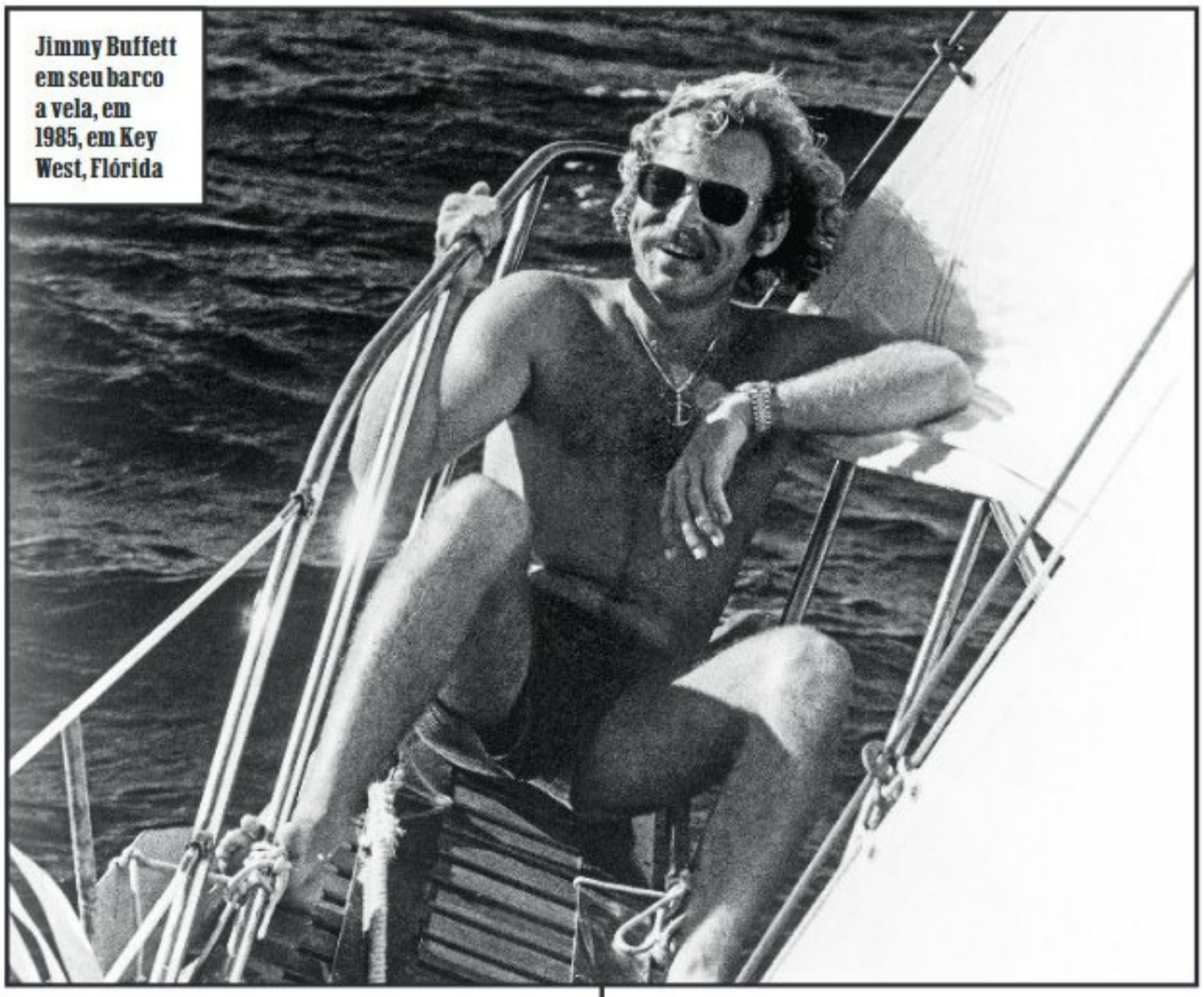
"Nós traficávamos maconha porque acreditávamos nela", Prager me diz. "Sabíamos que não havia razão alguma, no mundo, para que fosse ilegal."

O extraordinário caso judicial de Prager, que resultou em uma das sentenças mais incomuns já proferidas, foi um frenesi midiático no fim dos anos 1980. Você está lendo agora a história completa — de como um pesquisador de Harvard construiu um império de drogas da Colômbia a Cambridge — não por algum feito de reportagem da minha parte, mas por um acaso simples do destino: Harvey Prager mora no apartamento abaixo do meu, em um prédio de seis unidades em Bedford-Stuyvesant, no Brooklyn, com uma namorada do ensino médio com quem se reencontrou décadas depois de sua vida como criminoso fugitivo ao redor do mundo.

O covil da serpente

Key West, Flórida, era um paraíso para contrabandistas. Em meados dos anos 1970, a longa rede dos Florida Keys capturou uma geração de restos da contracultura em uma teia de amor livre, drogas abundantes e bebida barata. A cidade era um labirinto de bares e mercados de peixe, que fascinava escritores como Jim Harrison, Guy De la Valdéne e Richard Brautigan, que bebiam diante de artistas de rua como um jovem Jimmy Buffett. Moradores se lembram de uma mulher que levava aos bares um furão adestrado para usar o banheiro e beber cerveja, e de um prefeito de cidade pequena que, por aposta, fez esqui aquático até Cuba. A cidade era, ao mesmo tempo, o fim do mundo e o centro dele, a uma curta viagem de barco ou avião tanto da metrópole em expansão de Miami quanto das ilhas do Caribe.

Prager e a tripulação original — Jake "Pigpen" Keenan e Mike "Cochise" Pace — se encaixaram perfeitamente quando conseguiram levar o The Escape até um estaleiro em Stock Island, em 1975. Eram, mais ou menos, vagabundos, vivendo no estaleiro por alguns dólares por semana e dormindo no chão sob o barco. Durante o dia, trabalhavam para adaptar o The Escape para sobreviver à viagem de cerca de 1.500 milhas até a costa colombiana. À noite, saíam debaixo do casco e caminhavam até a Mallory Square, uma ampla praça no centro de Key West onde moradores se reuniam para aproveitar os últimos raios de sol em meio a uma névoa de fumaça de maconha. Depois de escurecer, às vezes iam aos bares. O coração da cena era o Snake Pit, um bar oficialmente chamado Old Anchor Inn, que ocupava o térreo de um prédio de madeira desgastado na Duval Street, a poucos quarteirões da praça. Em uma inscrição do lado de fora do prédio atual, o escritor Tom Corcoran afirma que Buffett certa vez fugiu do apartamento acima do bar após uma briga amorosa e que os frequentadores ficavam sobre tijolos para escapar da água dos banheiros transbordando enquanto apostavam em partidas de sinuca. Os contrabandistas viveram intensamente em Key West por cerca de seis meses, bebendo cerveja e suando sob o barco enquanto escavavam o casco para transportar maconha. Tornaram-se frequentadores assíduos do La Sorpresa, restaurante cubano na A1A, onde todos se apaixonaram por uma garçonete chamada Bianca.



Jimmy Buffett em seu barco a vela, em 1985, em Key West, Flórida

Prager e Keenan haviam se conhecido alguns anos antes, quando Prager acabara de deixar um programa de doutorado em Harvard. Keenan tinha conexões tanto com a cena de festas em ascensão de Cambridge quanto com alguns pequenos traficantes regionais de maconha, que encantavam a dupla com histórias de transporte de droga em picapes pela fronteira mexicana. Em festas enfumaçadas e longas noites de bar, Prager e Keenan se aproximaram como só sonhadores subempregados conseguem, e um plano começou a surgir: comprar um barco, viajar pelos mares e talvez transportar um pouco de maconha. Eles pegaram dinheiro emprestado com traficantes locais para financiar o barco e recrutaram Pace, amigo de infância de Keenan que crescera no mar, para ajudar a pilotá-lo. Quando compraram o The Escape, ele mal estava em condições de navegar, e os contrabandistas o levaram com dificuldade apenas o suficiente para conseguir uma vaga em Key West.

O contrabando não era, para nenhum dos três, um caminho profissional natural. Eram maconheiros, claro, mas a maior parte da tripulação havia passado por instituições de elite ou por empregos formais. Quando Prager deixou Harvard, estava a caminho de uma carreira promissora na academia, vindo de experiências como professor na Argentina e de um diploma de graduação *summa cum laude* (com a maior das honras) pelo Bowdoin College, no Maine. Keenan havia passado pelo Corpo da Paz e depois vagado pelo mundo, concluindo que a ignorância dos americanos em relação a outras culturas havia levado o país diretamente ao desastre do Vietnã. Era 1974: o presidente era corrupto, seus amigos estavam morrendo, e a década anterior de amor livre e expressão parecia algo distante.

"Não sabíamos o que vinha a seguir", Keenan me diz. "Devíamos ir para uma comunidade alternativa, continuar estudando... Tudo parecia ou se vender ou fugir. As ideias dos anos 1960 não tinham realmente uma bússola."

Por um tempo, o contrabando foi a cura. A primeira operação do grupo ocorreu sem problemas — quando Pace, Keenan e Prager transportaram cerca de 3 toneladas de maconha da Colômbia até o Maine. A segunda viagem, claro, deu terrivelmente errada, mas menos de um ano depois, Prager, Cochise e outros dois tripulantes fizeram a travessia pela terceira vez em tantos anos, desta vez levando quase 4,5 toneladas de produto e conseguindo entregá-lo na Flórida. Os lucros cobriram o prejuízo da segunda operação e, crucialmente, quitaram a dívida do trio original com o pequeno traficante que havia financiado a compra do The Escape em troca do compromisso de duas operações bem-sucedidas. Prager e Cochise se viram donos de uma embarcação eficiente para o contrabando, com centenas de milhares de dólares no bolso e sem dever nada a ninguém. Era hora, pensou Prager, de seguir por conta própria.

Reis do Caribe

Mick Fleetwood queria muito dirigir. O problema era que as estradas da ilha de Saint Barthélemy eram estreitas, sinuosas e completamente escuras — fazer uma curva rápido demais significava cair de um penhasco direto no mar. Prager conhecia aquelas estradas, claro, aquela era sua ilha, onde havia construído uma vida com milhões de dólares do tráfico. O problema era que ele estava bêbado — e Fleetwood também. Os dois discutiram sobre quem estava um pouco mais sóbrio e chegaram a um acordo: Fleetwood ficaria ao volante, e Prager se agarraria com todas as forças no banco do passageiro de seu próprio carro. (Um representante de Fleetwood não respondeu aos pedidos de entrevista.)

Uma coisa em que os dois concordavam era que toda aquela situação era culpa de Jimmy Buffett. A noite começou como tantas outras que Prager passava no paraíso remoto de St. Barts. Ele terminou o trabalho na casa que estava construindo no topo da colina e seguiu até um dos bares — neste caso, o Autour du Rocher, uma discoteca de azulejos e tijolos sobre um penhasco vulcânico com vista para o oceano. Ao chegar, juntou-se aos habitués, que, no início dos anos 1980, incluíam Buffett, um dos sócios do bar. Prager sentou-se à mesa e pediu uma bebida, mas uma noite tranquila não estava nos planos. Buffett estava hospedando Fleetwood naquele fim de semana, e os dois decidiram que fariam um show: afinal, o Autour du Rocher tinha um sistema de som ali mesmo — por que não levá-lo para fora e tocar para a ilha inteira? Levaram caixas de som, teclados e uma bateria para fora, e Fleetwood e Buffett improvisaram uma banda. Ao fim do show, parecia que a ilha inteira estava bêbada. Naquela noite, Prager e Fleetwood conseguiram chegar às suas respectivas camas inteiros.

Durante o dia, Prager trabalhava na casa que construía na ilha, parando ocasionalmente para tomar cervejas no Le Select, um bar famoso próximo ao porto de St. Barts. "Se você estivesse procurando alguém ou quisesse que alguém te encontrasse, era só ficar no Select", lembra Prager, onde "crianças hippies nuas rastejavam pelo chão e beatniks dos anos 1950 planejavam revoluções".

Pace e Bianca, então casados, viviam nas proximidades, em Saint Thomas, e o filho pequeno deles, Simon, era companheiro de brincadeiras da infância de Savannah, filha de Buffett, quando visitavam St. Barts nas férias. (Bianca e Savannah se recusaram a comentar.) Prager passava a maior parte do tempo em St. Barts, mas não era estranho aos Estados Unidos: à medida que a organização crescia, ele diz que ficou mais difícil movimentar o dinheiro do que a maco-

FOTOS: MICHAEL OCHS ARCHIVES/GETTY IMAGES; SACHA LECCA

nha. Prager voava entre os EUA e o Caribe com dinheiro preso ao corpo. Conseguia esconder US$ 100 mil por viagem — depois de trocar bolsas cheias de notas pequenas por pilhas de notas de cem em esquemas obscuros de lavagem de dinheiro nos bairros periféricos de Nova York. Prager também se interessava profundamente pelas complexidades do cultivo, às vezes passando semanas nas montanhas colombianas vivendo com tribos indígenas que plantavam sua maconha e criando laços com contatos colombianos que levavam o produto até seus barcos.

Em poucos anos, Prager construiu uma vida expansiva como um chefão do Caribe, transformando a operação improvisada de contrabando em uma organização sofisticada, com várias tripulações, que transportava dezenas de milhares de toneladas de maconha. Havia uma regra rígida: apenas maconha. Mas, à medida que os anos 1970 davam lugar aos 1980, o auge da erva começava a desaparecer. O fornecedor de Prager, um homem "adorável" com quem trabalhava desde 1977, começou a perguntar se ele poderia transportar uma carga mais lucrativa: cocaína. A pressão cresceu lentamente. Os campos férteis de maconha nas montanhas próximas a Santa Marta não eram prioridade imediata para os novos cartéis organizados. Mas Barranquilla, do outro lado da baía, era, como diz Prager, uma "cidade de cartel". Com o tempo, os pedidos começaram. Do ponto de vista econômico, faziam sentido: a maconha era volumosa, pesada e muito menos lucrativa. Prager compara a situação a "contrabandear elefantes quando você poderia contrabandear diamantes". Mas ele permaneceu firme: na maconha ele acreditava, na cocaína não. O fornecedor não entendia, mas respeitou — até onde pôde. Eventualmente, no início dos anos 1980, veio o ultimato: levar a droga pesada junto com a maconha, ou nada. Mas, no verão de 1981, os cartéis não eram o maior problema de Prager. Por anos, ele vivera uma vida de sorte ao sol. Farreava com estrelas do rock, dançava, cantava e acumulava dinheiro em contas offshore. Porém, enquanto Prager se mantinha discreto, as autoridades se aproximavam.

Afundar com o navio

Em 1981, a operação de Prager havia se expandido para uma rede frouxa de meia dúzia de embarcações, uma frota pirata que geralmente podia ser encontrada à deriva pelo Caribe. Eles também haviam aprimorado o processo: em vez de enfrentar os ventos offshore brutais em veleiros, o grupo passou a usar um barco de pesca convertido para avançar por mares agitados e carregar enormes remessas de dezenas de milhares de quilos de maconha. A embarcação-mãe então seguia lentamente até um porto isolado nas ilhas, onde os veleiros dividiam a carga e iniciavam suas viagens rumo aos Estados Unidos. A operação daquele verão era grande: três veleiros, carregados de maconha, todos a caminho do esconderijo do grupo em Little Deer Isle, no Maine. Jim "Spock" Homan, outro amigo de Pace e Keenan da Geórgia, havia instalado sistemas de rádio de longo alcance na maioria dos barcos, e, de um escritório empoeirado no esconderijo de Little Deer, Prager permanecia em contato constante, coordenando diferentes aspectos da operação. Os três barcos estavam quase em casa, navegando os últimos quilômetros antes de desaparecer no labirinto inexplorável de enseadas e baías do Maine. Então, do esconderijo, o rádio apitou. Era o capitão do primeiro barco, trazendo a pior notícia que qualquer um deles já havia recebido no mar. "Estão embarcando".

Um barco da Guarda Costeira que passava percebeu que a embarcação deles estava suspeitamente baixa na água — pesada demais para um passeio. Decidiram inspecionar e, assim, tudo veio à tona. A tripulação — que incluía Kaumu, o motorista do fatídico caminhão Ryder anos antes — foi presa, e a operação começou a desmoronar a partir daí.

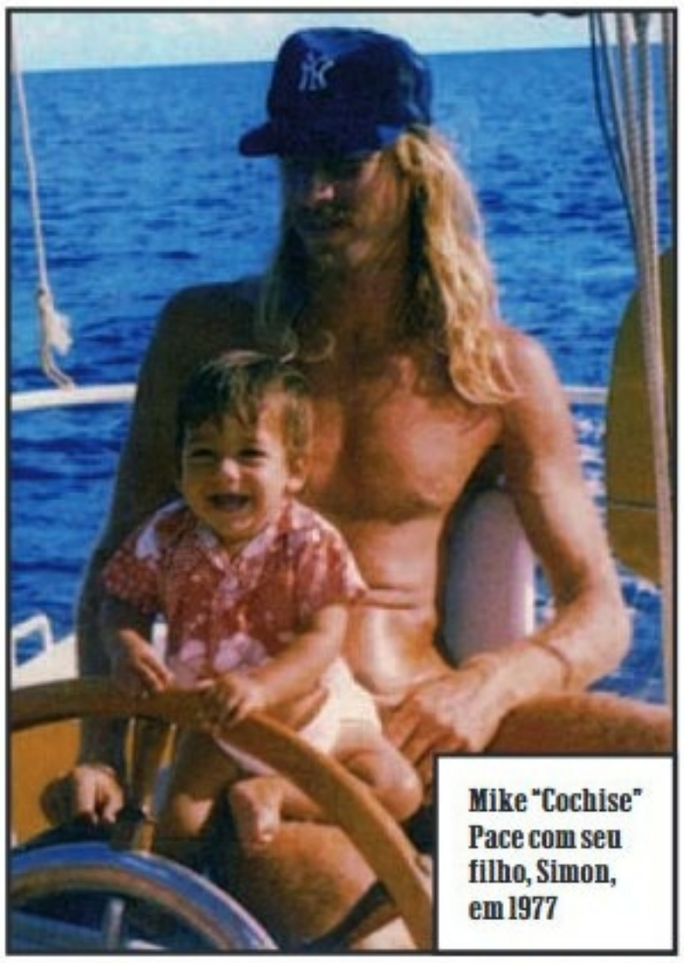
As autoridades avançaram devagar no início. O grupo pagou a fiança dos tripulantes, e parecia que poderiam alegar ignorância e sair com consequências leves. Mas, em 1984, uma série de acusações federais tornadas públicas deixou claro que as autoridades haviam conseguido alguém para delatar. O grupo, já disperso pelo hemisfério ocidental, se espalhou ainda mais. Alguns, como Homan, conseguiram "passaportes de bebês mortos" — um passaporte real em nome de uma criança próxima à sua idade que havia morrido na infância sem registro adequado — e passaram anos vagando pelo mundo, tentando manter vidas familiares fragmentadas em seus países de origem. Em 1985, Prager foi brevemente à Argentina, onde ajudou a montar uma instituição de cuidados paliativos usando parte de seu dinheiro do tráfico. Mas ele estava determinado a terminar a casa em St. Barts e voltou para lá em 1986 para finalmente fazê-lo. Nas ilhas, usava seu passaporte e nome verdadeiros. No fim de 1986, a casa — e a vida de Prager em St. Barts — estavam encerradas.

Roubo em Knightsbridge

No fim de julho de 1987, Prager e sua namorada, Sandrine, voltaram a Londres após três semanas em Bali, na Indonésia. A viagem havia sido "mágica", lembra Prager, e o casal deixou as malas em seu apartamento arejado e saiu pela cidade, ainda atordoado pelo fuso horário e embriagado de amor, em busca de café. No caminho para um café, passaram por uma banca de jornal — e o mundo de Prager desmoronou mais uma vez diante dele.

A manchete dos tabloides naquele dia trazia uma atualização explosiva sobre o roubo de Knightsbridge, um assalto audacioso que havia abalado o Reino Unido enquanto Prager e Sandrine estavam no extremo oriente. Um grupo de ladrões havia invadido o centro de cofres de segurança de Knightsbridge, em Londres, levando quase 40 milhões de libras em dinheiro e objetos de valor. Um dos cofres violados pertencia a Prager — mas, para seu azar, os ladrões deixaram o conteúdo intacto. Quando a Scotland Yard chegou para investigar, encontrou, entre os destroços

Harvey Prager, Jake "Pigpen" Keenan e Mike "Cochise" Pace se reuniram em 2009



Mike "Cochise" Pace com seu filho, Simon, em 1977

deixados para trás, o passaporte original de Prager e uma pilha de registros financeiros, correspondências e documentos que o identificavam como um homem procurado pelas autoridades americanas por tráfico de maconha em toda a costa leste. Foi isso que Prager viu em sua caminhada, ainda com jet lag, em busca de café: uma foto de tabloide do banco, coberto por papéis e documentos abandonados pelos ladrões.

Prager voltou correndo para o apartamento, em pânico. Sandrine, preocupada, só podia imaginar o que estava acontecendo. Eles estavam juntos havia pouco mais de um ano, depois de se conhecerem por meio de um contato profissional de Prager, quando ele começava a construir uma carreira como marchand na Europa. Segundo Prager, ele havia dito de forma geral que tinha "um problema", mas as convenções da sociedade francesa fizeram com que ela nunca perguntasse exatamente por que ele evitava voltar aos Estados Unidos. Nos três meses seguintes, Prager refletiu longamente sobre seu futuro. Na casa em Londres, com as paredes cobertas por pinturas que havia adquirido em sua nova carreira, ele ouviu repetidas vezes "A Pirate Looks at Forty", de Jimmy Buffett. Quase quatro décadas depois, ainda sabe a letra de cor — versos que me repete muitas vezes ao longo de nossas horas de conversa em seu escritório no porão. "I've done a bit of smugglin', and I've run my share of grass", murmura ele lentamente numa tarde. "I made enough money to buy Miami, but I pissed it away so fast. Never meant to last, never meant to last".

Prager completou 40 anos em março daquele ano. Em outubro, entregou-se à Scotland Yard.

Os últimos dos amadores

Prager entrou no Tribunal Distrital dos Estados Unidos no Maine em 29 de setembro de 1988 com o resto de sua vida em jogo. O prédio do tribunal, uma estrutura de pedra cinza, já lhe era familiar. Por meses, ele vinha trabalhando com as autoridades para abrir mão voluntariamente e esvaziar suas contas offshore. Ele não se importava com o trabalho — era a única coisa que o tirava da cela provisória excruciante na cadeia do Condado de Cumberland, onde as luzes ficavam sempre acesas e a televisão nunca era desligada. Mais importante ainda, abrir mão de seus bens era parte central de um plano ousado, arriscado e sem precedentes que Prager e seus advogados haviam elaborado para ajudá-lo a evitar uma dura sentença por drogas da era Reagan — até 15 anos de prisão.

Seus advogados o conduziram, vestido de terno, ao tribunal principal. Retratos emoldurados de antigos juízes o observavam das paredes, e atrás de um pesado púlpito de madeira, o juiz Gene Carter aguardava, olhando por cima de óculos quadrados sem armação, apoiados sobre um bigode bem aparado. Carter era conhecido por sua rigidez. Estava preparado para punir severamente Prager por anos de crimes, e todos na sala sabiam disso. Mas, de alguma forma, nos meses anteriores, Prager havia conseguido conquistar praticamente todos os presentes na audiência de sentença — incluindo os promotores responsáveis por condená-lo.

"Harvey Prager e aquele grupo se recusaram e acabaram não se envolvendo com a cocaína"
Joseph Groff

O plano, como ele o apresentou, era ao mesmo tempo simples e totalmente inédito. Em vez de cumprir pena na prisão, Prager e seu advogado, um amigo da faculdade chamado Jay Sweet, ofereciam ao tribunal uma alternativa incomum: usar os lucros de seu império do tráfico para criar e financiar um centro inovador de cuidados paliativos em Portland, voltado exclusivamente para vítimas de uma nova doença, a Aids, que devastava o país. Como forma de penitência, Prager administraria o centro, viveria no local e cuidaria pessoalmente dos pacientes por anos, até que o último morresse ou sua pena fosse cumprida. A ideia de Prager não surgiu do nada. Antes de sua passagem pelo mercado de arte europeu, ele havia se mudado para a Argentina, onde, segundo conta, utilizou parte de seu dinheiro do tráfico para montar uma instituição de cuidados paliativos para pacientes com Aids junto com um primo. Buenos Aires, na época, estava devastada pela doença, e Prager afirma que aquele projeto foi um dos mais significativos de sua vida. Ele sabia que poderia contribuir para a sociedade fazendo o mesmo nos Estados Unidos, onde, no início dos anos 1990, quase ninguém mais fazia isso.

Para sustentar seu argumento, Prager levou testemunhas: ex-professores universitários, amigos e, crucialmente, vários médicos locais que estavam na linha de frente da crise da Aids. Enquanto aguardava julgamento em liberdade, Prager obteve uma certificação em enfermagem e começou a acompanhar alguns desses médicos em suas rotinas.

"Quando falamos de Aids, falamos de uma doença para a qual as pessoas não correm", disse o Dr. Owen Pickus, chefe de Oncologia e Hematologia do Osteopathic Hospital of Maine, em seu depoimento durante a audiência de sentença. "Não conheço Harvey Prager o suficiente para afirmar que seu maior medo é morrer ou ser infectado pelo vírus da Aids. Mas posso dizer, a partir da minha observação do público, que, diante da escolha entre passar seis meses na prisão ou seis meses trabalhando diretamente com pacientes de Aids, eu questionaria quantas pessoas escolheriam cuidar de Aids."

Pickus e várias outras testemunhas reforçaram o ponto central do argumento de Prager: que ele poderia ser muito mais útil à sociedade trabalhando nas áreas mais difíceis de uma epidemia ainda pouco compreendida do que em uma cela. Mas ainda havia a questão de seus crimes: por quase uma década, Prager participou do contrabando organizado de maconha em vários países. Ele era um hippie de cabelos longos e barba selvagem, fotografado sem camisa no convés de veleiros, carregando um rifle longo que os contrabandistas levavam por medo de piratas nos primeiros anos no mar. Mas o promotor principal do caso, Joseph Groff, enxergava além dessa aparência. Naquele momento, no fim dos anos 1980, os novos cartéis de drogas liderados por figuras notórias como Joaquín "El Chapo" Guzmán e Pablo Escobar inundavam os Estados Unidos com outro produto vindo da Colômbia: cocaína. Usavam lanchas rápidas e metralhadoras, aviões particulares e policiais corruptos. Era um cenário muito diferente da gangue de ex-alunos de universidades de elite que cercava Prager — e Groff sabia disso.

"O Sr. Prager interrompeu essas atividades com drogas há muito tempo... quando os mercados na Colômbia entre maconha e cocaína começaram a se integrar horizontalmente. O Sr. Prager e aquele grupo se recusaram e acabaram não se envolvendo com o comércio de cocaína", disse Groff em sua declaração inicial a Carter. "E

FOTO: CORTESIA DE HARVEY PRAGER, SACHA LECCA

acho que está bastante claro que foi nesse momento que esse grupo, os últimos dos grandes amadores, se afastou de toda essa confusão."

O tráfico de drogas, repetiu Groff várias vezes, era agora um mundo diferente. E Prager não era um dos monstros envolvidos. O trabalho de Groff era acusá-lo, mas seu depoimento soa mais como uma defesa. Após duas horas e meia, Carter chamou Prager ao banco de testemunhas. Suas perguntas foram extensas, mas a mais relevante foi esta: como poderia ter certeza de que Prager cumpriria o que prometia? Como confiar na palavra de um pirata?

"A resposta, meritíssimo, é que eu preciso cumprir", disse Prager. "Preciso disso mais do que qualquer coisa na vida. Quero desesperadamente provar meu valor. Quero desesperadamente pagar minha dívida com a sociedade. Devo essa dívida. Quero desesperadamente fazer uma contribuição."

Os últimos dos amadores, como Prager me conta décadas depois, queriam tornar o mundo um lugar melhor. Estavam em busca de significado e conexão. Prager foi influenciado pelos ideais do *Whole Earth Catalog*, uma publicação fundamental da contracultura no fim dos anos 1960. Seu mantra era uma frase impressa pela primeira vez na contracapa da edição de 1974: "Stay hungry, stay foolish" ("Mantenha-se faminto, mantenha-se tolo"). Para ele, isso significava seguir suas paixões e assumir riscos para alcançá-las. Quando ladrões italianos detonaram Knightsbridge, Prager poderia ter fugido. O dinheiro estava lá. Ele tinha amigos na Mauritânia, longe do alcance do Estado, mas ele não desejava aquilo.

"Percebi que não estava realizado vivendo como um fugitivo", Prager me diz. "Havia algo terrível em ser alguém diferente de quem você sente que realmente é."

Perto do fim do processo, ele disse ao tribunal: "Se eu falhar, se eu errar, ainda que uma única vez, podem me banir. Mas me deixem criar esse *hospice*, deixem que ele se torne minha prisão, e deixem que eu transforme essa prisão em um oásis aqui nesta comunidade, um oásis onde pessoas verdadeiramente desesperadas possam vir e encontrar um lugar para morrer com alguma dignidade e paz, e conforto, cuidado e apoio".

Atrás do púlpito, algo havia mudado. Nos quatro anos anteriores, Carter havia condenado mais de 20 outros membros da equipe de Prager a penas de até 10 anos. Prager e Sweet sabiam que seu pedido era uma aposta arriscada — mas suspeitavam que haviam conseguido sensibilizar o tribunal.

"Era minha convicção, ao assumir o banco hoje à tarde, que deveria haver uma punição significativa neste caso", disse Carter.

"Não posso deixar de concluir que o dano que esse fato representa é provavelmente ainda maior do que o dano causado pelo uso de 9,9 toneladas de maconha", continuou Carter. "Nunca imaginei que diria que havia algo muito pior do que isso."

No caso de Prager, concluiu Carter, havia uma oportunidade única de aplicar uma sentença como nenhuma outra já proferida pelo tribunal. Prager criaria o *hospice*. Viveria nele e trabalharia ali sob liberdade condicional por cinco anos. Seu dinheiro do tráfico financiaria tudo. E então estaria livre.

Hoje, Harvey Prager mora no Brooklyn, em Nova York, e atua como advogado em um escritório especializado em direitos civis

Um pirata aos 80 anos

Prager tem 78 anos agora. Ele ainda conversa regularmente com Keenan e Pace, a quem continua chamando de "Jake" e "Cochise". Pace ainda se refere a Keenan como "Pigpen", e ambos chamam Prager de "Jack", curiosamente. Eles próprios não sabem bem o motivo. Todos ganharam apelidos no mar e a maioria deles permaneceu. Todos tiveram vidas plenas e vibrantes, mesmo depois de passarem pela prisão. Keenan mora perto do filho de Pace, Simon, a quem chama de "Skokonut", em Asheville, na Carolina do Norte. Pace vive em um veleiro chamado Sweetie Lee, ancorado na costa oeste da Flórida. Alguns anos atrás, conta Prager, ele, Keenan, Pace e sua filha Charlotte navegaram juntos de Yucatán até a Flórida. O The Escape também ganhou uma nova vida: hoje é um navio de carga de energia limpa operado por uma empresa boutique que transporta mercadorias ao longo do rio Hudson.

Prager, por sua vez, continuou faminto e ousado. Em seus últimos anos no *hospice*, cursou direito. Ele e Sandrine criaram Charlotte na instituição. Prager trabalhou como assistente de um juiz prestigiado e, ao longo de décadas de disputas legais, conseguiu ser admitido nas ordens dos advogados de Massachusetts e Nova York. Hoje trabalha em um escritório especializado em direitos civis, incluindo a revisão de condenações injustas. Ele e Sandrine se separaram há alguns anos, mas Charlotte e sua outra filha, Capucine, moram perto, no Brooklyn. Prager agora vive com Susie Bedsow Horgan, sua namorada do ensino médio, com quem se reconectou quando ela o procurou para escrever um piloto de TV sobre sua vida, há mais de uma década. O piloto não deu certo, mas o romance do colégio, sim. Eles fazem churrascos cujo cheiro invade o corredor e gritam durante jogos do Knicks. Quando conta sua história, um leve sorriso aparece — especialmente quando fala, com naturalidade, sobre enfrentar ondas de seis metros na borda de um furacão ou sobre as modelos francesas que costumavam passar férias em St. Barts quando ele era o "rei" da ilha.

É difícil pensar em Prager como um traficante de drogas, todos aqueles anos atrás. Eu o conheço como meu vizinho gentil e de fala mansa. Ao longo do último ano, passamos horas em seu escritório no porão, examinando pilhas de documentos que ele espalhava sobre a cama de hóspedes, comendo amêndoas e, ocasionalmente, tomando vinho tinto. À medida que sua vida se desenrolava nessas conversas, tornou-se mais fácil vê-lo como um idealista. Em certo sentido, parece estranho descrever o contrabando de maconha como um ato revolucionário — mas isso acontece porque nosso referencial sobre o tráfico internacional de drogas mudou drasticamente nas últimas cinco décadas. Hoje, os contrabandistas não questionam sistemas de poder; exploram um sistema econômico que recompensa a ganância sem limites e a disposição para matar.

Em 2009, grande parte do grupo se viu para um grande reencontro. Era o aniversário de 30 anos de uma de suas maiores operações, um enorme carregamento em 1979 que eles celebraram alugando um acampamento de verão em Massachusetts e promovendo sua própria versão privada de Woodstock. Para a ocasião, alugaram o mesmo local. Claro, havia menos bandas, mas Keenan passou semanas ao telefone tentando reunir o maior número possível de marinheiros e contrabandistas daquela época. Havia gente suficiente para um jogo completo de softball: condenados contra os não indiciados. Os condenados achavam que venceriam com facilidade, mas os não indiciados acabaram ganhando — afinal, eram os sortudos.

Manifestante segura um cartaz em coletiva com o secretário de Saúde dos EUA, Robert F. Kennedy Jr., e o comissário da FDA, Martin Makar; evento discutiu plano de eliminar corantes sintéticos à base de petróleo dos alimentos no país

FOTO: OLIVER CONTRERAS/AFP VIA GETTY IMAGES

AS MÃES DO EXÉRCITO MAHA

Em um trecho de seu novo livro, *One Bad Mother,* Ej Dickson acompanha como o ceticismo em relação às vacinas transformou um grupo de mulheres em extremistas

Por **Ej Dickson**

Existe realmente algo como uma mãe "boa" ou "má"? Essa é a pergunta central por trás de *One Bad Mother*, o livro de estreia da ex-redatora sênior de cultura da *Rolling Stone*, Ej Dickson, uma coletânea de ensaios em defesa das piores mães ambiciosas, influenciadoras, *MILFs* e "loucas" da história. Ao examinar figuras tão diversas quanto Joan Crawford, Kris Jenner, Peg Bundy, Dance Moms, Karens de marketing multinível e *The Marvelous Mrs. Maisel*, Dickson traça como o conceito de "mãe ruim" evoluiu ao longo do tempo, de um construto social praticamente inexistente — sim, ninguém se importava no século XVIII se você mantinha seus filhos vivos — para uma nuvem carregada que paira constantemente sobre a cabeça das mulheres, funcionando como uma força social usada para punir e controlar aquelas que se recusam a seguir as regras.

Uma "mãe ruim" particularmente odiada e frequentemente mal compreendida na cultura popular é a mãe MAHA (Make America Healthy Again. "Torne a América Saudável Novamente" em tradução livre), um estereótipo que surgiu na preparação para a reeleição de Trump em 2024. Bem-apresentadas, sorridentes e totalmente naturais (exceto pelo botox), as mães MAHA ajudaram Trump a chegar à vitória ao propagar desinformação perigosa sobre a vacina MMR, um avanço médico moderno que salvou a vida de incontáveis crianças. Elas foram ridicularizadas como MAGAbots "lavadas cerebralmente", seguindo cegamente seu santo padroeiro, Robert F. Kennedy Jr., e acusadas de explorar mães de crianças vulneráveis com doenças crônicas. Embora alguns dos estereótipos sobre as mães MAHA antivacina não estejam errados, a verdade por trás de sua política, do que as atrai para o movimento e de sua devoção feroz e inabalável aos próprios filhos é muito mais complexa — e comovente — do que se imagina.

* * *

A mídia começou a cobrir o surgimento das mães MAHA no início de 2025, alguns meses após a reeleição de Donald Trump. Em tom empolgado, citavam mães de futebol e influenciadoras de yoga elogiando Robert F. Kennedy Jr., retratando-as como guardiãs de uma domesticidade delicada que "postam vídeos explicando sua política enquanto cozinham o jantar ou descansam um bebê enrolado nos braços", como descreveu uma matéria de tendências do *The Guardian*. As pessoas pareciam surpresas de que Kennedy ressoasse com um grupo de mães "naturebas". Mas eu já tinha visto tudo aquilo antes, ainda que em um contexto um pouco diferente.

Em março de 2020, quando a Covid chegou, eu era redatora na *Rolling Stone*, focada em cultura da internet e tendências. Um ou dois meses após o início da quarentena, comecei a ver "momfluencers" — mulheres que antes só postavam receitas de cookies de lactação e dicas de como transformar o quarto do bebê no tom perfeito de bege — falando sobre QAnon, a teoria da conspiração pró-Trump que afirma que figuras do establishment democrata, como Hillary Clinton, estavam envolvidas em uma rede secreta de tráfico infantil.

Antes da pandemia, os seguidores do QAnon tendiam a ser homens brancos apoiadores do MAGA que frequentavam comunidades de internet relativamente obscuras, como o 4chan, para decifrar os tuítes de Trump usando numerologia e "códigos secretos" — algo como fãs da Taylor Swift, só que mais antissemitas e mais inclinados a postar memes de pesca com mosca no Facebook. Mas isso era amplamente visto como algo marginal até 2020, quando o mundo parou e as pessoas começaram a passar muito mais tempo no celular, mergulhando em sites sobre redes de tráfico sexual e democratas sequestrando crianças no Walmart.

As mães pareciam particularmente vulneráveis a essa mensagem. Como as escolas estavam fechadas, elas assumiram a maior parte do trabalho doméstico e tiveram ainda mais dificuldade para se manter à tona. Muitas também estavam preocupadas com o impacto de coisas como o fechamento das escolas e as exigências de máscara no desenvolvimento de seus filhos. De repente, o movimento foi inundado pelo que Will Sommer, autor de *Trust the Plan: The Rise of QAnon and the Conspiracy That Unhinged America (Confie no Plano: A Ascensão do QAnon e a Conspiração que Desestabilizou a América*, em tradução livre), descreve como "mama bears": "A ideia de uma vacina obrigatória para frequentar a escola desencadeou a reação de muitas mães que talvez já estivessem envolvidas com ideias antivacina", diz ele. "Então foi uma espécie de tempestade perfeita para que mães entrassem em teorias da conspiração".

MAHA foi uma espécie de tempestade perfeita para que mães entrassem em teorias da conspiração

Depois que Trump perdeu a eleição de 2020, o interesse pela teoria da conspiração QAnon aparentemente diminuiu. Por um curto período, parecia que a "QAMom" — termo que cunhei em um artigo da *Rolling Stone* em 2020 — era apenas um fenômeno passageiro. Mas isso se tornou otimista demais. Após a eleição de 2020, organizações de direita de "mama bears", como o grupo de lobby Moms for Liberty, começaram a surgir para fazer campanha contra cuidados de saúde de afirmação de gênero que salvam vidas para jovens trans, chamando adultos LGBTQIA+ de "pedófilos" e "aliciadores" e disseminando ódio transfóbico em reuniões de conselhos escolares. Quando mulheres brancas votaram em Trump na eleição de 2024, ficou claro que estavam sendo subestimadas pela mídia tradicional por sua própria conta e risco.

Tudo isso foi fascinante de observar, por alguns motivos. Como repórter da *Rolling Stone*, passei a primeira metade da minha carreira vendo o extremismo criar raízes em aplicativos de mensagens criptografadas e fóruns anônimos, onde usuários majoritariamente homens destilavam ódio contra judeus, pessoas negras e pessoas LGBTQIA+. Agora, eu via os mesmos tipos de mensagens viralizando em plataformas de redes sociais convencionais como Instagram, TikTok e Facebook. Elas faziam TikToks alegando que a franquia *Trolls* promovia pedofilia, ou postavam sobre boicotar a Disney porque a empresa apoiava o "aliciamento". Só que as pessoas compartilhando essas mensagens não eram jovens marginalizados, de cabelo oleoso e rostos marcados por acne, mas mães como eu.

Não apenas estava vendo o rosto do extremismo americano mudar aparentemente da noite para o dia — também estava vendo a definição do que significa ser uma mãe "boa" ou "má" mudar.

Durante anos, o consenso nesta sociedade foi que o papel de uma mãe é, ostensivamente, proteger seus filhos a qualquer custo.

Mas, à medida que o clima político se torna cada vez mais fragmentado e o mundo mais assustador de navegar, isso se torna cada vez mais difícil. E, à medida que mães da direita lideram a tentativa de "proteger" seus filhos de um inimigo invisível — sejam os chamados "aliciadores", o governo ou as vacinas — elas acabam, no fim das contas e ironicamente, tornando seus filhos muito menos seguros.

Já vimos isso acontecer inúmeras vezes. Vemos na história de Rebecca Vance, a mãe do Colorado que se envolveu tão profundamente com teorias da conspiração do "Grande Reset", ou a crença de que elites estavam planejando dominar o mundo, que se mudou com seu filho de 13 anos para uma região selvagem, onde os dois acabaram morrendo de desnutrição e hipotermia no início de 2023. Ou a história trágica de Danielle Johnson, a influenciadora de astrologia que se envolveu tão profundamente com teorias da conspiração do QAnon que jogou seu bebê de oito meses de um carro em movimento na rodovia, colidindo fatalmente contra uma árvore minutos depois.

Nos últimos anos, houve inúmeros exemplos desse tipo de narrativa na mídia, de mães que foram tão radicalizadas por teorias da conspiração de direita que acabaram ferindo, ou até matando, seus próprios filhos. Mas essa radicalização também acontece de formas menos

extremas — e, muitas vezes, por razões compreensíveis, até mesmo empáticas.

É difícil para as pessoas admitirem isso para si mesmas, especialmente em um clima político tão polarizado. Mães liberais "boas" estão tão empenhadas em incutir valores morais positivos em seus filhos que é fácil demonizar aquelas do outro lado do espectro político que tentam fazer exatamente o mesmo. Mas já vi essa trajetória se desenrolar vezes suficientes, em tempo real, para saber como é fácil para agentes mal-intencionados explorarem as ansiedades das mulheres sobre serem boas mães — e com que rapidez essas mulheres podem cair em "buracos de coelho". É fácil descartar as mães MAHA e as "Karens" do QAnon como pessoas horríveis. É muito mais difícil reconhecer a realidade: que, quando mulheres se tornam tão consumidas pelo desejo de serem boas mães, tão unilateralmente focadas em proteger seus filhos dos horrores reais e imaginados do mundo, elas podem acabar se tornando o pior tipo de todas.

As mães têm desempenhado um papel importante no extremismo de extrema-direita muito antes da ascensão das "mama bears" do MAHA. Durante o início do século XX, por exemplo, mulheres e crianças estavam fortemente envolvidas nas atividades da Ku Klux Klan, com a organização recrutando crianças para distribuir panfletos em queimas de cruzes e desfilar em barcos sob uma faixa "Ku Klux Kiddies"; uma foto de 1927 mostra um grupo de membros da Klan batizando um bebê de sete meses, que usa um capuz em miniatura da Klan. A WKKK (Women's Ku Klux Klan, ou Ku Klux Klan das Mulheres) organizava regularmente casamentos, funerais e eventos de arrecadação de fundos para a KKK, além de campanhas de doação de alimentos para conquistar a confiança da comunidade em geral.

Isso, de forma curiosa, fez com que comunidades de extrema-direita fossem alguns dos poucos espaços em que o trabalho materno é explicitamente celebrado, em vez de ser descartado ou ignorado.

Embora as mulheres ocupem um papel especial em espaços supremacistas brancos como guardiãs de valores tradicionais, essas comunidades ainda são inerentemente misóginas, o que significa que raramente assumem posições de liderança ou exercem poder. O movimento antivacina, no entanto, é uma exceção a essa regra. Um estudo de 2017 que analisou dados de conteúdos antivacina no Facebook constatou que a grande maioria das pessoas que publicavam esse tipo de mensagem eram mulheres.

É difícil traçar uma linha reta entre extremismo de direita ou supremacia branca e posições antivacina; na minha experiência, é mais como um diagrama de Venn, com as pessoas tendendo a gravitar para o centro à medida que passam mais tempo na comunidade. Nem toda mãe que opta por não vacinar é rica, conservadora e/ou branca; e nem toda mãe pró-vacina deixa de ser essas coisas. Mas é verdade que a percepção cultural generalizada das mães antivacina é a de mulheres suburbanas de classe média alta, cujo conforto, privilégio, egoísmo e tendência à superproteção as levam a colocar a saúde dos outros em risco.

Para ser justa... há alguma verdade nisso. Mas também é verdade que, à medida em que o movimento evoluiu, o retrato da mãe antivacina típica — a "mãe do Whole Foods" — tornou-se muito mais complexo. Por exemplo, embora a maioria das pesquisas sobre a comunidade antivacina tenha promovido a ideia de que a maioria das mulheres nela é branca, isso não é totalmente verdadeiro. Já em 2017, um estudo do *Pew Research Center* mostrou que pais negros eram menos propensos do que pais brancos a reconhecer os benefícios à saúde da vacina MMR e mais propensos a considerar os riscos de possíveis efeitos colaterais. Em um artigo de 2022 da revista *Gender and Society* que analisou o sentimento antivacina entre mulheres negras nas redes sociais, as coautoras Jennifer A. Reich e Courtney Thornton detalharam algumas dessas preocupações, escrevendo que as decisões de mães negras sobre vacinar seus filhos eram fortemente influenciadas por "experiências com racismo estrutural de gênero nas interações com os sistemas de saúde e educação".

"O racismo estrutural em hospitais tem sido um fator pouco examinado na forma como as pessoas morrem"
Monica McLemore

Sinceramente, é difícil argumentar que essas preocupações não são válidas. Dos experimentos de Tuskegee ao fato de que as taxas de mortalidade materna são três vezes mais altas para mães negras do que para mulheres de outras raças, é fácil entender por que uma mãe negra se sentiria insegura ao navegar pelo sistema de saúde dos EUA — e por que seria vulnerável à desinformação que explora suas ansiedades mais profundas. "O racismo estrutural que aparece em hospitais e instituições de saúde tem sido um fator pouco examinado na forma como as pessoas morrem", explicou a pesquisadora de justiça reprodutiva Monica McLemore quando falei com ela alguns anos atrás. "Se pessoas negras têm menos probabilidade de serem acreditadas, seja ao reconhecer seus próprios sintomas ou ao explicá-los aos profissionais de saúde, e não recebem o cuidado de que precisam, o que devem fazer?"

Além disso, embora não seja tão disseminado quanto na comunidade negra, o fenômeno da dor das mulheres ser descartada ou ignorada por profissionais de saúde é bem documentado: múltiplos estudos mostram que, em média, mulheres recebem menos tratamento para condições de dor crônica do que homens, além de menos cuidados intensivos e eletivos para alívio da dor.

Com tantas mulheres tendo experiências negativas com o sistema de saúde, não é surpreendente que muitas desenvolvam ceticismo ou até hostilidade em relação aos profissionais médicos. Isso pode se manifestar de várias formas, mas um dos desdobramentos mais frequentes é a hesitação vacinal, segundo um estudo de 2023 da Universidade do Maine, que entrevistou mães antivacina. O estudo constatou que a maioria das mulheres com hesitação vacinal havia passado por algum tipo de "episódios contínuos e repetidos de dano médico", que iam desde ameaças de institucionalização até a administração forçada de Pitocin durante o parto. Uma delas relatou ter passado por um exame retal sem consentimento quando tinha apenas 12 anos.

Frequentemente, porém, não é uma única experiência com o sistema de saúde que leva à radicalização. Normalmente, é o acúmulo de diferentes encontros com o campo médico. Conversei com uma mãe MAHA, Ceara Foley, que atuou como diretora regional no sudeste dos EUA na malsucedida campanha presidencial de Kennedy. Quando sua filha tinha quatro meses, Foley percebeu que ela estava com dificuldade para respirar, então correu para o consultório do pediatra. Um médico da clínica disse que sua filha estava bem, classificando Foley como "apenas uma mãe de primeira viagem nervosa".

"[Minha] experiência foi que tive que descobrir tudo sozinha", ela me disse.

Foley mais tarde descobriu que havia mofo na casa, o que estava causando a dificuldade respiratória da filha; quando o problema foi resolvido, a menina pareceu melhorar.

Foley sempre foi cética em relação à medicina convencional e interessada em métodos alternativos de tratamento. Mas a experiência com os problemas respiratórios da filha aprofundou sua desconfiança. Então, como muitas mães MAHA, ela fez sua própria pesquisa, o que a levou a decidir não vacinar a filha. Por meio dessa pesquisa, tornou-se amiga de dezenas de outras mães de crianças com autismo, com câncer infantil, com diabetes; muitas das quais atribuíam os problemas de saúde dos filhos às vacinas.

"Essas mulheres viram seus filhos adoecerem", explicou. "Elas viram seus filhos morrerem, e foram silenciadas, envergonhadas, ridicularizadas

FOTO: ANDREW HARNIK/GETTY IMAGES

Na coletiva com Robert F. Kennedy Jr. e Marty Makary, uma mulher segura seu bebê com outras MAHA Moms

e manipuladas por muito tempo pela indústria médica." Quando Kennedy anunciou sua candidatura em 2023, ela e outras mães MAHA o apoiaram imediatamente: "Ele era um defensor daquelas mulheres que viam que havia algo errado com seus filhos, e ninguém mais as ouvia".

Ao longo dos últimos dez anos mais ou menos, não consigo dizer quantas histórias como essa já ouvi: uma mãe com um filho doente ou gravemente debilitado, buscando desesperadamente respostas, encontrando-as em lugares muito fora do establishment médico convencional. Muitas vezes, eram movidas por um desespero extremo, pela necessidade de acreditar em qualquer explicação, por mais absurda que fosse, para dar sentido à dor de seus filhos.

Outro exemplo desse tipo é a história de uma mulher que chamarei de Becca, mãe de dois meninos que foram diagnosticados com autismo quando ainda eram muito pequenos. Segundo Becca, ambos se desenvolveram normalmente, atingindo seus marcos e aprendendo a andar e falar. Mas, após receberem a vacina MMR aos 18 meses, ela diz, eles "regrediram", desenvolvendo erupções cutâneas e perdendo a capacidade de andar e falar. (Muitos pais antivacina relatam histórias semelhantes, dizendo que seus filhos começaram a apresentar sinais de autismo após receberem a primeira dose da vacina MMR entre 12 e 15 meses. O consenso entre especialistas, no entanto, é que isso está relacionado ao fato de que crianças com autismo tendem a começar a manifestar sintomas justamente nessa idade.)

"Os médicos convencionais não tinham respostas para mim", ela me disse. "Eu estava desesperada. Então encontrei outras mães na internet que estavam passando pelas mesmas coisas que eu." Depois de examinar estudos e artigos de diferentes níveis de credibilidade e se conectar com outras mães de crianças "lesadas por vacinas" no Facebook, ela se convenceu de que a vacina MMR havia causado o autismo de seus filhos, e se tornou uma lobista proeminente do movimento antivacina.

Ao ouvir as histórias de mulheres como Becca, duas coisas sempre me chamam atenção. A primeira é que elas têm plena consciência de que a maioria das pessoas as vê com ceticismo, na melhor das hipóteses, e com desprezo absoluto, na pior. "Não conheço outro tema em que haja mais mulheres gritando para serem ouvidas e sendo constantemente ignoradas", disse Becca.

Elas geralmente atribuem esse ceticismo ao sexismo. "Se tivéssemos um movimento de pais preocupados com a saúde de nossos filhos, seria um cenário completamente diferente", disse Ceara Foley.

A segunda coisa que me chama atenção, porém, é o quão claras e articuladas essas mulheres soam ao descrever como chegaram às suas crenças, e o quanto se sentem traídas pelo sistema médico. Embora eu ache desonesto atribuir totalmente a resistência das pessoas à mensagem delas ao sexismo, também não acho que estejam totalmente erradas. Acredito que são levadas menos a sério por serem mães — porque eu também sou mãe, e sei como é se sentir completamente isolada e abandonada por um sistema no qual você ingenuamente sempre acreditou que iria protegê-la.

Quero deixar algo claro: o que essas duas mulheres estão fazendo é objetivamente assustador. Elas não apenas propagam conteúdos sem base em evidências que colocam a vida de outras crianças vulneráveis em risco, como também acredito que, consciente ou inconscientemente, exploram outras mães que se agarram a qualquer explicação para dar sentido ao inexplicável.

Mas, quando dizem que o sistema falhou com elas e com seus filhos, eu acredito. Quando dizem que as pessoas são menos propensas a ouvi-las porque são mães, eu acredito. Acredito porque também sou uma mãe que já gritou no vazio, implorando para que acreditassem em mim quando eu dizia que meu filho precisava de ajuda — e sei o quão frustrante é não ser ouvida, o quão solitário é lutar sozinha, e o quão tentador pode ser pensar que você finalmente encontrou respostas. Mulheres como Becca e as mães MAHA são predadoras, pura e simplesmente — mas também são vítimas.

Copyright © 2026 por Elisabeth Dickson. Do livro inédito ONE BAD MOTHER, de Ej Dickson, publicado pela Simon Element, um selo da Simon & Schuster, LLC. Reproduzido com permissão.

PLANTÃO MÉDICO

Atriz da série *The Pitt*, Isa Briones fala sobre o drama entre Santos e Langdon, fãs sinistros e o abandono (temporário) da ala de emergência pela Broadway

Por CT JONES

FOTO: JEROD HARRIS/GETTY IMAGES

ISA BRIONES

FAMÍLIA DE ARTISTAS
Isa Briones tem a mesma profissão do pai (Jon Jon Briones) e do irmão (Teo Briones)

THE PITT

Atitude sarcástica de Santos divide a opinião dos fãs de *The Pitt*

FOTO: DIVULGAÇÃO

ISA BRIONES

Às vezes, o médico precisa curar a si mesmo. Isa Briones, que interpreta a Dra. Trinity Santos no drama médico de sucesso da HBO, *The Pitt*, está ligando de um apartamento em Midtown Manhattan e não está se sentindo muito bem. Atualmente, ela estrela o musical da Broadway *Just in Time*, e a agenda é quase tão extenuante quanto um plantão na emergência. • "Com certeza estou sentindo o peso agora", diz ela. "Acordei esta manhã e pensei: 'Acho que estou ficando doente'. Então, o pânico não é nada legal. Mas eu ainda amo isso."

Just In Time é um musical sobre a vida do cantor e compositor Bobby Darin. Briones interpreta Connie Francis, a cantora de "Pretty Little Baby" que dominou as rádios nos anos 1950 e teve um breve relacionamento com Darin antes de seu sucesso meteórico. (O papel de Darin foi originalmente vivido por Jonathan Groff; Jeremy Jordan assumiu o lugar em 21 de abril). Mas seu papel mais conhecido é o da sarcástica jovem residente Santos.

Na primeira temporada de *The Pitt*, Santos causa um impacto imediato — e não da melhor forma. Em seu primeiro dia, acusa o querido e respeitado Dr. Frank Langdon (Patrick Ball) de roubar medicamentos. Ela fica na defensiva, dá apelidos desagradáveis aos colegas e está sempre pronta com um comentário ácido. Também está certa sobre Langdon ter um problema com drogas. A segunda temporada, finalizada em 16 de abril, esticou ainda mais essa tensão, mostrando o retorno de Langdon à emergência após uma licença para reabilitação. Mas é também uma exploração mais profunda dos traumas latentes do passado de Santos.

Embora esteja claro que Santos foi criada para ser uma personagem antipática, Briones diz que um efeito colateral não intencional do sucesso da série é o fato de as pessoas a igualarem à sua personagem. Ela também teve que se acostumar com gritos ocasionais de "Santos!" enquanto caminha pela rua, faz compras ou até mesmo uma vez, enquanto se apresentava em *Just In Time*.

"Quando [*The Pitt*] começou a fazer sucesso, eu pensei: 'Meu Deus, acho que sou aquela pessoa de chapéu e óculos escuros'. Eu costumava rir disso", reconhece Briones, levantando as mãos para simular óculos gigantes que cobrem o rosto. "Agora entendo. É muito irritante. Mas estou aprendendo a lidar."

A *Rolling Stone* conversou com a artista antes do final de *The Pitt* para falar sobre misoginia em espaços de fãs, a verdadeira razão pela qual Santos e Langdon se odeiam e por que todos os médicos do seriado da HBO Max precisam de um bom terapeuta.

* * *

O que te atraiu em Santos no início? Como sua compreensão dela mudou ou cresceu ao longo das duas temporadas?

Já interpretei a "garota comum" antes e há hora e lugar para esse tipo de personagem. Mas há algo realmente incrível em não ser agradável, especialmente como mulher. Essa personagem não é para todos. Às vezes, no meu dia a dia andando pelo mundo, eu fico: "Desculpe... eu aqui, vou me apequenar". E a Santos simplesmente não faz isso. Ela diz: "Eu vou ocupar o espaço". É uma personagem muito revigorante de se ver e poderosa de interpretar. É também um lembrete para parar de me desculpar por existir. Meu Deus.

Existe um subgrupo considerável de fãs ardorosos de The Pitt que odeiam a Santos. O que você acha que motiva isso?

Muito do discurso é muito "Langdon contra Santos", e isso é apenas misoginia. [Esses dois personagens] são, na verdade, meio parecidos, mas um deles é mulher. Quando as mulheres passam por algo que não é dito explicitamente o tempo todo, muita gente diz: "Não gosto dela". Por que quando uma mulher tem muita coisa acontecendo internamente, as pessoas pensam: "Uuuh, que medo"? Muita gente não tem paciência para isso com uma mulher. Mas entendo que a Santos chega com o pé na porta. Quando você a conhece, ela tem muitas dessas barreiras espinhosas. Ela tem uma vibe de que "não brinca direito no recreio". Mas é bem claro ver, nas nuances da personagem, que há algo acontecendo.

Fale um pouco sobre como a própria experiência de Santos com vício e automutilação molda o relacionamento dela com Langdon.

Você odeia nos outros o que odeia em si. Eles passaram apenas um dia juntos e se odeiam. Mas, naquele único dia, ele encarnou muitas das coisas que não gosta nela mesma. Embora curta manter essa fachada de que não se importa se as pessoas gostam dela, ela trabalha muito para estar ali. Quando alguém invalida isso completamente, pode ser um gatilho muito forte. Mesmo que não seja totalmente consciente, ela sabe que eles estão conectados e é por isso que são tão reativos um com o outro. Langdon voltando e lutando para se redi-

«Langdon e Santos são, na verdade, meio parecidos, mas um deles é mulher. Quando as mulheres passam por algo que não é dito explicitamente o tempo todo, muita gente diz: 'Não gosto dela'»

TOTALMENTE PREMIADOS Cast de *The Pitt* ergue o Actor Awards de Melhor Elenco de Série Dramática

mir, dando os passos para a recuperação, é um lembrete de que ela talvez não esteja fazendo tudo o que pode para se recuperar. Isso traz muita culpa e vergonha que ela não quer sentir. Então Santos simplesmente grita com ele. Ela só precisa de terapia. Na verdade, a equipe inteira precisa.

Como o relacionamento dela com Whitaker funciona tão bem, sendo personalidades tão distintas?

[Whitaker] é apenas ele mesmo. Ele está sempre tentando ajudar todo mundo. Ele tenta ser amigo e estar lá. Ela quer isso, mas também não sabe como [aceitar]. Ela perdeu pessoas e fala, na primeira temporada, sobre como uma de suas melhores amigas tirou a própria vida. Como tem um histórico de abuso por uma figura de autoridade, ela pensa: "Qualquer pessoa que eu deixar se aproximar vai me machucar ou me deixar". A qualidade da amizade deles é Santos falando: "Cale a boca e vá embora". Mas essa é a linguagem de amor deles. Então, quando descobre que ele vai embora, acho que ela fica com medo de ficar sozinha. Agora, tudo seria resolvido se eles apenas conversassem. Essa é a moral de *The Pitt*. Tudo seria resolvido se todos tivessem uma conversa real e fizessem terapia. Mas isso não acontece. Disparou o gatilho nela de pensar: "Ah, então você está me abandonando. Eu estava certa. Todo mundo vai me deixar. Vou apenas levantar minhas barreiras. Foda-se e tchau". [Santos] só quer um amigo e não sabe como lidar com isso. Sabe quando você tem um cachorrinho e ele precisa ser socializado com outros em um cercadinho? Ela precisa ser colocada com todos os outros filhotes e forçada a brincar.

«Essa é a moral de *The Pitt*. Tudo seria resolvido se todos tivessem uma conversa real e fizessem terapia. Mas isso não acontece»

Com um elenco de apoio tão forte, como seus relacionamentos no set agregaram ao produto final?

Todo mundo nesta série é talentoso pra caralho e construiu seu personagem de uma forma muito específica. Tem sido incrível observar a diferença em como cada um opera. Todo mundo tem sua própria rotina, seu estilo e sua forma de abordar as coisas, e isso tem sido uma experiência de aprendizado muito legal. Eu e Patrick nos tornamos amigos de verdade, e é muito engraçado, porque, obviamente, nossos

FOTOS: AMY SUSSMAN/GETTY IMAGES, FRAZER HARRISON/GETTY IMAGES

ISA BRIONES

REALIDADE X FICÇÃO
Apesar dos personagens não se bicarem, Patrick Ball (Dr. Frank Langdon) e Isa Briones são amigos nos bastidores

CARACTERIZADOS
Da esq. para dir.: Patrick Ball, Shabana Azeez, Gerran Howell, Sepideh Moafi, Noah Wyle, Katherine LaNasa, Isa Briones, Supriya Ganesh, Fiona Dourif e Taylor Dearden

personagens não são nem um pouco assim. Mas isso torna nossas cenas tão especiais. Existe uma confiança real ali. Supriya [Ganesh] e Shabana [Azeez, que interpretam a Dra. Mohan e a Dra. Javadi, respectivamente] são minhas garotas no set. Fico muito arrasada porque não nos colocaram em nenhuma cena juntas [nesta temporada]. Eles sabiam que seríamos poderosas demais se estivéssemos todas juntas. Estão tentando manter as mulheres separadas! Eles sabiam que seríamos inseparáveis.

Como você lida com o fato de estar em uma série com um fandom online tão robusto — especialmente quando esse foco faz com que muita gente te iguale à sua personagem?

Isso é tão clássico. Sempre acontece. Muita gente tem dificuldade em separar o ator do personagem. Com certeza chegou a um nível extremo para mim. Nunca tinha passado por isso antes, porque nunca estive em uma série tão gigantesca. E pode ser perturbador. Gravamos durante a maior parte do ano e ficamos imersos naquilo. Aí, você sai pelo mundo e as pessoas dizem: "Eu te odeio. Você é uma vaca" — isso é loucura. Para alguém que já luta com questões de saúde mental, com dissociação e com o pensamento de "não sei mais o que é real", é difícil e um pouco estranho. É tipo: "Não sou uma pessoa de verdade?". Também entendo que essa é a única forma que as pessoas têm de se conectar comigo e com o que veem na tela. Elas se identificaram com essa personagem de alguma forma. Isso é muito especial.

FOTO: DIVULGAÇÃO

ISA BRIONES

Com isso em mente, você precisou mudar algum hábito pessoal ou o consumo de redes sociais para se ajustar?

É uma experiência extracorpórea na maior parte do tempo. No momento, estou tentando ajustar meus hábitos nas redes sociais. Quando fiz *Star Trek Picard*, disseram tantas coisas horríveis sobre mim online. O fandom de ficção científica pode ser um lugar muito assustador às vezes, e muitos homens mais velhos têm coisas nojentas para dizer sobre você quando você é uma garota de 20 anos. Então precisei cair fora. E aí, com *The Pitt*, estava tão curiosa. Fiquei orgulhosa de mim mesma no início, porque não estava me machucando. Pensava: "As pessoas odeiam a minha personagem e isso é hilário, porque significa que estou interpretando-a do jeito certo". Porém, em certo ponto, as coisas começaram a mudar. Agora, a misoginia se tornou meio impossível de não enxergar. E me deixa triste. Então, tenho pensado que talvez eu precise de um tempo.

Vários familiares dos atores de The Pitt fizeram participações especiais. Algum plano para alguém da sua família aparecer na terceira temporada?

Bem, eu adoraria. Adoro ver meu pai [que também é ator] empregado. Seria incrível. Tento dar emprego para a minha família o máximo possível. Mas já brincamos que, se meus parentes estivessem na série, teriam que interpretar a minha família mesmo, porque somos muito parecidos. Se meu irmão estivesse no seriado e não fosse irmão da minha personagem, as pessoas diriam: "O que está acontecendo aqui?". Porque parecemos gêmeos, embora não tenhamos a mesma idade. Mas, ei, quem sabe na próxima temporada. Vou fazer campanha.

Que apelido você acha que a Santos te daria?

Vaca deprimida? Não... [risos]. Essa é difícil. Pensei imediatamente em algo muito maldoso. É por isso que eu preciso sair das redes sociais.

A maioria das pessoas não tira férias mergulhando em agendas rigorosas da Broadway. Por que dizer sim para Just In Time?

É tão divertido. Estou realmente vivendo o melhor momento da minha vida. O teatro me faz tão feliz, e amo poder dar um tempo da TV e de *The Pitt* para fazer algo que parece tão diferente e tão alegre. Amo o pessoal do teatro. É simplesmente o meu lugar favorito no mundo. Fui criada cercada por gente de teatro a vida inteira, e é a melhor comunidade do mundo.

Como é passar de transformar uma personagem fictícia em algo seu para ter que retratar uma figura musical — e uma voz — tão famosa como Connie Francis?

Não posso dar spoiler da peça para quem ainda não viu, já que é baseada na vida real. [Connie] aparece em uma parte bem curta do espetáculo, mas você vê anos de crescimento. De uma criança tentando fazer música até ser a superestrela da época, tudo isso acontece em 20 minutos. O que mais me prendeu foi a rapidez dessa jornada. Aos olhos do público, ela está no topo do mundo, mas está passando por algo tão triste em sua vida pessoal. Ela não pode ficar com Bobby e tem um pai que é semipunitivo e diz: "Você vai se matar de trabalhar".

Vemos Connie se apresentando apesar da tristeza quando ela canta "Who's Sorry Now". Seu pai disparou uma arma no camarim logo antes de ela entrar no palco. É esse momento realmente traumático e, logo em seguida, tem que colocar um sorriso no rosto e se apresentar. Isso é algo com o qual consigo me conectar agora, neste momento estranho. Tenho um sucesso incrível com o qual nunca nem sonhei. E, ao mesmo tempo, passo pelas minhas próprias coisas. Mas vou me apresentar apesar da tristeza.

Você já viu o final da segunda temporada de* The Pitt *antes de ser exibido?

Não, eles não nos mostraram nada. É bom estar nessa rotina de oito apresentações por semana [na Broadway], porque não tenho tempo para pensar em como a série está sendo recebida. Faço minha própria parada agora. Vou pensar em *The Pitt* quando tiver que voltar daqui a um mês.

Temos uma cena pequena e divertida no final onde Santos e Mel [King, outra médica] levam adiante um plano de espairecer após o plantão com uma rodada de karaokê. O que mais você acha que estaria na setlist dela?

Sou filipina. Santos é filipina. Ela tem que ter alguns clássicos do karaokê filipino ali. Talvez ela cante "My Way" [do Frank Sinatra]. Mas costumo cantar Whitney Houston. É a minha escolha para agradar a galera. Também adoro, se estiver com as minhas amigas, cantar "Wannabe" [das Spice Girls] ou "Fergalicious" [da Fergie]. E muita Lady Gaga. "Marry the Night", "Judas", eu tenho um set inteiro.

Tem algo que você possa compartilhar sobre a terceira temporada?

Adoraria poder te contar algo. Eles não nos contam porra nenhuma. Sabemos de nada até estarmos no set. Isso me deixa louca. Mas gostaria de ver algum crescimento e a Santos se entregando um pouco mais a algumas amizades. Quero ver uma evolução interessante entre ela e o Langdon. Talvez eles não estejam mais tentando se matar. Tem um momento no [Episódio 14] em que ele ri de uma piada minha atrás de mim. Claramente, eles deveriam ser amigos. Eles deveriam estar na balada juntos.

GIGANTES e Felizes COMO NUNCA

Korn desfruta de uma nova onda de popularidade, com show em estádio no Brasil e crescimento global orgânico, enquanto vivencia um raro momento de paz interior

Por **Igor Miranda**

FOTO: ISMAEL QUINTANILLA III

Banda considerada pioneira do nu metal viu interesse por sua obra crescer desde o momento pós-pandemia

"Faz tanto tempo assim?" Os quatro integrantes atuais do Korn deram essa mesma resposta quando perguntados sobre a expectativa para o próximo show no Brasil, o primeiro em nove anos. Com Spiritbox, Seven Hours After Violet e Black Pantera como atrações de abertura, a banda americana de nu metal composta por Jonathan Davis (voz), James "Munky" Shaffer (guitarra), Brian "Head" Welch (guitarra) e Ray Luzier (bateria) se apresenta no Allianz Parque, em São Paulo, no dia 16 de maio. A realização é da 30e.

O retorno ocorre em patamar bem diferente daquele testemunhado em 2017, ano da visita anterior para shows na capital paulista, Curitiba e Porto Alegre. Se desta vez eles ocuparão um estádio com capacidade para até 50 mil fãs, as performances anteriores foram realizadas em casas fechadas com lotação entre 5 mil e 8 mil pessoas. "Não foi a maior turnê que fizemos, um dos shows foi para umas 4 a 6 mil pessoas, mas foi incrível", relembra Head.

Por outro lado, há algo em comum entre as turnês de 2017 e 2026: a ausência de Reginald "Fieldy" Arvizu, baixista, membro original e peça fundamental para a sonoridade do grupo. Na visita passada, ele esteve fora de modo apenas temporário "devido a circunstâncias imprevistas" e foi substituído por Tye Trujillo — filho de Robert Trujillo, baixista do Metallica, que à época tinha apenas 12 anos. Welch conta: "Robert viajou conosco e o filho dele é um prodígio! É um garoto tão bom, capaz de tocar qualquer coisa". Agora, a situação é mais profunda, porque Fieldy se encontra em "hiato" da formação há cinco anos e seu posto é ocupado desde então pelo chileno Ra Díaz, ex-Suicidal Tendencies.

"Nos últimos seis anos, tenho lidado com alguns problemas pessoais que, por vezes, fizeram-me recair em alguns maus hábitos e causaram tensão com as pessoas ao meu redor", explicou Arvizu em comunicado publicado em 2021. "Sugeriram que eu tirasse um tempo para me curar. Vou respeitar o que me pediram e aproveitar esse tempo." Durante entrevistas posteriores, o baixista garantiu não estar envolvido com drogas. Ao podcast *Shady Characters*, chegou a dizer que se distanciou do grupo em meio à pandemia, porque não queria se vacinar e os colegas buscavam retomar atividades — não à toa, o álbum *Requiem* (2022) nasceu neste período.

"NÃO DIGO QUE COISAS RUINS NÃO ACONTECEM MAIS COMIGO, PORQUE SOU UM ÍMÃ PARA COISAS RUINS. O AZAR ME PERSEGUE!"
Jonathan Davis

Falar sobre a ausência de Fieldy é tópico delicado, especialmente para Jonathan, que recorre a respostas curtas e protocolares ao ser perguntado sobre o tema. "Não estamos tentando substituir o Fieldy, mas tem sido uma dinâmica diferente e divertida com Ra — isso é tudo o que posso dizer", afirma sobre a mudança na formação. "Não tenho atualizações sobre ele, as coisas são como são. Ele está fazendo as coisas dele. Eu o amo e desejo o melhor para ele."

Munky, mais completo em sua explicação, conta que é difícil imaginar Fieldy na banda hoje, especialmente no que diz respeito à criação. De acordo com o guitarrista, o colega esteve desligado do processo autoral durante os álbuns *The Nothing* (2019) e *Requiem*. "Ele pareceu ter perdido o foco e acho que perdeu também a ambição. Ele não parecia feliz como músico profissional na época. Acontece. Não ficamos bravos com ele. Ainda uso a palavra 'hiato', pois acho que ele só precisava de uma pausa devido à nossa rotina intensa de trabalho e ele tinha questões pessoais", declara Shaffer, único ao lado de Davis a estar presente em todas as formações do grupo.

Com ou sem Fieldy, o show tem que continuar. E, em São Paulo, o espetáculo deve ser focado no catálogo mais antigo do Korn — os clássicos das décadas de 1990 e 2000 —, com algum espaço para músicas selecionadas de *Requiem* e, talvez, algo diferente. "Head e eu conversamos sobre tocarmos 'No Place to Hide', 'Need To', 'Lies' ou 'Word Up' [cover do Cameo], uma música grande no Brasil; algumas coisas que não tocamos há um tempo", compartilha Munky.

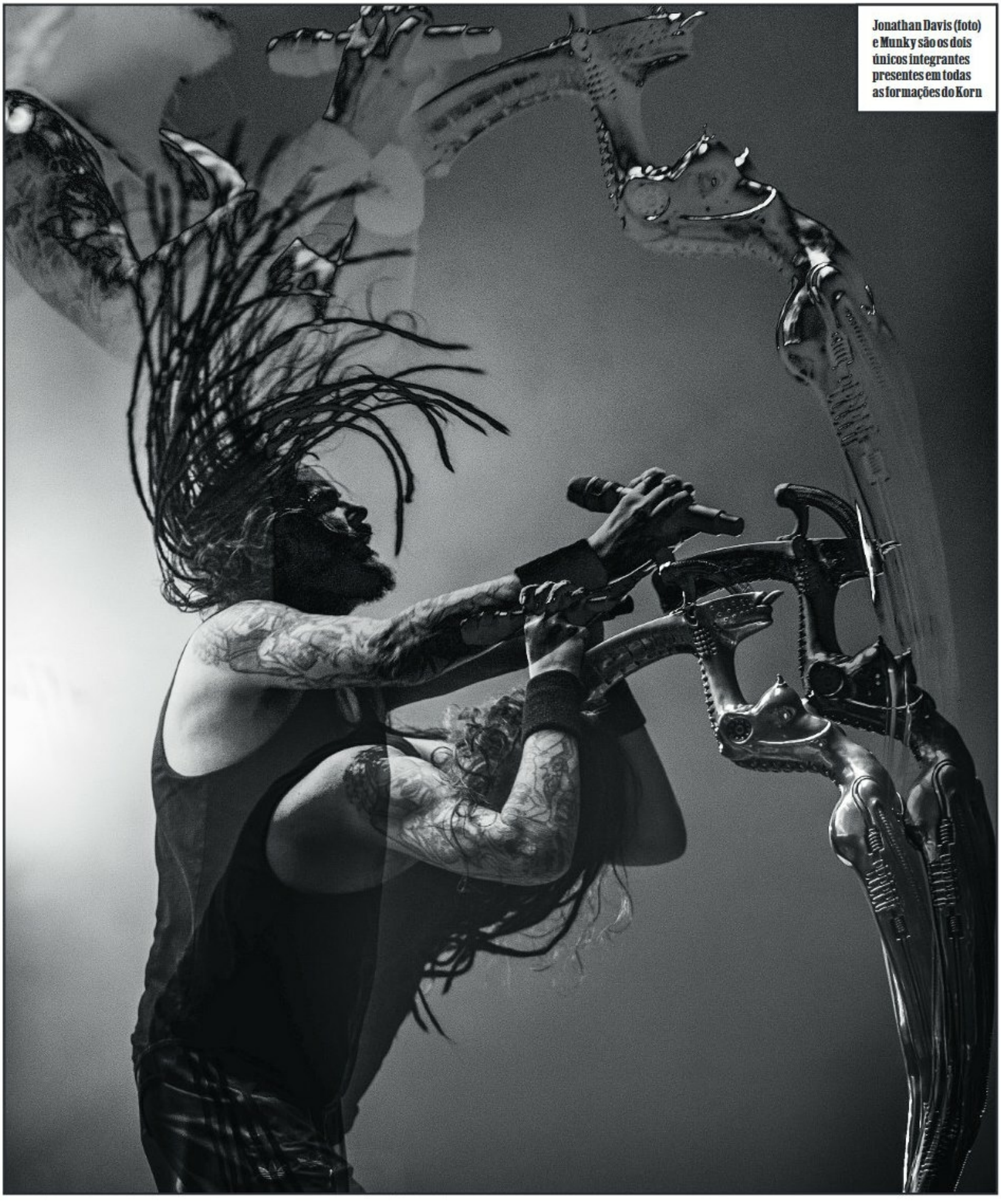
Só não espere um set extenso. Em média, Korn toca por uma hora e meia. "Não dá para fazer um show muito longo", explica Davis. "Eu queria poder tocar três horas, mas não consigo. Outras bandas de metal, como Metallica, têm solos, partes instrumentais, então o cantor tem a chance de respirar. Do jeito que nossa música é estruturada, não tenho tempo para me recuperar."

Para além do palco, há movimentação em estúdio. Com exclusividade à *Rolling Stone Brasil*, os integrantes confirmaram estar gravando canções inéditas. O material deve sair no formato de um novo álbum — o décimo quinto da carreira — entre o fim deste ano e o início do próximo. Um single, "Reward the Scars", foi lançado em abril como parte da trilha sonora do game *Diablo IV: Lord of Hatred*.

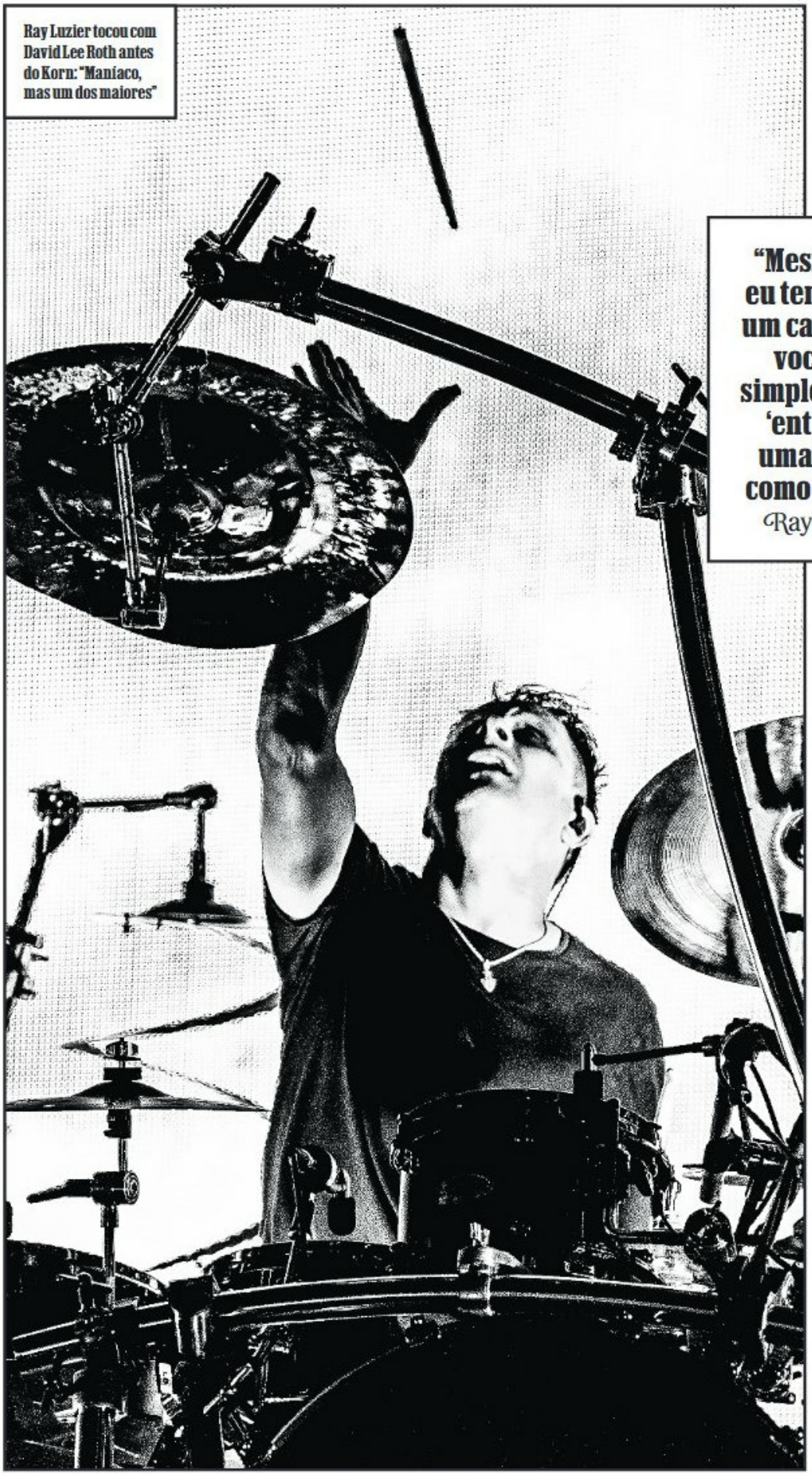
"Essas novas músicas são o próximo passo da carreira", projeta Davis ao ser convidado a compartilhar como elas estão soando. "Não direi 'oh é mais pesado', 'oh é melhor', porque sempre falamos isso. Posso apenas dizer que esta é a melhor canção neste momento em nossas vidas." De acordo com Munky, o frescor da dinâmica entre Díaz e Luzier tem guiado o processo criativo. O baterista, aliás, celebra: "Estou na banda há mais tempo do que o baterista original [David Silveria]. Não sou mais o 'cara novo' após quase duas décadas".

Welch, por sua vez, reflete sobre o grupo ter, pela primeira vez na carreira, tomado mais do que três anos para lançar um disco: "Fico feliz por estar levando esse tempo. Tool é um exemplo dramático demais, mas bandas como Metallica e Avenged Sevenfold demoram mais e criam expectativa. É minha opinião, não a dos outros no Korn, mas o tempo todo eu pensava estar lançando álbuns cedo demais. Mesmo sem lançar nada, a banda só cresceu — não só o Korn, todo o rock".

FOTO: ANTHONY SCIANGA



Jonathan Davis (foto) e Munky são os dois únicos integrantes presentes em todas as formações do Korn



Ray Luzier tocou com David Lee Roth antes do Korn: "Maníaco, mas um dos maiores"

"Mesmo que eu tenha sido um camaleão, você não simplesmente 'entra' em uma banda como o Korn"
Ray Luzier

"MUDAMOS O MUNDO"

A popularidade do Korn pode ter crescido recentemente — ainda que com amparo de seu catálogo —, mas a relevância nunca foi discutida. Poucos gêneros e subgêneros da música têm seu pioneiro tão bem definido quanto o nu metal, praticamente fundado pelo grupo da cidade americana de Bakersfield, Califórnia, por meio da demo *Neidermayer's Mind* (1993), hoje item raríssimo.

Com este material e o álbum de estreia homônimo de 1994, Jonathan, Head, Munky, Fieldy e David Silveria reorganizaram o mapa do metal. Exploraram guitarras de sete cordas de um jeito até então inédito. Apostaram em letras bem diretas sobre abuso, angústia e saúde mental. Deixaram o lado percussivo falar mais alto, especialmente pelo baixo de som seco que muito se assemelha a uma bateria. Adotaram elementos do hip-hop e da música eletrônica de uma forma também única. Criaram até mesmo uma estética visual própria, trazendo para este nicho o uso de trajes urbanos e esportivos como *tracksuits*, peças *oversized* e tênis Adidas. Seja na mensagem ou nas roupas, era menos fantasia e mais realidade.

Como resultado, veio não apenas o sucesso comercial refletido em 40 milhões de discos vendidos e turnês globais, como também o reconhecimento no segmento. Limp Bizkit, Slipknot, Linkin Park e Skrillex são apenas alguns dos vários nomes que citam Korn como referência. Até mesmo Sepultura, maior banda brasileira de metal da história, inspirou-se no grupo americano — após, curiosamente, ter servido de influência para eles.

Munky conta: "Sepultura teve enorme influência em nossa banda no início. Quando o álbum *Beneath the Remains* (1989) foi lançado, pensamos: 'Que porra é essa?'. Com *Chaos A.D.* (1993), o mesmo. Na época, acabamos refazendo muita coisa nossa por pensarmos que aquele era o patamar a ser atingido. Também víamos fitas VHS deles e do Mr. Bungle tocando em festivais. Até hoje eles arrasam".

Em entrevista de 2016 à *Metal Hammer*, Davis revelou ter ficado incomodado quando ouviu *Roots* (1996), álbum mais popular do Sepultura, e considerou que os brasileiros haviam "copiado" o som do disco de estreia do Korn. Usaram até o mesmo produtor, Ross Robinson. Mas ele, que participou do disco em questão com vocais em "Lookaway", reconhece: os colegas sul-americanos serviram de inspiração primeiro para seu grupo. Arte inspira arte, no fim das contas.

FOTOS: JULIA NIKIFOROVA, ANTHONY SCANGA

"Quando falei sobre meu 'eu mais jovem' não conseguir compreender essa situação do Sepultura, eu estava tendo um dia muito ruim e apenas estava descontando — faço isso muito", confidencia o cantor. "Sepultura é incrível! Amo tudo o que eles fizeram. Gosto para caralho de *Arise* [1991], *Chaos A.D.* e *Roots*. São artistas incríveis e pessoas incríveis. Tenho muito respeito por Max [Cavalera, vocalista e guitarrista]. Fico feliz com o caminho que ele tomou com Soulfly, Nailbomb, o projeto com o irmão [Iggor Cavalera, baterista] e tudo o mais."

Korn é tão único que nem mesmo Ray Luzier teve vida fácil ao se juntar à banda em 2008, no posto deixado por Silveria. Nascido na Pensilvânia, o baterista acumulava um currículo de peso antes da oportunidade: havia gravado e/ou excursionado com David Lee Roth (vocalista original do Van Halen), Army of Anyone (projeto com músicos do Stone Temple Pilots e Filter), Jake E. Lee (guitarrista de Ozzy Osbourne) e Steel Panther. Ainda assim, a reflexão que ele faz é um tanto brutal: "Mesmo que eu tenha sido um camaleão, você não simplesmente 'entra' em uma banda como o Korn".

"O mundo passou por uma grande fase de música eletrônica – nós também. Agora, as pessoas parecem ter apetite por música ao vivo"
James "Munky" Shaffer

Luzier tem origens no hard rock e heavy metal tradicional. Desenvolveu apreço pelo grunge no início da década de 1990. Mas não deixou de admirar o Korn logo no início. "Eles são muito poderosos", reflete. "Na época, havia bandas grunge como Stone Temple Pilots, Soundgarden, Alice in Chains e Nirvana, mas o Korn se negou a soar como eles e apostou em um som próprio. Eles abriram caminho. Não soavam como nenhuma outra banda. Lembro de ouvir e adorar tudo desde o início."

Nem mesmo o longo currículo e a formação em música por meio da conceituada Musicians Institute — onde também deu aulas — frearam críticas de fãs a Ray. "Fui massacrado porque não sou o baterista original — e eu entendo, odeio quando trocam integrantes na minha banda favorita. As pessoas têm o rosto de David Silveria tatuado no corpo. Korn é um estilo de vida. Levou anos até que os fãs me aceitassem."

Seja com Silveria ou Luzier, Korn é detentor de um legado poderoso e que transcende o metal, o rock ou a música. Chega ao ponto de músicas como "Freak on a Leash" e "Y'all Want a Single?" terem viralizado no TikTok, em tempos recentes, devido a desafios de dança promovidos organicamente por usuários. "É legal ver uma nova geração descobrir uma música como 'Freak on a Leash', mas se isso acontecesse há 20 anos, eu poderia não ter gostado — agora estamos em um momento diferente", admite Munky.

Untouchables, o álbum de estreia e *The Nothing* são os 3 melhores discos do Korn para Munky

Para Davis, a grande mensagem deixada pelo Korn é, basicamente, uma paráfrase de "My Way", sucesso de Frank Sinatra: "Quero que saibam que fizemos do nosso jeito". O vocalista reconhece que sua banda foi "muito difícil de se trabalhar", porque ele e seus colegas nunca ofereceram concessões à indústria musical. "Tínhamos nossa visão, fizemos da nossa forma... e mudamos o mundo", aponta o cantor.

A essa altura, nem dá para dizer que Jonathan está "se achando". "Não estou sendo nada pretensioso: eu não sou tudo isso, nós não somos tudo isso, só amo a inegável marca que deixamos na música pesada", reflete. "Mudou a trajetória da música pesada. Eu sei que mudou. Fico tão feliz por ter ajudado as pessoas a passarem por momentos difíceis, tocado a vida das pessoas de maneira positiva. Eu não sabia que minhas letras tocariam tantas pessoas. Head e Munky não sabiam que fariam algo tão inovador quando pegaram guitarras de 7 cordas."

"QUEM ESTÁ RINDO AGORA?!"

De um jeito curioso, o mercado da música se tornou mais afeito aos artistas de legado — como Korn — nos últimos tempos. Há tantas explicações para isso que, ao mesmo tempo, nenhuma parece servir, mas pas-

sa pelo crescimento da busca por músicas de "zona de conforto" no período da pandemia, valorização do espetáculo verdadeiramente ao vivo na era pós-pandêmica — em especial por parte da Geração Z, os nascidos entre 1997 e 2010 que prezam pela experiência para além da arte —, compreensão da indústria de como é importante explorar o catálogo de bandas clássicas, entre outros motivos.

Como consequência, o quarteto sente que, ao menos quando o papo é show, eles nunca estiveram tão grandes. "De um modo geral, acho que não dá para superar a década de 1990 em termos de popularidade, com a MTV e tudo o mais", pondera Brian "Head" Welch. "Estávamos no mainstream, misturados com artistas modernos, como Eminem, Blink-182, Dr. Dre, Snoop Dogg, Britney Spears e Backstreet Boys. Mas em relação a shows e números, somos maiores agora."

James "Munky" Shaffer tem o mesmo sentimento. "Há uma nova geração nos descobrindo e as redes sociais têm um papel nisso", destaca o guitarrista. "O mundo passou por uma grande fase de música eletrônica — nós também. Agora, as pessoas parecem ter apetite por música ao vivo e redescobrir bandas que têm legado ou impacto cultural."

Head aponta para algo nem sempre notado quando se fala de Korn: o espírito festivo de sua música. "Estamos focados em diversão e energia e criamos músicas que soavam como uma festa — mesmo que o tema seja muito intenso e sombrio —, porque as pessoas reagem com dança, se mexem, balançam a cabeça e gritam", pontua. "Nada contra pop ou hip-hop, mas temos um elemento humano que talvez a geração atual esteja querendo. Talvez eles sintam que perderam isso, porque a criação da música se tornou computadorizada, perfeita e falsa."

Para além da atenção geral às bandas de legado, há uma movimentação nostálgica inclinada para a década de 1990. Linkin Park, Limp Bizkit, System of a Down e Slipknot se apresentaram em estádios no Brasil ao longo dos últimos anos. "Todos os meus colegas da época estão trabalhando novamente", comemora Munky. "É incrível vender tantos ingressos novamente. Não há muitos artistas que chegam a esse nível, nem 1% deles. Somos um em um bilhão." Jonathan Davis também olha para aqueles que ficaram pelo caminho: "Vi tantas bandas surgirem e desaparecerem. Fomos e somos muito abençoados pelo fato de que todos nos damos tão bem e ainda amamos compor juntos. A química ainda está lá".

O nu metal, visto por tanto tempo como um "patinho feio", beneficiou-se de tal reavaliação. O subgênero recebeu críticas quase que em dose similar à aclamação comercial, seja por sua estética masculina — e por vezes machista —, aposta em elementos híbridos e externos à cultura do metal e rápida saturação midiática devido à superexposição. O Korn esteve um pouco imune a isso, mas grupos como os já citados Limp Bizkit, Slipknot e Linkin Park sofreram nesse aspecto.

O desgaste principal ocorreu com a realização do caótico festival Woodstock '99, que fracassou ao tentar resgatar a vibe "paz e amor" do evento original de 1969 e ainda ficou marcado por casos de crimes sexuais, calor extremo, preços exorbitantes até por água, vandalismo e três mortes. De um jeito difícil de se explicar, o show do Limp Bizkit em meio à programação de quatro dias passou a ser retratado como episódio definidor dos tumultos. A história foi revisitada por meio de dois documentários — *Woodstock 99: Peace, Love, and Rage* (2021, HBO Max) e *Desastre Total: Woodstock 99* (2022, Netflix) — e para Head, tais obras despertaram novo interesse pelo nu metal.

"TENTARAM FALAR MAL DO NU METAL NOS DOCUMENTÁRIOS DE WOODSTOCK '99, MAS TUDO O QUE FIZERAM FOI ELEVÁ-LO. SAIU PELA CULATRA"
Brian "Head" Welch

"Antes da pandemia, todos diziam que o rock estava morto. Com o nu metal, era pior ainda — é a 'parte ruim' do metal. Então os documentários Woodstock '99 foram lançados e tentaram falar mal do nu metal, mas tudo o que fizeram foi elevá-lo. Acho que fizeram a geração mais jovem ficar curiosa sobre as razões de ter sido tão caótico, porque esse foi o momento mais selvagem e enorme para esse tipo de música. O tiro saiu pela culatra."

O guitarrista relembra que outras bandas se apresentaram no evento, mas o foco negativo sempre esteve direcionado aos representantes do nu metal. "Limp Bizkit recebeu as piores críticas", explica. "Não vejo as pessoas criticando tanto o Red Hot Chili Peppers, ou até o Metallica. O Metallica não tocou no Woodstock? Eles nem foram mencionados nessa história! Por que não foram mencionados? Por eles terem os advogados mais poderosos dos EUA? Não sei, mas não foi justo e isso voltou como uma reação contra eles. Quem está rindo agora?!"

Se tem alguém que está rindo, é Jonathan Davis. Após uma vida marcada por tormento, abuso e conflito, o vocalista e letrista se diz "mais feliz do que nunca" — algo que pode gerar sentimentos dúbios entre os fãs, porque alguns mais fervorosos realmente acreditam que o Korn vivencia seus melhores momentos artísticos quando Davis tem razões para compor músicas angustiantes.

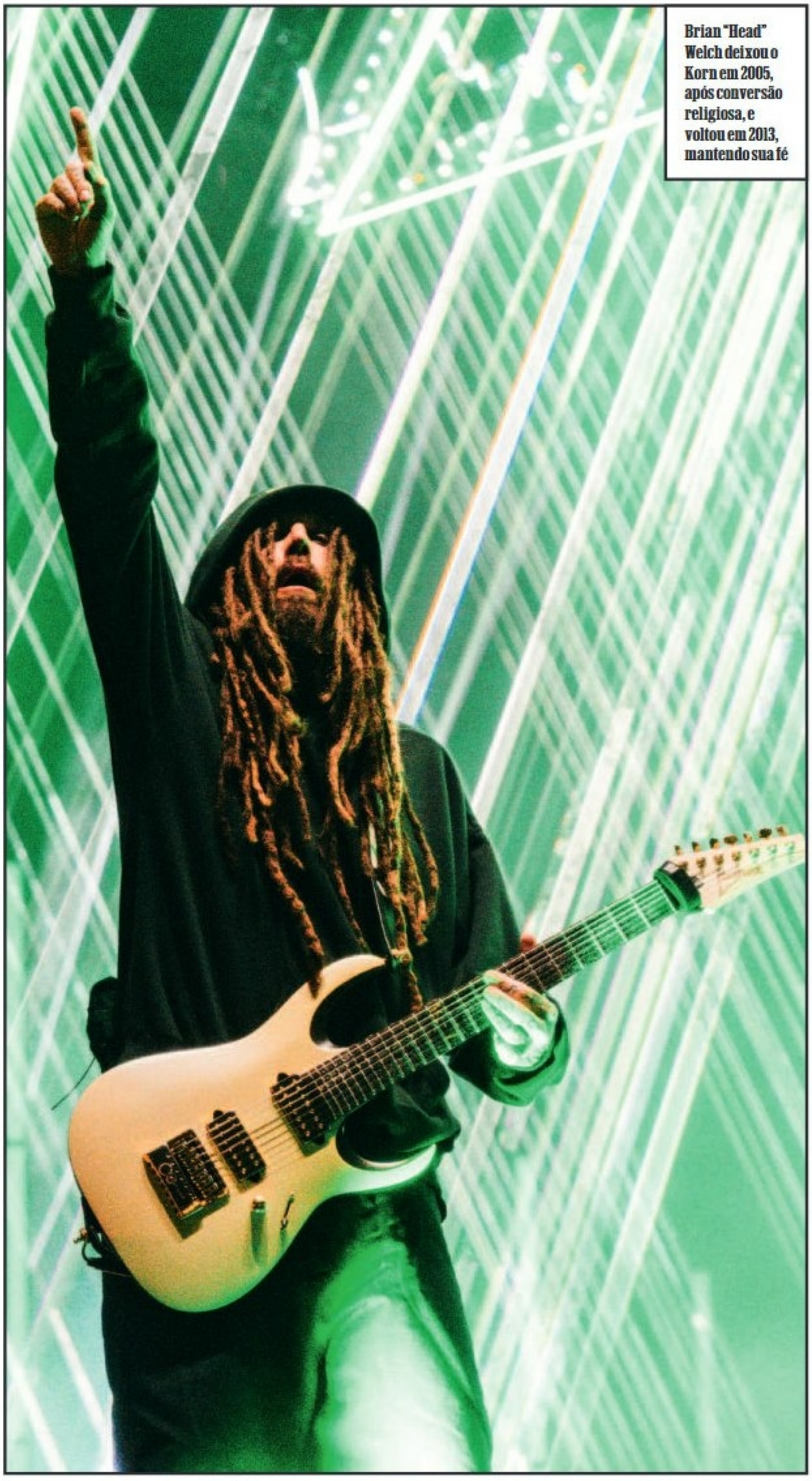
"Estou ótimo, cara", exclama o cantor. "Estou mais feliz do que nunca. Só leva tempo na vida para isso. Não digo que coisas ruins não aconteçam comigo, porque sou um ímã para coisas ruins acontecerem. O azar me persegue! Apenas escolho usar essas experiências para inspirar minhas letras. Coisas felizes não me inspiram."

Nascido em Bakersfield no dia 18 de janeiro de 1971, Davis enfrentou mudanças no ambiente familiar ainda criança, pois, aos três anos de idade, seus pais se divorciaram. Também lidou com problemas de saúde a partir desse período, já que tinha crises graves de asma e era hospitalizado com frequência — a ponto de ter sobrevivido a um episódio mais crítico aos cinco. Quem imaginaria que alguém com esse quadro clínico se tornaria... cantor?

A relação com a madrasta foi conflituosa, com relatos de humilhação, a ponto de ele ter composto a música "Kill You" sobre ela. A letra inclui versos como: "Tudo que eu quero fazer (você não é a minha verdadeira mãe) / (eu vou bater e esfaquear e foder ela) / É te matar!". Jonathan também afirma ter sofrido abuso sexual por uma amiga da família, algo retratado na canção "Daddy". Foi desacreditado pelos pais. "Este demônio me assombra", diz um dos trechos iniciais.

Enquanto adolescente, foi alvo de bullying por suas roupas, uso de maquiagem e gosto musical direcionado à new wave. Vem daí a letra de "Faget", com gritos de expressões homofóbicas e "HIV" em meio a reflexões angustiantes. Já na vida adulta, teve problemas com álcool e drogas — ao adquirir a sobriedade antes dos 30 anos, desenvolveu depressão agravada pela morte do avô. Sua segunda esposa, Deven Davis, faleceu em 2018, dois anos após a separação deles, em decorrência de uma overdose. Meses antes, sua mãe também partiu.

FOTO: ISMAEL QUINTANILLA III



Brian "Head" Welch deixou o Korn em 2005, após conversão religiosa, e voltou em 2013, mantendo sua fé

"Eu poderia fazer algo na comédia, tipo 'Weird Al' Yankovic, mas escolho as coisas sombrias que acontecem na vida", diz o artista, ciente de que tantos eventos trágicos inspiram suas composições. "Essas coisas acontecem com todos: isso se chama vida. No geral, estou melhor do que jamais estive. Tenho alguém na minha vida que me ama e cuida bem de mim — algo que eu nunca tive. Meus filhos estão seguros. Muitas coisas na minha vida mudaram para melhor nos últimos anos. Tirando o fato de estar envelhecendo, estou ótimo."

Outro integrante que garante estar em um bom lugar no âmbito pessoal é Brian "Head" Welch. Nascido em 19 de junho de 1970 em Torrance, mas estabelecido em Bakersfield, o guitarrista se converteu ao cristianismo no período em que deixou o Korn, em 2005. À época, o guitarrista lidava com o vício em drogas e álcool, além do desgaste pela pesada agenda de compromissos da banda e dilemas com a paternidade. A saída se deu, de acordo com um comunicado, porque ele "escolheu o Senhor Jesus Cristo como seu salvador e planeja dedicar suas atividades musicais a esse fim".

"Estragamos muitas coisas quando jovens — inclusive nossas vidas com substâncias —, mas não foi tudo assim, porque também houve bons momentos e não estávamos sempre drogados", afirma Head ao apontar que desfruta do sucesso atual com a mesma felicidade do passado, mas, claro, de um jeito bem mais consciente e grato nos dias de hoje. "Saí do Korn e me afastei disso por causa do lugar para onde isso me levou. Abri mão disso. Então, entenda o tamanho da gratidão que tenho por isso estar de volta, estar com tudo organizado e não haver pessoas problemáticas na nossa banda."

Qual teria sido o maior aprendizado de Head em seus anos fora do Korn? "Aprender a amar, porque a vida é sobre isso", responde. "Quando você destrói sua vida com drogas e álcool, vê cada relacionamento se desintegrar. Há uma espécie de auto-ódio, pois você pensa não merecer o bem. Você se tortura e disfarça isso como diversão. Quando descobri o amor divino, vi que não merecia me torturar. Se me amo, consigo amar minha filha e minha família corretamente. A música é um presente para me conectar com as pessoas. Não se trata de ficar rico e famoso: é sobre os fãs, não sobre mim."

Welch destaca que não é compreendido por todos em seu segmento. Fãs de rock, no geral, querem distância de temáticas divinas, enquanto religiosos desejam se afastar dele pelo vínculo com a banda. "Sinto como se eu estivesse no meio do caminho. Mas sou eu mesmo. Hoje, as pessoas entendem melhor — ainda é um pouco assim, mas está melhor do que costumava ser", conclui.

DISCOGRAFIA DO KORN

COMENTADA PELOS INTEGRANTES

KORN (1994)

Jonathan Davis: "Amo essa obra-prima. Não digo isso para ser pretensioso, mas foi aí que tudo começou. Tudo sobre esse disco mudou o mundo."

Brian "Head" Welch: "Meu favorito. Serviu como nossa faculdade de gravação, produção e indústria musical."

James "Munky" Shaffer: "Sabíamos que trabalhar com Ross Robinson nos produzindo no Indigo Ranch [lendário estúdio em Malibu] acenderia o pavio de influência em outras bandas depois de nós que foram gravar ali. Acho que esse é o jeito certo para descrever a experiência com ele naquele estúdio."

Ray Luzier: "Amo o quão imprudentes eles são no primeiro álbum. Você consegue sentir toda a angústia. Jonathan simplesmente entrega tudo ali na performance vocal. Esse disco se destaca."

LIFE IS PEACHY (1996)

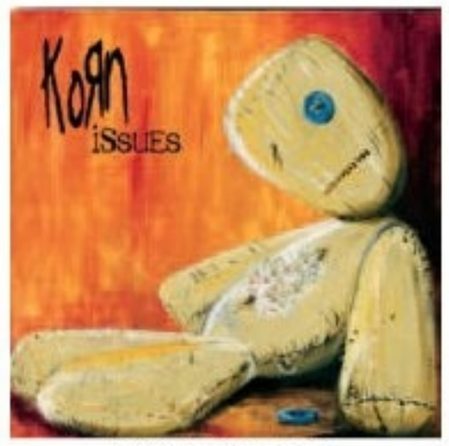
JD: "Fizemos logo após voltar da turnê. O empresário, querendo dinheiro, pediu outro disco para voltarmos à estrada. Foi muito corrido. Mas ainda o ouço até hoje. Eu reclamava por ter sido apressado, mas amo que, por isso, consigo sentir a pressa, a tensão e a ansiedade".

FOLLOW THE LEADER (1998)

JD: "O começo de grandes coisas. Foi o último que fiz completamente fora de mim. Gosto dele, mudou nossas vidas. Foi o primeiro sem Ross".

Head: "Meu segundo álbum favorito. Não gosto de todas as músicas — até Jonathan diria que 'All in the Family' não deveria ter entrado, pois éramos jovens idiotas e estávamos bêbados —, mas é um disco tão icônico e com músicas como 'Freak on a Leash', 'Got the Life', 'It's On', 'Dead Bodies Everywhere'. Definiu nossa carreira".

Ray: "A banda pode rir de mim, mas é meu favorito entre os que não gravei, porque me identifiquei com ele. Gosto da produção e do som. Amo a capa com a amarelinha no penhasco. 'Freak on a Leash' foi a única música aposentada do *TRL* [programa da MTV que exibia os clipes mais pedidos], pois ela vencia tanto que tinham que abrir chance para outras músicas".



ISSUES (1999)

JD: "Divertido. Amo esse disco. Tivemos tempo para trabalhar nele. Brendan O'Brien nos ensinou algumas coisas sobre composição. É o meu primeiro disco sóbrio, e é sobre eu passar por toda essa loucura e ansiedade. Não sabia que estava desintoxicando do álcool, fiquei fora de mim por um ano. Minha parte favorita são os pequenos interlúdios feitos com Brendan".

UNTOUCHABLES (2002)

JD: "Orçamento de gente grande! Eu sei que Fieldy falou sobre o quanto gastamos com isso [cerca de US$ 4 milhões], mas a maior parte dos gastos foi por sermos burros e mantermos o salário de toda a nossa equipe de turnê por dois anos. Foi a primeira vez que trabalhamos com Michael Beinhorn. Usamos o tempo e Michael nos fez criar ótimas músicas. Levou um ano para compor e mais um ano para gravar, porque foi a primeira gravação em 96 kHz da história. A produção exagerada me faz chamar esse álbum de 'Asia do heavy metal'. Nunca foi superado. É meu álbum favorito".

Munky: "Meu preferido. As músicas são tão grandiosas. Acho que tem a ver com o produtor, Michael Beinhorn, muito meticuloso com cada parte. Havia uma sensação tão conceitual no entorno. O grave, a mixagem, as melodias vocais de Jonathan... é nosso auge em termos de composição".

FOTOS: CARLOS ANDRES, DIVULGAÇÃO

TAKE A LOOK IN THE MIRROR (2003)

JD: "Aqui estamos nos despindo, fazendo o oposto de *Untouchables*. Criamos algumas dessas músicas em turnê, uma delas na sala de ensaio do estádio de Wembley. Gravamos em três semanas no meu estúdio caseiro. Meio cru, mas era o que precisava para o momento".

SEE YOU ON THE OTHER SIDE (2005)

JD: "Foi logo depois de Head sair. Estávamos assustados, só precisávamos seguir em frente. Não tenho medo de quebrar regras, então trabalhamos com The Matrix [equipe de produtores pop] e Atticus Ross [hoje no Nine Inch Nails]. Amo esse disco".

UNTITLED (2007)

JD: "Veio depois que David saiu. Pensei: 'Jesus, sou só Munky, Fieldy e eu, o que vai rolar?'. Decidimos ir com tudo e soar estranhos, o que resultou em um dos meus álbuns favoritos. Terry Bozzio e Brooks Wackerman gravaram a bateria. Adoro a vibe diferente".

Ray: "O álbum sem título não foi tão bem recebido, mas amo tanta coisa ali porque amo o quão experimental foi. Amo a grandiosidade de 'Starting Over' no final, quando Jon canta 'come take me'".

KORN III: REMEMBER WHO YOU ARE (2010)

JD: "Tentativa de voltar às raízes. O álbum punk do Korn. É brutal, cara. O que Ross Robinson me fez passar em estúdio me atrasou muito — meu psicólogo ficou irritado. Tive que voltar a tomar remédios. Foi foda, mas essa é a postura do Ross e eu precisava colocar algumas coisas para fora. O disco cumpriu o seu propósito na época".

Ray: "Pirei ao trabalhar com Ross Robinson em *Korn III*. Ele pegou pesado comigo: me pressionava, fazia tocar sem metrônomo. Falei que eu era novo na banda, mas não um novato na bateria. Ele não se importou. Quando eu queria tocar, ele dizia: 'Coloque as baquetas no chão, precisamos conversar sobre por que estamos aqui, o que estamos fazendo para o público'. Jon e eu fomos os mais cobrados naquele álbum. Mas fiquei muito orgulhoso. Só não gosto muito da mixagem".

THE PATH OF TOTALITY (2011)

JD: "Foi divertido. Quis experimentar de novo e comecei a ouvir dubstep, pois sempre curti dance music — não eletrônico, mas a música freestyle de Nova York, como Egyptian Lover e o gênero electro. Comecei a ouvir DJ Excision, mostrei para Munky e Fieldy, que estranharam, mas ficaram de queixo caído, pois é pesado. Falei com Skrillex, que é um grande fã de Korn, para gravar umas músicas. Só faríamos um EP, mas ele me apresentou a Excision e Downlink. Gostamos tanto que resolvemos fazer um álbum inteiro: eles nos enviaram músicas e nós gravamos na estrada. Muitos não gostaram, mas fico muito orgulhoso dele".

Ray: "*The Path of Totality* teve mais prato de bateria do que qualquer outra coisa [risos], foi um álbum muito programado".

THE PARADIGM SHIFT (2013)

JD: "Head veio a um show da época do *The Path of Totality* e isso o levou a voltar à banda. Decidimos fazer juntos um álbum, que se tornou esse. Misturamos o que fizemos no *Path* com Head, para ver se havia química. E havia. Don Gilmore, que gravou o Linkin Park, foi o produtor. É bem técnico, odeio isso, mas ainda ouço esse álbum, pois tenho ótimas lembranças".

Ray: "Bem diferente. Tentei encontrar grooves um pouco mais criativos. Não gosto de como gravamos, porque fizemos a bateria por último e eu tive que casar bateria com guitarras e baixo. Mas a volta de Head elevou a todos para seguirmos em frente. Minha visão era sempre ter os quatro caras juntos".

THE SERENITY OF SUFFERING (2016)

JD: "Um disco divertido. Gravamos pela primeira vez com Nick Rasculinecz. Eu me desliguei, porque estava passando por problemas em casa, então o resto da banda foi compor com Nick e decidimos não tentar tanta coisa eletrônica, pois àquela altura, toda música pesada era eletrônica — e já havíamos feito aquilo em 2011. Voltamos ao básico. Estava tudo pronto quando fiz minha parte".

Head: "Está no meu top 3. Quando voltei, o Korn estava numa fase estranha, no meio da carreira, como se o som pesado que começamos talvez fosse antiquado. Nos perguntamos como nos manteríamos atuais naquele cenário. Curiosamente, aqui voltamos a ser quem éramos. Nos conectamos com a vibração dos primeiros álbuns".

Ray: "Meu favorito dentre os que gravei. Foi quando começou a tomar forma para mim, por conta de Nick Raskulinecz. Amo a mixagem de Josh Wilbur. Amo as músicas, as performances e o som".

THE NOTHING (2019)

JD: "Um inferno para fazer, pois a mãe do meu filho faleceu. Passei por muitas emoções. Esse álbum sou eu de luto. Devastador. Foi o álbum mais real do Korn que fiz desde o primeiro, mas não consigo fazer isso toda vez. Ainda assim, fico feliz pelo resultado".

Munky: "Realmente amei, está no meu top 3. Sinto que ele não teve tempo de ganhar asas. Nick Raskulinecz conseguiu pegar nosso som clássico e levar adiante. As composições soam maduras, vi nosso crescimento musical".

REQUIEM (2022)

JD: "Não sabíamos o que fazer na pandemia. Fizemos esse álbum pois queríamos compor e esquecer do mundo. Comecei a trazer de volta mais positividade. Eu estava começando a ficar feliz de novo. Não há nada eletrônico nele, foi tudo gravado em fita, o que captura uma energia real".

Munky: "*The Nothing* não teve seu momento de turnê. Enlouqueci enquanto estava preso em casa, então sugeri nos encontrarmos de forma segura em um estúdio. O resultado foi *Requiem*".

Ray: "Tem coisas no *Requiem* que eu curto muito, pois é tão diferente. Nunca fizemos coisas como 'Hopeless and Beaten'. Amo o jeito que 'Start the Healing' ficou".

BLACK PANTERA
Banda é formada por (da esq. para dir.) Chaene da Gama, Rodrigo "Pancho" Augusto e Charles Gama

FOTO: THIAGO HENRIQUE/MHERMES ARTS

FAZENDO A COISA CERTA

Em preparação para dividir o palco com seus ídolos do Korn, Black Pantera colhe frutos e vive o melhor momento de uma carreira que, até agora, só teve "altos", sem "baixos"

Por **Igor Miranda**

"O caminho sempre foi para frente, nunca retrocedeu." A reflexão do baixista e vocalista Chaene da Gama sobre os 12 anos de Black Pantera é certeira e, ao mesmo tempo, curiosa. De fato, a maior banda brasileira de som pesado na atualidade tem colhido frutos de uma trajetória marcada, até agora, apenas por ascensão, sem quedas. Enxerga-se crescimento constante no grupo formado em Uberaba (MG) e completado por Charles Gama (voz e guitarra) e Rodrigo "Pancho" Augusto (bateria), seja no âmbito artístico ou comercial. Mas foram necessários trabalho árduo e tomadas de decisão corretas para chegar a esta realidade.

O contexto de 2026 envolve, por exemplo, ser uma das atrações de abertura para o show único do Korn no Brasil, agendado para o dia 16 de maio no Allianz Parque, em São Paulo, e realizado pela 30e. Tal informação faz o trio, naturalmente, refletir sobre as conquistas na última década e meia, porque lá atrás eles tinham um projeto de covers — e um dos homenageados mais frequentes eram os baluartes do nu metal, com quem agora dividem o palco.

> «Quem se incomoda com os dizeres 'fogo nos racistas', ou por uma banda se declarar antirracista, tem algum problema com isso. Seria bom revisar o seu sentimento»
> (Chaene da Gama)

"Tínhamos uma banda chamada Metal Machine, que tocava tudo que gostávamos de música pesada: Korn, Sepultura, System of a Down, Slipknot. Rodrigo chegou a fazer parte por um tempo", conta Chaene, antes de exaltar o baixista afastado do grupo. "Sempre fui muito fã do Fieldy, de como ele meio que arquitetou o som do nu metal, com aquele baixo percussivo junto com a bateria." Por tudo isso, Charles planeja: "Vamos tentar separar o máximo possível, mas, depois que tocarmos, quero curtir o Korn lá embaixo, com a galera".

No entanto, para chegar ao patamar de atração de abertura do Korn, escalação constante nos maiores festivais de música do Brasil e presença em eventos no exterior, precisaram abdicar dos covers. Banda preta antirracis-

ta nascida em pleno interior de Minas Gerais, Black Pantera começou como um projeto solo de Charles, que, de início, sequer conseguia convencer o irmão Chaene e o amigo Rodrigo a participarem. "A ideia se chamava Projeto Charlinho Black Demon, porque eu não achava ninguém", admite o vocalista e guitarrista, que sempre pensou nos dois atuais parceiros como peças ideais para o grupo. "Fui conhecer as duas primeiras músicas do Black Pantera já no estúdio e eu não queria saber mais de mexer com banda autoral, não queria mais isso na minha vida — tanto que tínhamos o Metal Machine e eu já trabalhava com música nessa época", confirma Chaene, antes de complementar: "Rodrigo nem quis gravar esses sons e aí você vê como as coisas aconteceram de 2014 até hoje".

Os "sons" mencionados pelo baixista e cantor são o repertório do álbum inaugural *Project Black Pantera* (2015), todo composto por Charles — exceção a "Rede Social", contribuição de Chaene. Vem desse disco faixas como "Boto Pra Fuder", "Ratatatá" e "Abre a Roda e Senta o Pé", responsáveis por abrir portas no Triângulo Mineiro e, após uma campanha de financiamento coletivo, até mesmo na França, onde, em 2016, apresentaram-se na edição parisiense do festival Afropunk.

Como o trio, outras pessoas nessa caminhada fizeram a coisa certa. Uma das primeiras foi o produtor Ricardo Barbosa, que cedeu gratuitamente o 106 Studio, seu estúdio em Uberaba, para as gravações do material. "Só agora ele recebeu o pagamento por gravar nossas músicas naquela época; e ele fez tudo — gravou, mixou e masterizou — na camaradagem, por gostar e enxergar potencial", conta Chaene. Para cobrir outras despesas ligadas à prensagem de 500 cópias do CD, os músicos venderam rifas pelas ruas da cidade mineira.

O álbum seguinte, *Agressão* (2018), deu sequência à caminhada rumo a maior reconhecimento, mas hoje os integrantes veem o disco de faixas como "Taca o Foda-se" e "Prefácio" como "um pouco subestimado". Rodrigo explica: "Na época não tínhamos condições de divulgar as músicas, então elas foram pouco ouvidas". Neste caso, a evolução esteve mais ancorada na parte artística, pois o Black Pantera ganhou, em definitivo, cara de banda. "Enquanto *Project Black Pantera* foi todo concebido pelo Charles, *Agressão* teve a participação de todos", pontua o baterista.

Ponto de virada

Comercialmente falando, a virada de chave para o Black Pantera ocorre em seu terceiro álbum, *Ascensão* (2022). Canções indispensáveis nos shows como "Fogo nos Racistas", "Padrão é o Caralho" e "Mosha" estão presentes no disco, dispo-

Para 2026, Black Pantera planeja dois grandes lançamentos: *Resistência! Ao Vivo no Circo Voador* e o quinto disco de inéditas

FOTOS: LECA SUZUKI

nibilizado pela gravadora Deck — a mesma que lançou nomes como Pitty e Matanza. "Entendemos durante as outras turnês que músicas como 'Fogo nos Racistas' e 'Padrão é o Caralho' pegariam, então passamos a compor para que essas frases pegassem", explica Chaene da Gama, abordando ainda o impacto do primeiro single. "A galera já ficou: 'Como assim?' com 'Padrão', com um trecho como 'Jesus não era branco, não era ariano, a vida começou no continente africano'."

Surpreende saber, contudo, que o disco ficou guardado por um ano e meio. Suas gravações ocorreram em outubro de 2020, mas optaram por esperar o fim da pandemia de covid-19 para o lançamento, em março de 2022. Novamente, fazendo a coisa certa. Não deixava de ser, contudo, uma movimentação delicada. "Tivemos medo, pois sabíamos que tínhamos um material gigantesco, mas as pessoas estavam morrendo sem parar no Brasil e isso poderia ter acontecido com qualquer um de nós", afirma o baixista e vocalista.

"E aconteceu: infelizmente, o pai do Rodrigo pegou covid e faleceu. Depois de tudo isso, 2022 foi um ano de vitória, porque o mundo voltou a respirar novamente."

O conceito do álbum seguinte — e o mais recente até o fechamento deste texto —, o premiado e ainda mais aclamado *Perpétuo*, eleito o segundo melhor disco nacional de 2024 pela *Rolling Stone Brasil*, nasceu de um show em um festival no Chile. "Havíamos acabado de lançar um EP em inglês, *Griô* (2023), mas várias bandas da América Latina se apresentaram e todas cantando na língua nativa, falando com suas regionalidades", conta Chaene. "Falamos: 'Não vamos tocar um EP feito em inglês'. Ali nos vimos como afro-latinos. Começa, então, o conceito deste disco mais ancestral, e de músicas como a faixa-título, 'Provérbios', 'Tradução' e 'Candeia'. Com ele, permitimos mostrar nossas fragilidades." Charles complementa: "Pudemos ter essa proposta afro-latina e continuar sendo o Black Pantera".

Presente e futuro

Parece algo trivial ou óbvio, mas os integrantes se orgulham em dizer que, hoje, conseguem viver somente do Black Pantera. Não é a realidade da maioria dos artistas de seu segmento. "Quando estávamos na casa dos 30, ninguém sequer imaginava que isso seria possível", reflete Chaene.

A coisa certa foi feita não apenas em arte e mercado, mas também — e especialmente — em mensagem. Raríssimas bandas na história do rock abordaram discriminação como o trio mineiro. A mensagem é elucidativa e enfática, sem rodeios, mas não compromete a ponto de transformar obra ou concerto em "palestrinha". "Acho que estamos no começo, porque muitas pessoas ainda não entendem a mensagem, o quão importante é lutar contra qualquer tipo de preconceito", pontua o baixista.

> «Antigamente, comprávamos muita treta com os haters. Agora, deixamos pra lá. Mas temos fãs maravilhosos que vão e compram a nossa briga»
> (Charles Gama)

Como o recado ainda não é compreendido da forma devida, há a parte negativa de tamanha popularidade: haters. "Isso acaba sendo pesadíssimo e se ficar só olhando os comentários de ódio, você adoece", destaca Charles Gama, que também revela como enfrenta a situação: "Desde o começo, nunca dei bola, mas vez ou outra surge algo que pega. Lidamos da melhor forma possível. Antigamente, comprávamos muita treta. Hoje, deixamos lá. Temos fãs maravilhosos que compram a briga". Chaene completa: "Temos até que educar os nossos familiares. Às vezes, meu pai ou minhas filhas veem comentários em uma matéria e eu falo: 'Deixa, não discute'. Não vamos mudar isso daqui de casa discutindo com a pessoa, ainda mais por ser uma parcela ínfima".

O arremate final no tema fica a cargo de Rodrigo, o mais direto em suas declarações: "Hater é bom para gerar engajamento. Então, continue gerando engajamento. Não vamos responder — somente ao vivo, no show, onde damos a nossa melhor resposta".

E o que vem pela frente? Além de uma incansável agenda de shows a ser cumprida, Black Pantera lançará dois trabalhos em 2026. Um deles é ao vivo e em formato audiovisual: *Resistência! Ao Vivo no Circo Voador*, que chega no dia 8 de maio com exibição completa de show no canal de TV por assinatura Bis. "Foi o melhor show da minha vida — melhor que Rock in Rio ou qualquer outro —, porque o público foi só para assistir ao Black Pantera", exalta Rodrigo. "Foi a realização de um sonho poder gravar no Circo Voador, uma casa no Rio de Janeiro onde vimos várias bandas."

O outro, ainda mais aguardado, é o próximo disco de inéditas, quinto no catálogo. Ao longo do mês de janeiro, Charles, Chaene e Rodrigo gravaram 17 músicas em 15 dias. Algumas ficarão fora do material final, a ser disponibilizado no segundo semestre — possivelmente em agosto. Os três fazem mistério em relação ao conceito ou detalhes, mas prometem fundir elementos de tudo o que se ouviu deles até agora com algo novo. "Para mim, já é o melhor álbum do Black Pantera", adianta Rodrigo. "Acho que irá expandir mais os nossos caminhos", destaca Chaene, antes de reconhecer: "O público se expandiu com *Perpétuo*. 'Tradução' [música que celebra as mães trabalhadoras] pegou muito na galera. Percebemos não ter problema em falar sobre nossos amores, nossas dores... e ainda há muito mais o que falar".

ESPÍRITO INDOMÁVEL

Seja artisticamente ou em popularidade, Spiritbox está cada vez maior — seu segundo show, abrindo para um gigante no Allianz Parque, deve mostrar isso

Por **Igor Miranda**

Courtney LaPlante relembra fã vestido de Jesus Cristo que foi banido em apresentação no Brasil: "Dizem que Jesus foi expulso, mas trocou de roupa e voltou escondido para o restante do show. Ele ressuscitou, voltou para nós"

FOTO: ANA MASSARD EXCLUSIVA PARA ROLLING STONE BRASIL

"Nunca esqueceremos do [fã vestido de] Jesus que apareceu enquanto tocávamos 'Holy Roller': ele subiu na galera e acendeu sinalizadores." Como se nota, Courtney LaPlante tem boas lembranças do primeiro show do Spiritbox no Brasil, em novembro de 2024, como atração de abertura do Bring Me the Horizon no Allianz Parque. "Dizem que Jesus foi expulso, mas trocou de roupa e voltou escondido para o restante do show. Ele ressuscitou, voltou para nós", complementou ela, em entrevista à *Rolling Stone Brasil,* dias antes da Páscoa.

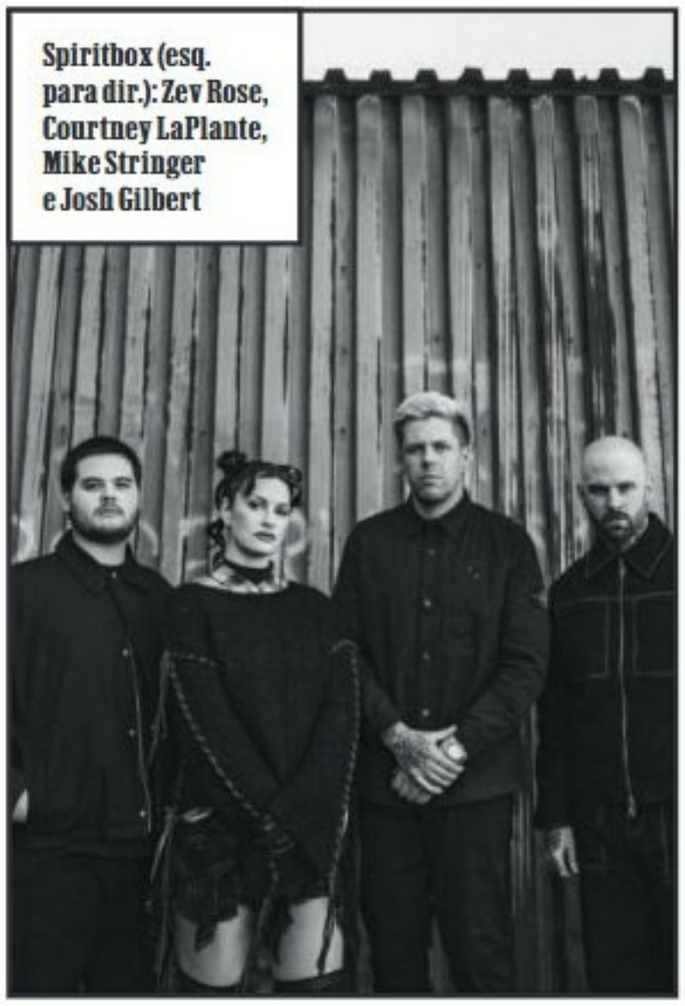
A banda formada no Canadá e capitaneada pela cantora junto de seu marido e guitarrista, Mike Stringer, retorna ao mesmo estádio em São Paulo e novamente como atração de abertura, agora do Korn. Tal dobradinha já havia ocorrido no exterior em 2024. "Somos gratos por termos tocado várias vezes com o Korn. Vi muitos vídeos deles no Brasil e parece uma grande festa", reflete a artista, que busca provocar a mesma sensação com seu show: "Tocaremos o maior número de músicas possível no tempo que temos, pois quando abrimos para alguém, queremos apresentar nosso trabalho para novas pessoas".

Completado por Zev Rose (bateria) e Josh Gilbert (baixo), Spiritbox nasceu em 2016 das mãos de Courtney e Mike, que tocavam juntos no Iwrestledabearonce. O metalcore do projeto anterior seguiu como referência principal, mas ganhou pitadas progressivas e atmosféricas, de djent, post-metal, elementos eletrônicos, pop/R&B e por aí vai. Difícil de rotular e botar numa caixinha, mas fácil de apreciar, porque eles têm ou tiveram:

- **3,5 MILHÕES DE OUVINTES MENSAIS NO SPOTIFY;**
- **DOIS ÁLBUNS (*ETERNAL BLUE* E *TSUNAMI SEA*) NO TOP 40 AMERICANO E TOP 20 BRITÂNICO;**
- **CERTIFICAÇÃO DE OURO PELO SINGLE "CIRCLE WITH ME";**
- **TRÊS INDICAÇÕES SEGUIDAS AO GRAMMY, COM DIREITO A SE APRESENTAR NA CHAMADA PRÉ-CERIMÔNIA.**

Marcas robustas para um som tão pesado que está ficando popular também em nosso país. "Fiquei surpresa com a quantidade de pessoas que sabiam as músicas no show do Brasil", celebra Courtney. "Não posso presumir que não há diferença entre números online e vida real. Um número de streams é algo abstrato; ver pessoas no show é algo real, tangível. Ainda me choca. É tudo novo para mim e eu realmente gosto disso."

Com tamanho sucesso, por que, então, não voltar com um show próprio, em vez de abrir para outra banda? "Temos pensado sobre isso por muito tempo, inclusive consideramos fazer isso neste ano", admite LaPlante. "Mas o Korn queria que fôssemos com eles e eles são um dos melhores no metal. Talvez nunca tenhamos essa chance de novo. Penso que este show nos dará confiança para voltar sozinhos. Espero que seja em 2027, mas depende do planejamento." Também à *Rolling Stone Brasil*, Brian "Head" Welch, guitarrista do Korn, crava: "Sou um grande fã de Spiritbox e eles já estão grandes demais para abrir shows".



Spiritbox (esq. para dir.): Zev Rose, Courtney LaPlante, Mike Stringer e Josh Gilbert

> «Ao fim do show, me afasto das músicas, como se tivesse encerrado uma boa sessão de terapia. Fico limpa do meu estresse»
>
> Courtney LaPlante

TSUNAMI SEA E... FUNK BRASILEIRO

Nesta nova visita ao Brasil, Spiritbox promove o citado *Tsunami Sea*, álbum que Courtney define como "a história da minha vida". Vem dele canções como "Soft Spine" (indicada ao Grammy na categoria *Melhor Performance de Metal*), "Perfect Soul", "Fata Morgana" e "No Loss, No Love", presenças praticamente garantidas no repertório.

"Talvez o público não entenda todas as metáforas, mas é catártico para mim, porque me lembra dos altos e baixos de onde venho e o quão longe chegamos em relação à ilha abordada naquele álbum, onde Mike e eu crescemos", pondera a artista sobre o disco. "Eu me divirto tocando essas músicas, mas ao fim, me afasto, como se tivesse encerrado uma boa sessão de terapia. Fico limpa de todo o meu estresse quando saio do palco."

Caso o grupo retorne em 2027, talvez traga uma turnê que já nem seja mais a de *Tsunami Sea*. "Estou em uma banda com *Michael Stringer*, então nunca deixa de haver música nova", reflete a cantora. "Nunca sabemos se devemos relaxar, pois ele vem e cria a música mais incrível que já ouvi. Não sei quando iremos lançar, mas já fizemos algumas coisas e não conseguimos guardar nossos segredos. Em breve vamos sabotar nosso tempo de folga."

Algo que faz Courtney relaxar é ouvir música. Em sua playlist pessoal, há Brasil, por meio do funk, um de seus gêneros favoritos para ouvir enquanto dança ou se exercita. No meio da entrevista, ela destaca duas canções: "Vem Vem", na versão de DJ BRZ 13, e "Aquecimento do Adame", de Adame DJ, MC Gw e MC Bob Anne. Faz questão de pesquisá-las no celular e mostrar para o repórter.

"Ouço muitos mixes de DJs no YouTube", diz. "Gostamos porque há batidas realmente agressivas num ritmo suingado, típico da música brasileira. Começam com a marcação 4/4 e depois mudam o ritmo — começa a parecer quase errado. Gosto de uma versão da música 'Vem Vem', do DJ BRZ 13, em que fazem uma mistura. E na playlist pré-show sempre toca 'Aquecimento do Adame'. Todos na plateia ficam tipo: 'é pra rebolar ou começar uma briga?'."

LaPlante é informada de que funk e heavy metal — especialmente o mais tradicional — são "inimigos mortais" entre fãs brasileiros, mais afeitos ao metal clássico. Ela se diz uma grande fã de ramificações convencionais, pois "tudo tem suas ondas". "Há experimentos que tornam o metal mais variado, mas então o pêndulo volta para o outro lado porque as pessoas sentem falta do bom e velho metal clássico. Acho legal ser diversificado e aprender sobre todas as coisas diferentes que nos colocam sob o guarda-chuva do metal. O metal clássico é uma das razões pelas quais todos ainda amamos isso, porque não há nada parecido. Nunca houve antes e provavelmente nunca haverá de novo."

AS VISÕES DE SHAVO

Peça imprescindível do System of a Down — da composição à direção de clipes —, Shavo Odadjian está empolgado com seu novo projeto, Seven Hours After Violet, e com o momento pacífico de sua banda mais famosa

Por **Igor Miranda**

Desde criança, Shavo Odadjian enxerga movimento na música. "Cores, visões, sabe?" Embora não atraia tantos holofotes quanto seus colegas de System of a Down, o baixista também é um personagem peculiar. Todavia, seu perfil mais discreto talvez faça o público não notar sua importância para uma das maiores bandas da história da música pesada.

Clássicos como "Sugar" e "Toxicity", por exemplo, nasceram de suas mãos e foram lapidados pelo guitarrista Daron Malakian. Ele, que também é artista plástico, dirigiu os icônicos videoclipes de "Aerials", "Question!" e da supracitada "Toxicity", bem como cuidou dos visuais de palco em turnês. Daí o comentário sobre enxergar música de um jeito diferente. "Isso me completa", diz ao abordar seus trabalhos audiovisuais.

Odadjian também se plenifica pelas iniciativas musicais paralelas ao System. A mais recente delas é o Seven Hours After Violet (S.H.A.V.), banda fundada em 2024 — ano de lançamento de seu primeiro e, até agora, único álbum homônimo. Aqui, Shavo está acompanhado de Taylor Barber (Left to Suffer) no vocal, Michael "Morgoth Beatz" Montoya (Winds of Plague) na guitarra, Alejandro "Scarypoolparty" Aranda (vice-campeão do *American Idol* 2019) na guitarra e vocal e Josh Johnson (Winds of Plague) na bateria. Soa como metalcore, mas tem swing e melodia típicos do SOAD.

"Após as pessoas nos assistirem ao vivo, a reação é sempre muito boa. Quando fiz o álbum de 2024, sequer sabia quem estaria na banda", conta Shavo, que criou o grupo após conhecer Morgoth. Canções como "Paradise", "Radiance", "Alive" e "Cry" vieram primordialmente de Odadjian, responsável por baixo e também guitarra. A ideia era que o material se tornasse uma espécie de disco solo, com cantores convidados — como Jonathan Davis —, mas pensava-se em fazer turnês, então a preferência recaiu sobre o formato de formação fixa. Daí surgiram Barber, Aranda e Johnson.

O público brasileiro pôde assisti-los em São Paulo, também em 2024, no festival Knotfest Brasil e/ou abrindo para o Babymetal. "Não havia praticamente nenhum celular na plateia: todos estavam pulando e cantando", diz sobre os fãs do grupo japonês de kawaii metal. Agora, retornam em apoio ao Korn, com quem excursionaram em 2025. "Korn são como família, irmãos. Eu os conheço há 30 anos", declara Odadjian a respeito dos baluartes do nu metal.

O baixista deixa claro que S.H.A.V. representa, acima de tudo, seu desejo artístico. "Eu já tenho o System of a Down, então isso não é algo que eu preciso, mas algo que quero", afirma, também antecipando que o próximo lançamento será um EP. "Temos cinco músicas e não quero esperar até conseguir gravar um álbum inteiro, porque tenho muitos shows marcados, inclusive com o System."

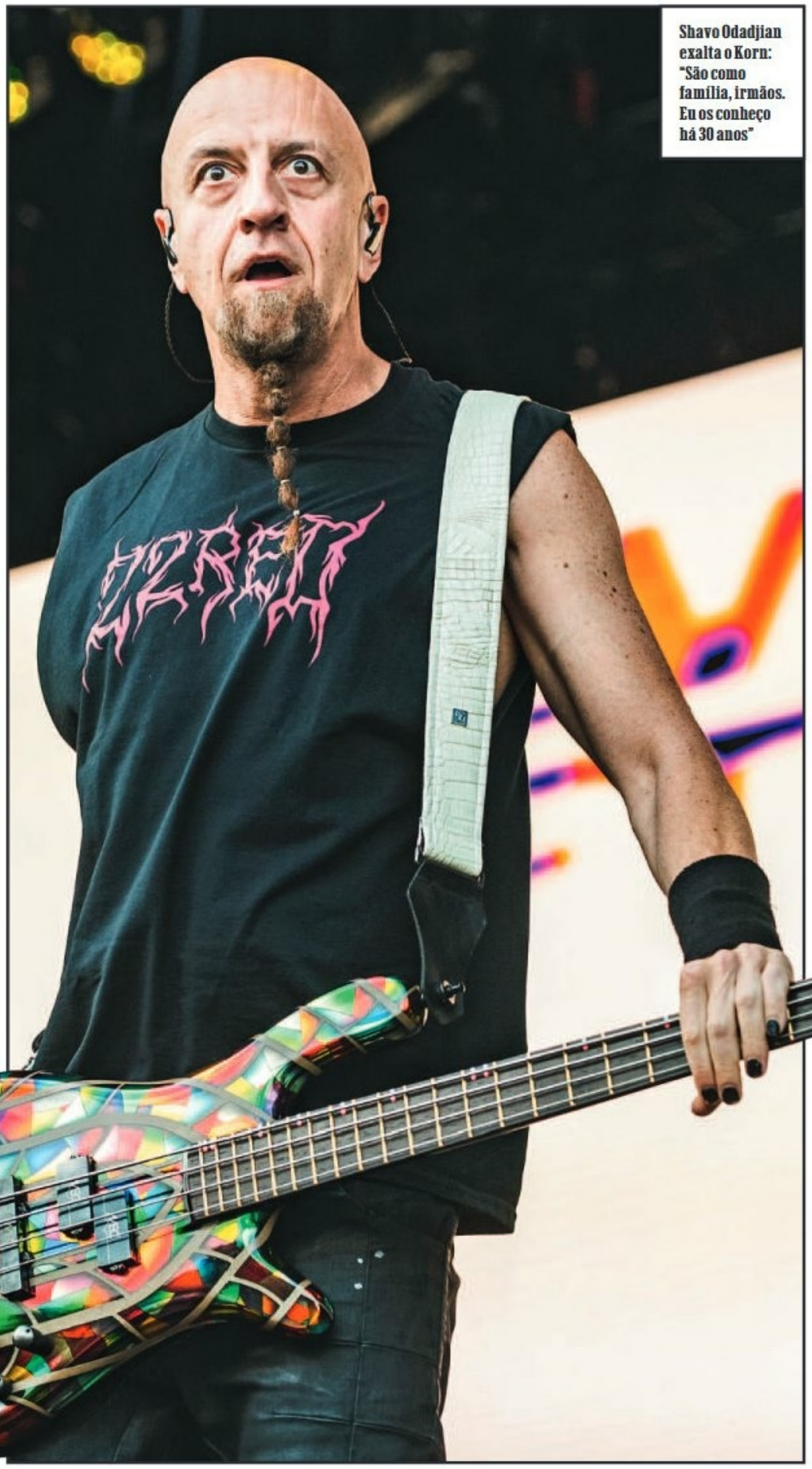
"Os planetas se alinharam. Foram alguns dos melhores shows de nossas carreiras e isso nos abriu a querer fazer mais."

O discurso é cauteloso, porém, quando Shavo é convidado a falar sobre o futuro do SOAD, que, em meio a divergências criativas anteriores entre o vocalista Serj Tankian e o guitarrista Daron Malakian, não lança um álbum há mais de duas décadas. "Estamos apenas fazendo shows e curtindo, porque, após 30 anos, não precisamos fazer nada além do que queremos", reflete, admitindo ainda que a agenda enxuta do System em anos anteriores "não era tão boa" para ele. "Estamos planejando mais shows para o futuro, mas não precisamos fazer turnês longas: gostamos de criar momentos especiais."

System of a Down, aliás, segue ativo. O ritmo é mais lento, mas começa a acelerar: em 2025, ocorreram 15 apresentações, cinco delas no Brasil; neste ano, serão 14 datas, na América do Norte e Europa. Os compromissos em território nacional, em maio último, ficaram gravados na memória de Odadjian. "Tenho certeza de que qualquer pessoa que presenciou se lembrará para sempre", garante, brincando que os vídeos daquelas performances surgem no feed de seu Instagram até os dias de hoje.

> «Já tenho o System of a Down. Seven Hours After Violet não é algo que eu preciso. É algo que eu quero»

FOTO: MARIANO REGIDOR/REDFERNS



Shavo Odadjian exalta o Korn: "São como família, irmãos. Eu os conheço há 30 anos"

Shavo Odadjian comenta sua discografia

System of a Down (System of a Down, 1998): "O nosso começo, a raiz, o alicerce. Levou mais tempo para fazer este do que qualquer outro. Tocamos ele ao vivo mais do que qualquer outro no começo, enquanto estávamos sem contrato com gravadora e tocando em Hollywood."

Toxicity (System of a Down, 2001): "É a nossa graduação. Subiu vários degraus, na verdade, em termos de som, temas e composição. Mostrou uma evolução. Até hoje, é reconhecido por isso."

Steal This Album! (System of a Down, 2002): "Originalmente, fazia parte de Toxicity. A gente chamava de 'lados B', mas tem umas músicas muito boas. Quando fomos lançá-lo, decidimos não fazer qualquer divulgação — e deu certo. Vendemos um milhão de cópias sem rádio, sem nada. É subestimado, mas adoro. É o nosso álbum que eu mais ouviria."

Mezmerize/Hypnotize (System of a Down, 2005): "Foram feitos juntos. Fiquei um pouco mais afastado naquela época. Traz mais de Daron, que assumiu o controle daquela era e fez muitas coisas lindas com Serj. É uma grande produção que conta histórias e traz coisas sinceras. Vejo os dois álbuns juntos, apenas lançados separadamente. Não consigo separá-los, nem sei qual música está em qual."

EPs do North Kingsley (2020): "Como o AcHoZeN [que nunca lançou um álbum formalmente], outra época estranha. Eu estava de volta à ativa e me juntei a outros caras para fazer um som que se parecesse com nada. Compus bastante no baixo, com distorção. Fiz algo intermediário entre o peso do System of a Down e o hip hop do Ray [Hawthorne]: era pesado, mas não exatamente rap rock, tinha só batidas. Ainda tenho um álbum completo nunca lançado. John [Dolmayan] toca em várias delas. Porém, não fiquei 100% satisfeito com isso. Talvez seja lançado algum dia, mas precisa ser mixado."

Seven Hours After Violet (Seven Hours After Violet, 2024): "Meu renascimento. Amo música pesada desde sempre. Poder fazer isso com essas pessoas é o início de um novo capítulo."

A SÁTIRA QUE FICOU REAL DEMAIS

The Boys, série de sucesso do Prime Video, retornou para a quinta e última temporada com eventos sem precedentes e riscos para seus protagonistas

Por **Felipe Grutter**

FOTO: DIVULGAÇÃO PRIME VIDEO

VILÃO DE *THE BOYS* Capitão Pátria (Antony Starr) observa o mundo pegando fogo — e ele é um dos culpados

Diversas reações hilárias surgiram pela internet quando *Os Simpsons* previram que Donald Trump seria presidente dos EUA; Neymar se lesionaria na Copa do Mundo do Brasil e a Seleção Alemã seria a vencedora do torneio; a Fox ser comprada pela Disney; ou até mesmo a nota de R$ 200. Isso sem contar as outras previsões bizarras da série, já com 37 temporadas exibidas, que ainda podem se tornar realidade.

Por sua vez, *The Boys*, série do Prime Video que exibe sua quinta e última temporada, não causou a mesma comoção da família amarela quando "previu" espetacularização de mortes de políticos, lideranças dos Estados Unidos usando sua influência para controlar as pessoas e se perpetuar no poder, a expansão do fascismo ao redor do mundo, megacorporações e países abafando casos de abusos e mortes, movimentos neonazistas ganhando força, ou uso das redes sociais para distorcer a realidade. Afinal, estamos vendo a sociedade se deteriorando com os nossos próprios olhos — e *The Boys*, que começou como uma mera sátira sobre os EUA, virou praticamente nosso espelho.

No começo, o subtexto político do seriado era mais sutil, mas, com o passar das temporadas, as críticas e referências, especialmente com o paralelo entre Capitão Pátria (Antony Starr) e Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos, ficaram cada vez mais evidentes. Por exemplo, o vilão fez diversas declarações públicas revelando atos de violência e seu caráter racista e misógino — e mesmo assim é apoiado e defendido por seus fãs e seguidores. Coincidência?

Em entrevista à *Rolling Stone Brasil*, Eric Kripke, criador de *The Boys*, e parte do elenco da produção — Erin Moriarty (Luz-Estrela/Annie January), Laz Alonso (Leitinho), Karen Fukuhara (Kimiko Miyashiro), Colby Minifie (Ashley Barrett) e Tomer Capone (Francês) —, quando vieram ao Brasil para a CCXP 2025, reconheceram o forte teor político dos episódios, mas negaram que tomem algum lado ou reflitam alguma pessoa real.

"Essa série é muito boa em fazer um monte de perguntas e permitir que o público tome sua própria decisão. Mas esses são personagens inteiramente ficcionais que questionam muito sobre as dinâmicas de poder e como é ter uma pessoa narcisista no comando", explicou Minifie. "Todas essas são questões muito prevalentes no nosso tempo."

Já Moriarty, que interpreta uma das personagens de maior destaque da série, falou do "elemento estranho de 'bola de cristal'"

EM SÃO PAULO
Da esq. para dir.: Laz Alonso, Colby Minifie, Eric Kripke, Karen Fukuhara, Erin Moriarty e Tomer Capone

“Conforme os anos se passaram, a coisa ficou tão mais louca, surreal e ridícula que é difícil fazer sátira quando o mundo é mais absurdo que a sua sátira”

— Eric Kripke

não proposital com o que Kripke e os roteiristas escrevem os roteiros: “Temos esse elemento bizarro de Zeitgeist na nossa série que é intencional quanto à dinâmica de poder, com o conceito de ‘se super-heróis existissem, eles seriam realmente bons? Provavelmente não’, porque o poder tipicamente corrompe. Mas há uma natureza nisso que acontece em *The Boys*, simultânea à realidade, que tem sido essa coincidência bizarra. Então, parte disso é deliberado, parte não é. O que é uma loucura”.

Além disso, Capone, que vive o intenso Francês, reforçou o lado “imparcial” de *The Boys*, mas destacou que os atores e atrizes recebem o roteiro para cada um analisar o modo como querem falar sobre a jornada emocional que os respectivos personagens atravessam.

“Para mim, encarar isso como ator neste mundo barulhento e ruidoso em que vivemos é como ser parte de um bom espelho para quem quer que precise dele, ou também para quem sente que o mundo está ficando maluco e quer algum conforto no que esses caras estão trazendo”, disse o artista israelense.

Encerrando o assunto, o chefão Eric Kripke, que também criou *Supernatural* e comandou a série nas cinco primeiras temporadas, revelou que a equipe de produção escreve sobre o que os assusta, apenas refletindo o mundo de volta para si. O que não são ótimas notícias, como o próprio lamenta.

“O seriado é muito sobre a intersecção entre celebridade e autoritarismo, ditadores famosos e ditadores-celebridades, que é um fenômeno razoavelmente novo no mundo todo, não apenas nos EUA. Conforme os anos se passaram, a coisa ficou tão mais louca, surreal e ridícula que é difícil fazer sátira quando o mundo é mais absurdo que a sua sátira. Honestamente, estamos apenas fazendo o nosso melhor para acompanhar.”

FOTOS: DIVULGAÇÃO PRIME VIDEO

Erin Moriarty como Annie January, alter ego de Luz-Estrela

Chace Crawford como Profundo

Tomer Capone como Francês

Desde a primeira temporada de *The Boys*, atuação de Antony Starr é um dos grandes destaques da série

O começo do fim e Inteligência Artificial

O final da quarta temporada de *The Boys* foi bastante dramático para os protagonistas: Billy Bruto (Karl Urban) se corrompeu completamente durante sua vingança contra Capitão Pátria, Hughie (Jack Quaid), Leitinho e Francês foram presos e Kimiko e Luz-Estrela fugiram. O grupo foi parar em seu pior momento na revolução contra a Vought, megacorporação que controla os Sete e criou Capitão Pátria e os supers.

Ainda existia certo drama no elenco, que chegou ao set de filmagens da quinta temporada sabendo que esse seria o final da série. Um sentimento agridoce, segundo Colby Minifie e Erin Moriarty. Assim, os artistas puderam concluir a narrativa ao se despedir dos personagens de forma adequada, sem a frieza de um cancelamento.

"É muito saudável ter um fim para uma produção como essa. Sabe, algumas podem continuar e continuar e continuar, então acabam se perdendo", comparou Minifie. "Ter a coragem que Kripke teve de encerrar a série e construir um começo, meio e fim realmente bons é algo muito especial."

Karen Fukuhara relembrou que, logo na leitura do primeiro episódio, intitulado "Quarenta Centímetros de Pura Dinamite", deu para perceber que as apostas estavam incrivelmente altas e o ritmo era muito acelerado: "Isso me fez lembrar que teríamos que ir até o limite desde o começo — e não paramos até o fim". De fato, a estreia do quinto ano começou com a morte de um personagem relevante logo na estreia.

Kripke ressaltou que, em uma temporada final, ninguém está seguro e qualquer coisa pode acontecer. Enquanto o destino dos per-

Jensen Ackles vive Soldier Boy, paródia do Capitão América

Jack Quaid que interpreta Hughie Campbell

Karen Fukuhara como Kimiko

Susan Heyward como Irmã Sábia

Nathan Mitchell como Black Noir

Cameron Crovetti como Ryan

Laz Alonso como Leitinho

Valorie Curry como Espoleta

Colby Minifie como Ashley Barrett

FOTOS: DIVULGAÇÃO PRIME VIDEO

Ao longo de *The Boys*, atuação de Karl Urban lidou com onda de ódio de seu personagem, Billy Bruto

sonagens não está 100% definido, existem grandes oscilações emocionais. "Foi realmente muito divertido", disse o roteirista e diretor sobre estar pronto para o fim. "A capacidade da série de nos dar um espaço para falar sobre coisas reais, como nesta temporada, em que falamos muito sobre IA, e a IA é tão irritante — é como interesse anal. Eu odeio IA! Poder falar sobre o mundo como o vemos é um verdadeiro presente".

"Eu iria tão longe a ponto de dizer que a IA pode ser mais poderosa que o Capitão Pátria", complementou Alonso. "Se você pensar nisso em uma escala global."

E os personagens nisso tudo?

Um dos principais temas de *The Boys* é o ódio, sentimento que permeia Billy Bruto, que lidera o grupo para deixar os supers na linha e, no meio do caminho, matar o Capitão Pátria, que abusou de Becca (Shantel VanSanten), esposa do personagem e foi responsável indiretamente pela morte dela. Bruto se perde na vingança ao longo das temporadas e, ultimamente, abusa do composto V, usado pela Vought para fabricar os seres superpoderosos, e se contamina com um tumor que, lentamente, irá matá-lo — inicialmente, ele ganha poderes iguais aos do Superman, mas depois fica com espécies de tentáculos.

Esse sentimento provoca não apenas sua autodestruição, mas também a dos amigos ao redor, como Leitinho (apelido de Marvin T. Milk), que eventualmente se cansa da postura e atitude de Bruto, cujo sarcasmo está fortemente atrelado ao seu sotaque inglês. "Ódio mais ódio só resulta em mais ódio. O que nos leva para a quinta temporada é o Leitinho percebendo que você pode ter a melhor das intenções e, ainda assim, isso pode não importar", ponderou Laz Alonso.

Por outro lado, Francês passou a quarta temporada inteira buscando redenção por seu passado sombrio, no qual era contratado para assassinar pessoas, fossem elas homens, crianças ou mulheres. Será que você consegue sequer fazer isso, considerando a escala das coisas horríveis que ele fez no passado?

"Novamente, o que prepara a quinta temporada é o final dramático da quarta, sendo separados [enquanto grupo]", respondeu Tomer Capone. "Por pouco, o Francês quase chegou lá. Sabe, é quase como se estivesse junto com Kimiko, ele está feliz e limpo. Não usa nada e está se tornando um homem. E isso é tirado dele. Então, o modo de sobrevivência está de volta."

Um dos personagens que mais cresceu e se desenvolveu em *The Boys* foi Luz-Estrela, que começou como uma heroína inocente que disputou concursos de beleza na infância, e virou um símbolo de resistência contra Capitão Pátria.

Para sua intérprete, a personagem virou esse ícone não pela expectativa alheia, mas por sua personalidade imutável. Segundo Moriarty, Annie olha para o mundo sob a perspectiva de "como posso torná-lo um lugar melhor?". É o que ela faz assim que entra para os Sete. Quando entende toda problemática do supergrupo, Luz-Estrela começa a questionar seu lugar ali.

"Percebe que não pode, então deixa os Sete e se junta aos The Boys, mas é tudo uma questão de estar presente em cada momento com a pergunta: 'O que posso fazer agora para ainda alcançar o objetivo original que eu tinha?'. Só que isso é feito de uma forma muito diferente", comentou a atriz. "Nada do que ela faz é baseado em expectativas, o que acredito ser um testamento de sua força, porque o que o Capitão Pátria fez com ela publicamente é horrível — teve o seu aborto exposto publicamente".

"Se fizesse as coisas para atender às expectativas do público — e até mesmo às expectativas privadas —, ela não estaria onde está. Ela faz as coisas para fazer o bem no final."

Como resumiu Fukuhara, *The Boys* é uma história de azarões — e o desfecho permanece incerto até o episódio final, previsto para 20 de maio no Prime Video: "É muito parecido com a realidade. Não saber o resultado é o que torna tudo empolgante".

O Futuro da IA

A nova temporada de *The Comeback*: O Retorno, sátira hollywoodiana de Lisa Kudrow, assim como as duas anteriores, apresenta um retrato desconfortavelmente próximo do que está por vir para a indústria do entretenimento — felizmente, com muitas risadas no caminho

Por **Jennifer Silverman**

É possível argumentar que Lisa Kudrow nunca foi tão engraçada quanto quando aparece como Valerie Cherish no *Hot Ones* na nova temporada de *The Comeback: O Retorno*. Sem entender o formato do (muito real) programa de entrevistas (responder perguntas enquanto come asas de frango cada vez mais apimentadas), a exasperação, confusão e agonia visceral de Cherish são um espetáculo cômico de assistir. É quase uma piada descartável — a cena literalmente passa após os créditos de um episódio do final da temporada — mas prova que, quando Kudrow se entrega à ideia, é difícil igualá-la.

Isso é importante lembrar porque, ao longo de suas duas décadas, *The Comeback* nem sempre foi discutida como uma comédia pura. Em vez disso, a série recebe elogios merecidos por sua crítica profética à indústria da televisão. Ao acompanhar Valerie, uma estrela de sitcom envelhecida e egocêntrica que luta para se manter empregada e relevante, a série também expõe os problemas maiores que o meio enfrenta.

A primeira temporada, exibida em 2005, focou na ascensão da televisão de reality, enquanto a segunda, de 2014, destacou o crescimento do streaming e da chamada TV de prestígio. Ambas foram dolorosamente engraçadas (muitas vezes apenas dolorosas), mas o humor às vezes se perde porque o tempo mostrou que até seus momentos mais exagerados eram assustadoramente precisos. Há um momento na estreia da segunda temporada em que Valerie esbarra, meio sem querer querendo, em Andy Cohen, magnata do reality show. Após fracassar na tentativa de entrar em *The Real Housewives of Beverly Hills* por não querer ser "louca o suficiente" diante das câmeras, ela se inclina e sussurra: "Agora eu entendi, ok? Eu me levava a sério demais". Pois é. Faz sentido.

O tempo dirá se a terceira temporada, que aborda a iminente revolução da IA, será igualmente visionária, mas, se for, a invasão dos robôs não vai ser nada boa. A estreia nos traz de volta a Valerie, 12 anos após ganhar um Emmy e agora ocupando uma posição um pouco mais elevada no ecossistema de Hollywood. Seu casamento com Mark (Damien Young) vai bem. Sua participação em *The Traitors* gerou um meme viral. Para se manter relevante, ela conta com um produtor que cuida de suas redes sociais, com um podcast de celebridades inútil intitulado *Cherish the Time* e está prestes a começar a trabalhar em uma nova sitcom multicâmera sobre uma "mulher de uma certa idade" para a rede NuNet (não confundir com a Net — que, como explica seu empresário, mu-

FOTO: DIVULGAÇÃO

dou depois que a "Comspot Communications" comprou tudo e rebatizou como NuNet).

O novo programa de Valerie, *How's That?!*, celebra abertamente seu conceito básico, com plateia ao vivo, bordões e piadas cafonas. Até o lendário diretor de sitcom James Burrows, que trabalhou com Kudrow em *Friends* e aparece como ele mesmo em todas as temporadas de *The Comeback*, está a bordo para dirigir o piloto. A única coisa que falta em *How's That?!* são roteiristas. Em vez disso, um programa de IA cospe roteiros clichês em horas — não semanas — porque a NuNet quer criar um programa apenas envolvente o suficiente para que as pessoas o deixem passando "enquanto fazem... qualquer coisa", como diz um funcionário da emissora. O objetivo não é fazer algo excelente, mas algo "bom o suficiente".

É uma premissa envolvente dos criadores Kudrow e Michael Patrick King (*And Just Like That...*). Ao mesmo tempo, a temporada se dedica a aprofundar as histórias de personagens já queridos e a introduzir novos. Há espaço para a crise de meia-idade de Mark, a jornada de autoconhecimento do empresário de Val, Billy (Dan Bucatinsky), a perda de seu querido cabeleireiro Mickey (interpretado pelo falecido Robert Michael Morris, que morreu em 2017 e recebe uma bela despedida no terceiro episódio) e seu reencontro com a produtora de reality Jane (Laura Silverman), talvez a figura mais trágica da série, uma idealista que constantemente se vende. Ella Stiller aparece como Patience, guru de redes sociais de Valerie; Jack O'Brien interpreta com doçura seu novo cabeleireiro; e Andrew Scott, fazendo de tudo para apagar qualquer resquício do "Hot Priest", vive um executivo da NuNet extremamente viscoso. É muita coisa para apenas oito episódios (ah, os streamings e suas temporadas curtas).

Em um elenco tão cheio de talentos, John Early e Abbi Jacobson roubam a cena como a dupla de showrunners Josh e Mary, contratados para "cuidar" da IA — apelidada de "AL" — em *How's That?!*, um trabalho no qual nenhum dos dois realmente se concentra. Para reforçar que a nova tecnologia não muda maus comportamentos, Josh espelha muitos dos traços degradantes e destrutivos de Paulie G (Lance Barber), o antagonista das duas primeiras temporadas. Como Paulie, o ego de Josh não lida bem com a perda de controle — o que se torna um problema, já que AL, a serviço da diretriz de "bom o suficiente" da emissora, tem a palavra final.

De forma admirável, o debate de *The Comeback* sobre os méritos do "excelente" versus o "bom o suficiente" não é unilateral. Afinal, a televisão é um negócio em que milhares de pessoas trabalham, e um programa mediano pode empregar tanta gente (menos alguns roteiristas)

> «*The Comeback* mostra uma atriz que sofre com o ostracismo e planeja seu retorno aos holofotes de Hollywood»

quanto um vencedor do Emmy. Ainda assim, King, Kudrow e companhia deixam clara sua posição ao colocar o monólogo heroico em defesa dos roteiristas na boca de Burrows, o integrante mais respeitado do elenco. Embora impressionado, ainda que relutantemente, com a eficiência de AL em produzir piadas eficazes, ele explica por que isso não basta. "Eu vi todas aquelas piadas chegando, e você também", diz Valerie. "'Surpreendente' só vem de um grupo de roteiristas, reunidos num canto, se esforçando ao máximo para criar algo melhor. É o cara gordinho que é um alcoólatra secreto. É o homem gay que, apesar de tudo que já fez, ainda se odeia um pouco. Ou a mulher engraçada que ficou invisível por tempo demais. Eles transformam toda essa dor em piada. E, Val, essas almas belas e quebradas são o que tornam algo grandioso".

Apostar no estereótipo de que apenas a dor pode gerar grande comédia é uma escolha ousada ao argumentar contra um programa de IA que também se apoia em estereótipos. Mas o ponto maior permanece — a necessidade de humanidade no processo criativo. Por mais sombria que seja em relação à IA — que um dos roteiristas chama de "evento de extinção" — *The Comeback* não esconde sua verdadeira essência. Ao longo de três temporadas, por mais que brinque com a destruição da TV roteirizada, o que a série melhor mostra são os pilares humanos da indústria que a mantêm viva: tanto os bons (talento, competência, colaboração) quanto os ruins (etarismo, sexismo, estupidez). A cada temporada, Valerie se destaca nos primeiros, enquanto continua sendo constantemente bloqueada pelos segundos.

A terceira temporada pega essa ideia e a leva adiante. À medida que problemas surgem em torno do trabalho de AL — e, de forma mais dramática, do comportamento de todos ao redor de AL — o programa perde membros da equipe. Acontece que Valerie é uma das poucas com experiência real para fazer uma sitcom. Tendo recebido um crédito de produtora executiva em *How's That?!* mais como vaidade, o papel logo ganha vida própria. O poder adora um vácuo, e Valerie assume com competência, trabalhando com outros profissionais e guiando o processo a um sucesso bom, ainda que não grandioso.

Não é coincidência que Valerie, uma mulher de certa idade, só passe a ter posição de poder quando tudo já desmoronou. De forma reveladora, 20 anos após o início de *The Comeback*, os tomadores de decisão com controle final sobre a carreira de Valerie continuam sendo homens, e sua necessidade de se submeter e agradá-los nunca muda. Talvez o exemplo mais brutalmente honesto disso aconteça quando Valerie, convocada para uma reunião à la *O Poderoso Chefão* em um escritório escuro, se senta com um grupo de showrunners homens no estilo de Dick Wolf, que dominam a indústria há décadas (representados, talvez até bem demais, por Bradley Whitford, Adam Scott e Justin Theroux). Esses homens, que nunca contrataram Valerie — ou sequer, presume-se, a consideraram no mesmo nível — agora precisam da ajuda dela. E, ainda assim, a forma como pedem esse favor é uma mistura de ameaças e piadas idiotas. Valerie detém o poder na sala, mas ninguém — nem mesmo ela — consegue transcender os papéis que lhes foram atribuídos e reconhecer isso; ela sempre quer agradar. Como diz seu colega de elenco na sitcom (interpretado pelo sempre excelente Tim Bagley): "Por que eu estou sempre defendendo pessoas que não têm o meu melhor interesse em mente?"

Tudo isso parece engraçado? Cena por cena, talvez não seja tão gargalhante quanto as temporadas anteriores, mas, quando as oportunidades surgem, todos entregam o melhor. Lisa Kudrow continua brilhante, e os roteiristas (de verdade) recheiam cada episódio com pequenas piadas e comentários de passagem — um programa de sucesso chamado *She-R* (sobre médicas de pronto-socorro, naturalmente); uma chamada de Zoom da emissora cheia de funcionários da geração Z com nomes como Lowen, Egypt, Arbor e Ridley; Valerie se debatendo durante a gravação de Hot Ones. Como Burrows explica em certo momento sobre seu contrato: "Eu tenho uma cláusula de diversão. Se eu não estiver me divertindo, estou fora." Em *The Comeback*, ele ficaria.

O FILME MAIS POLÊMICO DO ANO

Em *Yes!*, o cineasta israelense Nadav Lapid usa um estilo incandescente para lançar um olhar frio e direto sobre sua terra natal

Por **David Fear**

Os protagonistas, Yasmine (Efrat Dor, à esquerda) e Y. (Ariel Bronz, à direita), em ménage com uma socialite (Idit Teperson)

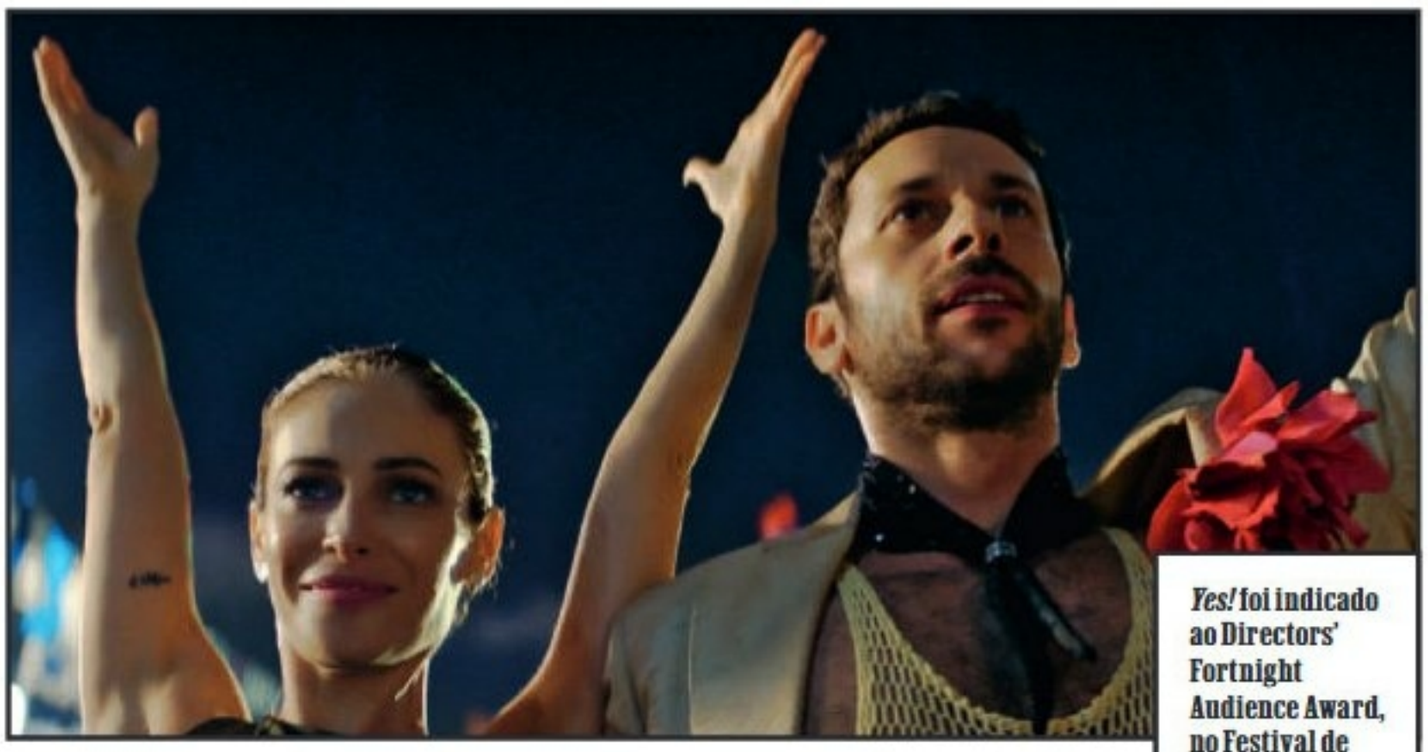
FOTOS: DIVULGAÇÃO

Começa não com um estrondo, mas com uma bacanal que faria Calígula corar. Pessoas vestidas com elegância dançam de forma provocante ao som de "Be My Lover", do La Bouche, incluindo vários soldados uniformizados e um rabino. Uma mulher com um vestido brilhante e curto beija desconhecidos antes de subir em uma mesa para dançar. Um homem simula sexo oral com uma baguete. Logo, as pessoas começam a mergulhar suas cabeças em tigelas de ponche. Bêbado, ele cambaleia para trás e cai em uma piscina. Uma multidão se reúne. A mulher tira a roupa e pula na água, puxando-o para fora; revivido, ele inicia uma espécie de duelo musical com oficiais militares. Grita o refrão "la-da-da-dee, da-da-da-daah" do hit dançante, enquanto os oficiais berram "Love Me Tender", à maneira de um canto patriótico. "Deixe-os ganhar", aconselha ela, com sabedoria. Eventualmente, a festa termina. O casal passará o restante da madrugada em um ménage à trois com uma socialite.

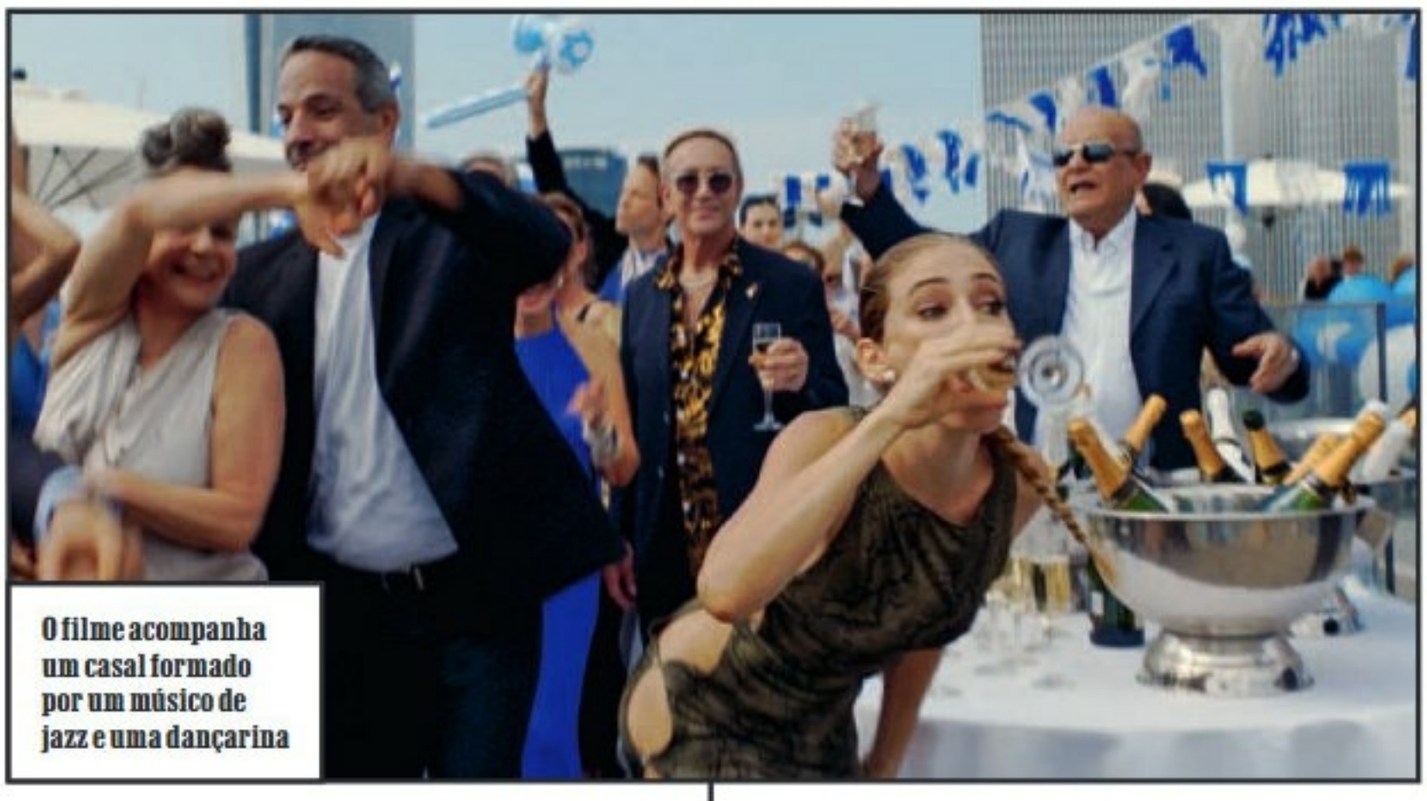
Desde o início, *Yes!* — o mais recente "disparo" do roteirista e diretor Nadav Lapid — quer lhe dar um tapa para acordá-lo. Não há tempo para delicadezas em um período de conflito, tragédia e vulgaridades infinitas. Possivelmente o cineasta mais importante surgido em Israel em várias gerações e uma figura central no cinema mundial, Lapid se especializa em estudos de personagens e em constantes questionamentos sobre como estruturas de poder (sociais, nacionais e globais) moldam vidas. Ele já disse que essa história de uma classe criativa presa em um sistema corrupto, que recompensa a falta de moral, poderia se passar em qualquer grande metrópole: Londres, Paris, Nova York ou Los Angeles. O plano, acrescentou o diretor, era filmar nos Estados Unidos e escalar Joaquin Phoenix como protagonista. Ele estava brincando. Talvez.

O fato de Lapid ambientar e filmar a história em sua cidade natal, Tel Aviv — em um país com o qual mantém uma relação volátil — acrescenta camadas a essa sátira envenenada. Tanto setores da direita quanto da esquerda em Israel criticaram o filme. Ainda assim, o equivalente local ao Oscar lhe rendeu várias indicações. Distribuidores internacionais elogiaram o cineasta, mas trataram o longa como se fosse radioativo. *Yes!* é facilmente o filme mais controverso a chegar aos cinemas neste ano até agora. E também, apesar do estilo excessivo e da narrativa transbordante de Lapid, um dos mais sóbrios e necessários.

O casal visto entre os ricos e poderosos se chama Y. (Ariel Bronz) e Yasmine (Efrat Dor). Ele é pianista e compositor; ela, dançarina. Eles amam o filho pequeno, Noah. Amam sua vida boêmia de classe média alta. E se amam intensamente. O ménage à trois lhes abre portas para um círculo ainda mais elitista, alimentando o desejo de ascensão social. Isso os leva, por exemplo, ao iate de um oligarca russo (interpretado por Aleksy Serebryakov), que faz uma proposta a Y.: escrever "um novo hino para uma nova Israel... um hino para a geração da vitória". Se aceitar, ele garantirá o futuro de sua família. O preço: sua alma.



Yes! foi indicado ao Directors' Fortnight Audience Award, no Festival de Cannes 2025



O filme acompanha um casal formado por um músico de jazz e uma dançarina

Na primeira metade de *Yes!*, Lapid mantém tudo no máximo — há momentos em que parece que a própria câmera está em convulsão. O caos reina: cenas que lembram números musicais distorcidos, festas povoadas por figuras grotescas à la Federico Fellini, ou até o relacionamento do casal culminando com ambos atravessando uma porta com a cabeça. Bronz, conhecido como performer e poeta avant-garde, revela-se um excelente comediante físico. O mesmo vale para Dor, ex-bailarina que equilibra sensualidade, humor físico e expressão corporal. É o tipo de filme que insere, sem cerimônia, imagens grotescas e surreais — como a cabeça de um guru de relações públicas se transformando em uma tela de vídeo.

Mas o que aparece nesse "monitor" é metade da sombra que sustenta todas as provocações do roteiro. Ao se gabar de carregar em sua mente uma cena horrível ligada a uma data que entrou para a história, esse publicitário se torna um canal para imagens tão perturbadoras que não as vemos — apenas Y. vê. Seu grito, enquanto o filme corta para um plano distante, já basta. O espectro de 7 de outubro de 2023 paira sobre o filme, assim como suas consequências, que deixaram milhares de mortos. Quando Y. vai até a fronteira — primeiro em busca de inspiração, depois para reencontrar Lea (Naama Preis), uma antiga paixão —, o ritmo desacelera. Lea trabalha traduzindo relatos de testemunhas da tragédia, e o longa permite que ela narre esses depoimentos de forma direta e impactante. Personagens também falam explicitamente sobre o que acontece em Gaza, enquanto fumaça surge no horizonte. Massacres geram massacres.

Há indícios ao longo do caminho — de uma referência ao quadro *The Pillars of Society* (1926), de George Grosz, à quebra da quarta parede (quando um personagem se volta ao público e pergunta: "Cada um de vocês tem um segredo que poderia custar sua vida... Nós temos uma guerra. E vocês?") — que revelam o posicionamento de Lapid sobre o presente. Quando finalmente ouvimos o resultado do trabalho de Y., inspirado em uma canção de propaganda real, fica claro que não estávamos vendo uma comédia. *Yes!* é, na verdade, um filme de horror — em que nenhuma distração consegue abafar o ruído da morte. Embora Lapid sempre tenha inserido críticas políticas em sua obra, de *O Policial* (2011) a *Sinônimos* (2019), aqui tudo parece mais direto e furioso. Nenhum excesso esconde a indignação.

"Existem apenas duas palavras no mundo", diz Y. ao filho, enquanto pedala pelas ruas e praias de Tel Aviv. "Sim e não. Qual você escolhe?" O próprio filme opera nessa lógica binária. Você pode ignorar o que é feito em seu nome? Sim ou não. Se o poder estivesse ao seu alcance, você o agarraria a qualquer custo? Sim ou não. Vale a pena se submeter a esse grito existencial diante de uma sociedade tomada por luto e nacionalismo? Essa última pergunta, ao menos, é mais fácil. A resposta está no título.

UMA BANDA DOS FÃS

Bruce Dickinson, Adrian Smith e dois brasileiros ouvidos no novo documentário *Burning Ambition* discutem o filme, Iron Maiden e sua dedicação ao ativo mais importante de um artista: o público

Por **Igor Miranda**

"Não importa se você é homem, mulher, muçulmano, cristão, católico, judeu... nada disso importa: se você é fã de Iron Maiden, então você é fã de Iron Maiden e faz parte de um mundo e uma família, meus amigos." Esta frase não apenas inicia *Iron Maiden: Burning Ambition*, documentário sobre a lendária banda inglesa de heavy metal. É, basicamente, o mote de todo o filme, que chega às telas brasileiras via Universal Pictures, e coloca o próprio público do grupo no centro da trama.

Dirigido por Malcolm Venville e produzido por Dominic Freeman, o longa-metragem celebra o 50º aniversário do Maiden em meio a outras iniciativas, como uma turnê especial (*Run for Your Lives*), um livro (*Infinite Dreams*) e linhas de guitarras e baixos da Fender. São aproximadamente 100 minutos de imersão na trajetória de uma banda que reescreveu a história da música pesada em diferentes frentes para além do som: desde o visual, com um mascote (Eddie) estampando todas as capas de discos e itens de *merchandising*, até o promocional, com um modelo de negócio de relativa independência que pouco dependeu da mídia *mainstream* e construiu um público global muito antes da popularização da internet.

FOTO: PER OLE HAGEN/REDFERNS

***Burning Ambition*, documentário sobre os 50 anos de Iron Maiden, estreia nos cinemas brasileiros em maio**

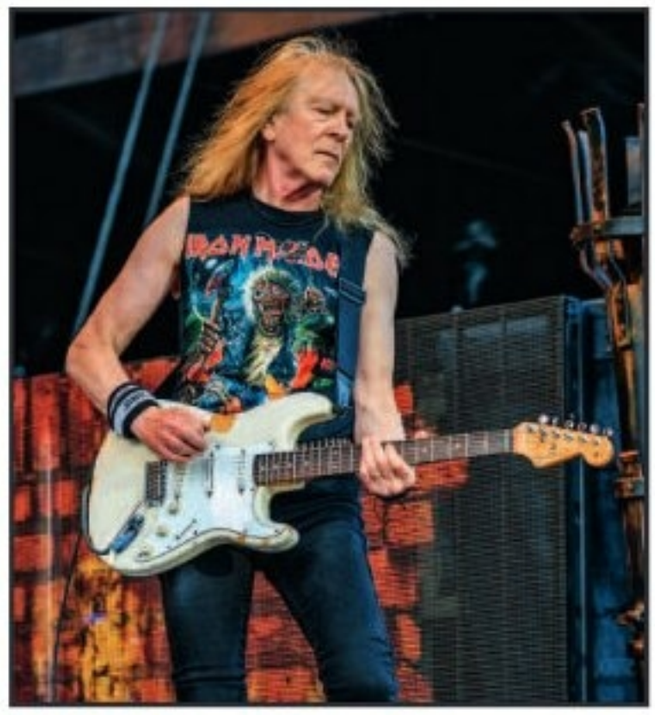
"Temos uma base de fãs que vem de alguns lugares bem incomuns e inesperados", admite o vocalista Bruce Dickinson, em entrevista coletiva com a presença d*a Rolling Stone Brasil*. "Adoraria tocar no Irã, pois sabemos que temos fãs lá; eles falam conosco quando não são assassinados pelos aiatolás malucos de lá. Também temos fãs em Israel e eu adoraria poder tocar em Israel sem que as pessoas digam: 'Ah, você é contra isso ou aquilo'. Não: isso é unir o mundo. Adoraria fazer um show em Moscou e outro em Kiev para nossos fãs. Mas, no momento, os governos de todos esses diferentes lugares estão ocupados tentando bombardear uns aos outros. A música pode te ajudar a escapar das coisas, mas ela tem um limite. Apenas as pessoas podem mudar as situações."

«Em termos de criar música, aprendi nada com os fãs. Mas aprendi a ter respeito pela resiliência deles com o que fizemos ao longo dos anos. A dedicação é extraordinária»

(Bruce Dickinson)

Acima, esq. para dir.: Dave Murray e Adrian Smith

Abaixo, esq. para dir.: Nicko McBrain e Janick Gers



Não é exagero quando se diz que o fã está no centro de *Burning Ambition*. Muitos deles são entrevistados, e em diferentes idiomas. Alguns são célebres, como Tom Morello (Rage Against the Machine), Gene Simmons (Kiss), Chuck D (Public Enemy) e o ator Javier Bardem, vencedor do Oscar. Outros são desconhecidos e têm diversas origens e ocupações, mas estão unidos pelo amor destinado ao Maiden. A prova do alcance global do grupo está nos relatos de pessoas em regiões que vivenciaram conflitos, como Polônia (visitada pelos músicos ainda em tempos de Cortina de Ferro), Líbano (assolado por uma guerra civil) e Kosovo (também impactado por um conflito geopolítico).

Chega ao ponto de os fãs aparecerem falando em filmagens recentes e os músicos, não. Surgem apenas em áudio as entrevistas contemporâneas de Dickinson, dos guitarristas Dave Murray, Adrian Smith e Janick Gers, do baixista e fundador Steve Harris e do baterista afastado Nicko McBrain, bem como dos ex-vocalistas Paul Di'Anno (falecido em 2024) e Blaze Bayley. As aparições em vídeo ocorrem por meio de registros de arquivo, seja conversando, tocando ou em outras atividades.

"O documentário não teve nada a ver com o Iron Maiden: a produtora de filmes entrou em contato com nossos empresários trazendo a ideia", confidencia Adrian Smith em conversa exclusiva com a *Rolling Stone Brasil*. "Acho bem legal nossas entrevistas surgirem apenas como vozes por cima da narração. É maravilhoso ter algo documentado assim. Achei que seria desconfortável para eu assistir, porque é o que atores dizem quando se veem, mas gostei bastante."

ROCK IN RIO 1985

Como não poderia deixar de ser, o Brasil teve bastante espaço no longa-metragem. Há uma seção específica sobre o Rock in Rio 1985, auge popular da banda e retrato de sua ofensiva global. Surgem, ainda, imagens de outros momentos, como a performance no mesmo festival em 2001 e a apresentação final de Nicko McBrain, em São Paulo, em 2024. Curiosamente, dois fãs locais são entrevistados em português brasileiro.

Um deles é o jornalista Eduardo Dutra Maia, 55 anos, residente em Juiz de Fora (MG). Fã desde 1983, esteve presente na edição de 1985 do festival carioca. "Eu era um garoto de 13 anos e o show no Rock in Rio fez algo tomar conta de mim, pois lembro até do calor que vinha do chão naquela noite", afirma. "Fui recompensado, porque o

FOTOS: PER OLE HAGEN/REDFERNS, RICARDO RUBIO/EUROPA PRESS VIA GETTY IMAGES, LARRY MARANO/GETTY IMAGES

Steve Harris é o fundador do Iron Maiden e único a participar de todas as formações

Iron Maiden é a banda mais fiel aos fãs. A prova disso foi quando voltaram com Bruce Dickinson em 1999. Talvez eles continuassem com Blaze Bayley — um grande cantor —, mas deram ouvidos ao clamor dos fãs pelo retorno de Bruce."

Giuseppe Amado de Oliveira, 56 anos, residente no Rio de Janeiro (RJ), começou a gostar do grupo na mesma época. Ficou obcecado pela música e pelas artes, estampadas por Eddie. Não à toa, virou designer e hoje é professor universitário e pesquisador da área. "Minha relação com a banda sempre foi de presença; nunca parou", garante. "Em algumas fases da vida, até ouvi menos por dar atenção a novos sons e artistas, mas nunca abandonei o Iron. Quando preciso ouvir algo que representa minha raiz, é Iron Maiden que escuto. Além disso, acho importante a conexão visual deles com todos os produtos que lançam — isso te acompanha com o tempo."

Tendo visitado o Brasil inúmeras vezes para shows do Maiden e carreira solo, bem como palestras e outras iniciativas, Dickinson aponta as razões pelas quais o público local aprecia tanto o Maiden. "Os brasileiros querem se conectar e se envolver automaticamente — se você retribuir, eles voltam para te ver", diz em resposta à *Rolling Stone Brasil*, antes de completar: "Além disso, Brasil tinha e ainda tem uma população mais jovem em comparação à Europa, onde todos são velhos. O país é super jovem, vibrante e enérgico; ou seja, perfeito para nosso tipo de música".

Na opinião de Smith, tem muito a ver com paixões em comum entre Iron Maiden e brasileiros, bem como a predileção do público local por "bandas reais e vivas". "O Maiden cresceu tocando ao vivo, levando a música para o povo, e acho que as pessoas apreciam isso", reflete. "Sei que, no Brasil, as pessoas amam futebol e música — basicamente igual a nós, então temos isso em comum. Apenas tenho a sensação de que vocês gostam do fato de ser uma banda real e viva. Não consigo colocar em palavras, mas está lá. Construímos isso a cada visita ao Brasil: sempre tentamos ir até aí, gostamos de tocar no país. Espero que continue assim por muito tempo."

De acordo com a base de dados *Setlist.fm*, o Brasil é o nono país onde o Iron Maiden mais se apresentou até o momento de fechamento deste texto, com 46 shows. O grupo esteve no país em 1985, 1992, 1996, 1998, 2001, 2004, 2008, 2009, 2011, 2013, 2016, 2019, 2022 e 2024. Há, ainda, duas performances agendadas para os dias 25 e 27 de outubro, em São Paulo.

ALTOS E BAIXOS

Os períodos mais críticos vivenciados pelo Iron Maiden — e retratados em *Burning Ambition* — não estão, necessariamente, relacionados à queda de popularidade. A derrocada na segunda metade da década de 1990, com Blaze Bayley nos vocais, realmente ocorreu, mas a situação também ficou sensível quando a banda vivia seu melhor momento comercial, no meio dos anos 1980.

Coincide, justamente, com a primeira visita ao Brasil. À época, o Maiden havia emendado uma sequência de álbuns celebrados: *The Number of the Beast* (1982), *Piece of Mind* (1983) e *Powerslave* (1984), os três primeiros com Bruce Dickinson nos vocais. O ritmo na estrada era tão intenso que a *World Slavery Tour*, turnê responsável por promover o último disco citado, teve 189 shows entre 9 de agosto de 1984 e 5 de julho de 1985. Média de quatro apresentações por semana, em locais espalhados pelo mundo.

Dickinson descreve a fase áurea como "cinco anos em uma gaiola de ouro". O cantor sabia que estava no auge, mas tinha consciência de que aquilo poderia acabar com sua vida. Em outras ocasiões, disse que Steve Harris reagiu a tudo aquilo isolando-se e Adrian Smith, com o alcoolismo. E o próprio Bruce? Vício em sexo.

O cantor comparou o período a "assistir a uma chaleira ferver — de repente, ela começa a apitar". "Você não percebe que está ficando um pouco louco até o último minuto, porque está completamente deslocado da realidade: só vai do hotel para o ônibus de turnê, avião, etc", reflete. "Quando não está vivendo a adrenalina do palco, está correndo por aí tentando transar, pois é jovem o suficiente. É uma euforia melhor do que as drogas, mas irá consumir todos os seus recursos, inclusive emocionais."

Mais analogias? Ok, Bruce oferece outra. Segundo ele, artistas são como balões: entram no palco vazios e se enchem até que fiquem enormes. "Mas quando você sai, esse balão gigantesco não passa pela porta da frente", arremata. A única solução, conforme seu relato, é "deixar toda a energia, paixão, adrenalina e intensidade apenas no palco".

> ‹‹Você não precisa ser de um jeito específico para ser fã de Iron Maiden. Todos podem aproveitar a camaradagem e a coesão de um show da nossa banda››
>
> (Bruce Dickinson)

Sobrinho de Michael Jackson, Jaafar estreia como ator na cinebiografia do Rei do Pop. Juliano Valdi vive MJ na infância

Man in the Mirror

Além das polêmicas, Michael Jackson tinha questões com exposição pública — e esses foram alguns dos motivos que atrasaram sua cinebiografia

Por **Steve Knopper**

FOTO: DIVULGAÇÃO UNIVERSAL PICTURES

O filme biográfico de Michael Jackson, *Michael*, termina em 1988, com o Rei do Pop deslizando pelo palco de um estádio em Londres, apresentando-se com a camiseta branca e jaqueta preta cheia de zíperes, enquanto fãs choram diante dele. Mas onde está o resto da história? Como David Fear, da *Rolling Stone*, observou em sua crítica, não há nenhuma menção às múltiplas acusações de abuso sexual que Jackson enfrentou pelo resto de sua vida nos anos seguintes. A inclusão — ou a falta dela — é um dos muitos motivos pelos quais levaram tantos anos para trazer a história (parcial) da vida do cantor para as telas.

Embora variações da história de Michael Jackson tenham sido contadas ao longo das décadas, em séries de TV como *The Jacksons: A Family Dynasty*, na autobiografia de Jackson, *Moonwalk*, e em entrevistas como o especial de Oprah Winfrey gravado no famoso rancho Neverland do cantor, a primeira menção a uma cinebiografia completa planejada surgiu há quatro anos. "Sentado no Dodger Stadium assistindo à turnê Victory", anunciou na época o produtor Graham King, que supervisionou o sucesso da cinebiografia do Queen, *Bohemian Rhapsody* (2018), "eu jamais poderia imaginar que, quase 38 anos depois, teria o privilégio de fazer parte deste filme". Isso foi há anos. Aqui estão seis razões pelas quais o longa só saiu em 2026.

O PRÓPRIO MICHAEL JACKSON TINHA MEDO DE CONTAR SUA HISTÓRIA

Em *Moonwalk*, de 1988, coeditado por sua amiga Jacqueline Kennedy Onassis, Jackson reconheceu sua aversão a revelar cada detalhe de sua vida. Ele não gostava de olhar as pessoas nos olhos em público, escreveu, porque "há tão pouca privacidade na minha vida que esconder um pouco de mim é uma forma de me dar um descanso". Como lembrou recentemente a revista *The New York Times Magazine*, Jackson falou disso em uma reportagem da revista *People* de 1984 sobre seu encontro nos bastidores com Bruce Springsteen durante a turnê Victory dos irmãos Jackson. Depois que Springsteen disse que seus fãs "ficam loucos" quando ele fala, Jackson respondeu: "Ah, eu nunca conseguiria fazer isso. Parece que as pessoas estão descobrindo algo sobre você que não deveriam saber". Em uma nota para a edição de *Moonwalk* de 2009, a coeditora Shaye Areheart disse que Jackson quase cancelou o projeto depois de revisar uma cópia. "Acho que ele, de repente, se sentiu terrivelmente exposto", escreveu. "Ele se sentiria confortável em deixar o mundo saber de seus sentimentos e pensamentos? Eventualmente, ele se acalmou e deixou para lá, e começamos a imprimir."

DURANTE SUA VIDA, HOLLYWOOD RELUTOU EM FAZER FILMES COM O REI DO POP

Michael Jackson já havia estrelado como o Espantalho em *O Mágico Inesquecível* (1978) e interpretado o papel principal em *Captain EO* (1986), um curta-metragem de Francis Ford Coppola exibido nos parques temáticos da Disney. Ele queria fazer mais filmes, a ponto de contratar o veterano produtor de cinema Sandy Gallin como seu empresário no final da década de 1980. "Ele admirava muito a carreira de Elvis Presley e sentia que sua própria carreira deveria ser moldada por ela", disse Rusty Lemorande, produtor do curta. "Ele achava que Elvis Presley era mais lembrado por seus filmes do que por suas performances [musicais]." Mas muitos estúdios não queriam trabalhar com ele — e às vezes eram desagradáveis a respeito: "Sempre que ele queria fazer um filme, era impossível", disse Howard Rosenman, produtor de *O Pai da Noiva* (1991), do filme original de *Buffy, a Caça-Vampiros* e outros. "Como você poderia colocar aquele rosto em uma tela de 18 metros de altura, com aquele nariz e aquela pele? Ele parecia o Fantasma da Ópera."

APÓS A MORTE DO ARTISTA, SEU ESPÓLIO FOI INUNDADO POR OUTROS PROJETOS

O primeiro filme póstumo sobre Michael Jackson, *This Is It*, foi um documentário sobre a preparação do cantor para sua planejada turnê de despedida. Cerca de oito meses após o lançamento, o filme arrecadou US$ 72 milhões (R$ 356 milhões) nos Estados Unidos, US$ 188 milhões (R$ 931 milhões) no exterior, US$ 43 milhões (R$ 212 milhões) em vendas de DVD e US$ 25 milhões (R$ 123 milhões) em aluguéis de DVD, segundo a *Billboard*. Depois disso, a marca Michael Jackson gerou receitas enormes de forma consistente, desde os espetáculos do Cirque du Soleil baseados em suas músicas em Las Vegas e outros locais até o musical da Broadway, *MJ: The Musical*. Não se sabe ao certo quando o produtor Graham King assumiu a direção da cinebiografia, mas declarou ao público da Cinema-Con 2024 que vinha se preparando há sete anos, processo que incluiu entrevistas com centenas de pessoas.

O DOCUMENTÁRIO *DEIXANDO NEVERLAND* ASSUSTOU CINEASTAS

O documentário da HBO de 2019 focou em Wade Robson e Jimmy Safechuck, que conheceram Jackson quando crianças e entraram com processos contra seu espólio, acusando-o de abuso sexual infantil — o depoimento foi tão impactante que a plateia do Festival de Sundance daquele ano ficou completamente em choque. Tal conteúdo por si só já poderia ter sido suficiente para dissuadir Hollywood de mitificar a vida do Rei do Pop, mas após o lançamento de *Deixando Neverland*, o espólio de Jackson processou a HBO por divulgá-lo, alegando que a emissora violou um acordo que a impedia de "difamar" o artista. Em 2020, um tribunal decidiu a favor do espólio, levando o caso para arbitragem. (O filme não está mais disponível em serviços oficiais de streaming.) E a revista *The Times* sugeriu que a possibilidade de descobrir uma cláusula semelhante de difamação no passado, como a que afetou a HBO, poderia dissuadir qualquer emissora de produzir um projeto futuro sobre Jackson.

EDIÇÕES DE ÚLTIMA HORA

Inicialmente, segundo vários relatos, a cinebiografia planejada de Michael Jackson focaria, pelo menos em parte, nas alegações de abuso sexual infantil contra o cantor em 1993. O diretor Antoine Fuqua chegou a recriar a batida policial daquele ano no rancho Neverland, durante a qual os policiais obrigaram Jackson a tirar a roupa para comparar seus genitais com as descrições de Jordan Chandler, o acusador de 13 anos. O artista acabou fazendo um acordo com Chandler em termos não divulgados — mas, no final do processo de produção do longa, os advogados de seu espólio encontraram uma cláusula no acordo que estipulava que nenhum filme poderia retratar ou sequer mencionar Chandler. Isso causou edição e refilmagens de última hora, a ponto de diluir o filme, de modo que sua tensão central se concentrasse entre Michael e seu pai abusivo e controlador, Joseph. O filme deveria ter estreado há um ano, mas foi adiado duas vezes devido a essas revisões de última hora, com um custo estimado entre US$ 10 e US$ 15 milhões (entre R$ 49 e R$ 74 milhões).

Segundo a *Variety*, a casa do roteirista John Logan foi danificada durante um incêndio, justamente quando os cineastas estavam elaborando um novo final. Então, em vez de terminar com um tom sombrio — a batida policial de 1993 — o filme termina triunfalmente com *Bad*.

"Tentaram falar mal do nu metal nos documentários de Woodstock '99, mas tudo o que fizeram foi elevá-lo. Saiu pela culatra"

Brian "Head" Welch

R$ 35,00

7 898034 594151